

**ULISSES PINHEIRO LAMPAZZI**

**EM BUSCA DO IMPÉRIO: A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL E  
POLÍTICA DE EDUARDO PRADO**

**FRANCA**

**2012**

**ULISSES PINHEIRO LAMPAZZI**

**EM BUSCA DO IMPÉRIO: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E  
POLÍTICA DE EDUARDO PRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista, campus de Franca. **Área de Concentração:** História e Cultura. **Linha de Pesquisa:** História e Cultura Política.

**Orientadora: Prof. Dra. Teresa Maria Malatian**

**FRANCA**

**2012**

Lampazzi, Ulisses Pinheiro

Em busca do Império : a trajetória intelectual e política de Eduardo Prado / Ulisses Pinheiro Lampazzi. –Franca : [s.n.], 2012  
109 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Teresa Maria Malatian

1. Brasil – História – Proclamação da República, 1889.  
2. Eduardo Prado – Crítica e interpretação. 3. Biografia. 4. Brasil – Política e governo. 5. Monarquia – Brasil. I. Título.

CDD – 981.05092

**ULISSES PINHEIRO LAMPAZZI**

**EM BUSCA DO IMPÉRIO: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E  
POLÍTICA DE EDUARDO PRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

**Área de concentração:** História e Cultura.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Maria Malatian

**BANCA EXAMINADORA**

**PRESIDENTE:** \_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Maria Malatian, UNESP/Franca**

**1º EXAMINADOR:** \_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. José Miguel Arias, UEL**

**2º EXAMINADOR:** \_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marisa Saenz Leme, UNESP/Franca**

Franca, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

*A Eduardo da Silva Prado, com quem convivi  
por três anos.*

## AGRADECIMENTOS

Este momento não seria possível sem as pessoas que aqui tentarei lembrar, uma a uma, como um dever de gratidão.

Gratidão a meus pais, que incondicionalmente me amaram desde o momento em que nasci, sacrificando sua juventude para que hoje aqui eu estivesse, concluindo meu mestrado. Para além desta vida, vocês têm o meu amor e minha admiração. Agradecer a minhas irmãs, Priscilla e Larissa, com as quais tenho ensinado e aprendido desde sempre e para sempre.

Agradecer aos velhos amigos que deixaram um pouco de si em cada abraço, em cada palavra: O estóico Adam; o libertário Mateus, eterno Faraó; Rafael, *sir* Falasco, talvez só você tenha a noção real do significado deste momento; Richard, amigo de calçada. Agradeço aos novos que sempre estiveram por aí, esperando nosso encontro: Juliana e Vitor, que souberam me amar e apoiar quando mais precisei: obrigado amigos.

Agradeço àquela que mais me apoiou para que eu iniciasse este mestrado e que, mesmo tendo a vida nos distanciando, carregarei para sempre dentro de mim. Mariana, obrigado por me ensinar que só o amor nos eleva para além de nós mesmos.

À minha mestra em palavra e exemplo: Luziane. Sem sua presença amorosa e enérgica em minha trajetória, hoje eu desconheceria o caminho que nos leva à verdade e à luz.

Agradecimentos especiais à Teresa Malatian, orientadora a quem devo este trabalho, por sua paciência e educação para que eu não desistisse quando pensei que não conseguiria concluir. Professora, algumas passagens de nossas vidas nunca esquecemos. Obrigado...

Enfim, agradeço a todos os envolvidos neste mestrado, funcionários da UNESP, professores que me guiaram desde a graduação. É dando que se recebe. É amando que se é amado.

Obrigado a todos, que a vida nos seja plena.

*Eu tenho um grande amor pelo passado. Certamente o homem deve viver seu tempo, mas a tendência para a contemplação do passado é um dom nobilíssimo da sua alma. Quem se aplica ao presente é movido, quase sempre, pelo interesse. Quem trata do passado é desinteressado e só o desinteresse enobrece, eleva e dignifica as aspirações dos homens.*  
Eduardo Prado, (diário pessoal)

LAMPAZZI, Ulisses Pinheiro. **EM BUSCA DO IMPÉRIO: A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL E POLÍTICA DE EDUARDO PRADO**. 2012. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Política) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2012.

## RESUMO

Eduardo Prado, membro de uma das mais importantes famílias cafeicultoras do estado de São Paulo no século XIX, foi também um dos principais articuladores do movimento monarquista após a Proclamação da República em 1889, utilizando de jornais pessoais, banquetes públicos e de suas próprias obras para exaltar o Império e atacar a República. Aproveitou também de sua privilegiada posição na Europa como representante de crédito para o café paulista para se encontrar com os principais representantes do Império que haviam perdido prestígio, tais como Joaquim Nabuco, visconde de Ouro Preto e visconde do Rio Branco, entre outros. No entanto, esquecido pela historiografia, foi apontado como intransigente defensor dos interesses ingleses, por conta da publicação de seu livro *A Ilusão Americana*, onde atacou as relações entre EUA e Brasil. Ignorou-se que o autor, através de seu ataque à República, refletiu não apenas sua formação europeia, como também o projeto nacional compartilhado com os defensores do Império, de que o Brasil não poderia abandonar suas raízes históricas, ao buscar na euforia americana seu modelo econômico. Eduardo Prado foi além, ao apoiar uma monarquia parlamentar, com a industrialização e imigração no país, sem desconsiderar suas características naturais como a exportação de bens naturais. Assim, sua postura não respondeu somente a seus interesses financeiros, como também à sua formação europeia, aliada a um forte interesse pela história do Brasil. O estudo de seus escritos políticos, históricos e de seus documentos pessoais, assomado à sua militância política e cultural pela monarquia, apresenta-o não só como um jovem ambicioso e *bon vivant*, mas um dos principais personagens políticos da primeira década republicana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Monarquismo; Eduardo Prado; Proclamação da República; Brasil; História Política.

LAMPAZZI, Ulisses Pinheiro. **EM BUSCA DO IMPÉRIO: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E POLÍTICA DE EDUARDO PRADO.** 2012. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Política) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2012.

### **ABSTRACT**

Eduardo Prado, a member of one of the most important coffee-growing families in the state of São Paulo in the nineteenth century, was also one of the main organizers of the monarchist movement after the Proclamation of the Republic in 1889, using newspaper personal, public banquets and his own works to exalt the Empire and the Republic attack. Also took advantage of its privileged position in Europe as a representative of credit for coffee Paulo to meet with key representatives of the empire that had lost prestige, such as Nabuco, Viscount of Ouro Preto and Viscount of Rio Branco, among others. However, forgotten by history, was appointed as an intransigent defender of British interests, due to the publication of his book *The Illusion American*, where he attacked the relations between the U.S. and Brazil. Ignored that the author, through his attack on the Republic, reflected not only his European training, as well as the national project shared with the defenders of the Empire, that Brazil could not abandon its historic roots, to seek in his American economic model euphoria. Eduardo Prado went further, supporting a parliamentary monarchy, with industrialization and immigration in the country, without disregarding its natural characteristics such as the export of natural resources. Thus, your posture not only responded to their financial interests, but also to his European training, combined with a strong interest in the history of Brazil. The study of his political writings, historical and personal documents, loomed for his political activism and the cultural monarchy, presents him not only as an ambitious young man and bon vivant, but one of the main characters of the first decade of Republican politicians.

**KEY-WORDS:** Monarchism; Eduardo Prado; Proclamation of the Republic, Brazil; Political History.

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

<b>1 FORMAÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>1.1 A família Prado.....</b>	<b>24</b>
<b>1.2 A Cidade de São Paulo.....</b>	<b>37</b>
<b>1.3 A Faculdade de Direito de São Paulo .....</b>	<b>39</b>
<b>1.4 Amigos / Leituras.....</b>	<b>43</b>
<b>1.5 O Catolicismo de Eduardo Prado .....</b>	<b>51</b>
<b>2 A LUTA MONÁRQUICA .....</b>	<b>53</b>
<b>2.1 Livros de Viagem.....</b>	<b>53</b>
<b>2.2 Livros de Luta Monárquica.....</b>	<b>59</b>
<b>2.2.1 <i>Fastos da Ditadura Militar no Brasil</i> .....</b>	<b>59</b>
<b>2.2.2 <i>A Bandeira Nacional</i>.....</b>	<b>68</b>
<b>2.2.3 <i>A Ilusão Americana</i> .....</b>	<b>70</b>
<b>2.2.4 Artigos publicados em <i>O Comércio de São Paulo</i>.....</b>	<b>74</b>
<b>2.3 Atuação Econômica .....</b>	<b>78</b>
<b>2.3.1 Representante dos Prado na Europa.....</b>	<b>78</b>
<b>2.4 Atuação Política .....</b>	<b>81</b>
<b>3 UM INTELLECTUAL BRASILEIRO .....</b>	<b>86</b>
<b>3.1 A fuga para os estudos .....</b>	<b>86</b>
<b>3.2 Obras, pesquisas e estudos.....</b>	<b>90</b>
<b>3.3 Eduardo Prado visto pelos outros / Homenagens póstumas.....</b>	<b>96</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>106</b>

## APRESENTAÇÃO

Eduardo Paulo da Silva Prado nasceu em 1860 e morreu de febre amarela em 1901, aos 41 anos de idade. Neste período de quatro décadas, não apenas sua vida se desenvolveu em meio a conflitos e transformações, mas também a história de sua província natal e do Brasil como um todo. Nascido em uma das mais importantes famílias paulistas, os Prado, sua trajetória política e intelectual seguiram caminhos que transcenderam os meros interesses econômicos das elites cafeicultoras, ligando-se em grande medida a uma proposta muito clara de como o Brasil deveria agir perante as novas configurações mundiais, sem desconsiderar suas raízes ibéricas e sua ligação com a grande lavoura, ao contrário de como vinha agindo a República proclamada por um golpe em que

Não houve sangue nem haverá decerto metralha; a anarquia não é popular, a revolta não saiu da população. Os revolucionários foram uns trezentos oficiais do exército e da armada, os anarquistas foram os generais e coronéis [...] Não serão os cidadãos que se deixaram privar de um governo livre que, por verem a liberdade suprimida, hão de sair à rua para reclamar a justiça ou reivindicar direitos. Os tempos não comportam másculas virtudes nem espartanismos perigosos.<sup>1</sup>

Este ideal foi calcado em grande medida em seus estudos históricos, realizados não só no Brasil como na Europa, onde procurava acumular o maior número possível de documentos brasileiros, formando uma espécie de centro de compatriotas em seu apartamento em Paris. Respondia também a interesses econômicos, em se tratando de um mediador em financiamentos de capital inglês a cafeicultores paulistas. Daí não ver com bons olhos a aproximação entre EUA e Brasil. Sua aversão a esta aproximação, no entanto, tocava também questões culturais, que este trabalho aborda para esclarecer certas questões acerca de suas atividades monarquistas. Dessa maneira, notamos que o autor de “A Ilusão Americana”, seu livro mais emblemático, já trazia traços de desaprovação sobre a postura dos EUA, frente seu gigantesco crescimento econômico desde os tempos de Império, quando viajou por todo o mundo colhendo informações e impressões que formariam seus dois volumes de viagens<sup>2</sup>, nos quais critica severamente os EUA e sua incessante busca pelo lucro financeiro. Para ele, faltava o peso histórico que a Europa possuía, o bom senso e o equilíbrio que só o velho continente poderia proporcionar. Vez por outra admira os padrões colossais do gigante do

<sup>1</sup> PRADO, Eduardo. **Fastos da Ditadura Militar no Brasil**. Portugal: [s.n.], 1890. p. 26.

<sup>2</sup> PRADO, Eduardo. **Viagens, América, Oceania e Ásia**. São Paulo: Escola Tipográfica, 1902. PRADO, Eduardo. **Viagens – A Sicília, Malta, O Egito**. Paris: V. Goupy e Jourdan, 1902.

Norte, assim como sua praticidade e racionalidade, oriundos de seu berço anglo-saxônico, mas condena o exagero e a imitação exacerbada que acabava por comprometer o “espírito-livre”, natural nos americanos. Esta crítica pode ser encontrada não só em seus primeiros escritos de viagem, como na sequência de suas obras. Este fato nos levará a pesquisar sobre sua formação intelectual, desde sua infância sob a tutela de governantas francesas, contratadas por Dona Veridiana Prado, mãe de Eduardo Prado e pioneira em trazer os costumes franceses para o Brasil, até sua curta relação com a Família Imperial e o contato com grandes vultos do Império que, como Visconde do Rio Branco, se tornaram seus amigos na causa comum dos estudos brasileiros e da defesa monárquica.

O estudo de sua formação, que o marcou para o resto da vida, não pode se furtar a analisar suas origens familiares, que também o impeliram a manter em qualquer situação o renovado interesse das elites produtoras, às quais sua família fazia parte. Os Prado, além do importante papel como cafeicultores e credores, conseguiram unir sua riqueza financeira com o prestígio político angariado com a ocupação de importantes cargos públicos, como nos mostra Darrell Levi acerca dos irmãos de Eduardo:

Antonio Prado desfrutou da mais espetacular e importante carreira. Um conservador, foi eleito vereador na cidade de São Paulo (1866), deputado provincial (a partir de 1866), e deputado federal (1869-75, 1885-1889), sendo nomeado ministro da Agricultura (1885-88), senador (1887), e, por um breve período de tempo, ministro das Relações Exteriores (1888). (...) Martinico, tornou-se um importante político republicano em São Paulo. Eleito pela primeira vez em 1878, foi o único republicano a freqüentar ininterruptamente a Assembléia Provincial até 1889. (...) Um terceiro irmão, Caio, serviu como presidente de duas províncias nordestinas, Alagoas e Ceará, de 1887 a 1889.<sup>3</sup>

Deste quadro político, surge uma das perguntas que norteará a pesquisa: como um jovem que não possuiu cargos políticos, ao contrário de seus outros irmãos mais velhos, conhecedor da escolha republicana do resto de sua família, pôde desenvolver um discurso tão radicalmente anti – republicano, marcado pela exaltação do Império que pouco havia conhecido (Eduardo Prado não fora um dos monarquistas mais entusiasmados na época do Império, como aponta Cândido Motta Filho<sup>4</sup>). Esta questão fora indicada por Maria de Lourdes Janotti:

---

<sup>3</sup> LEVI, E. Darrel. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 191-192.

<sup>4</sup> MOTA Filho, Cândido. **A vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967.

Exceção deve ser feita ao paulista Eduardo Prado, um dos principais sustentáculos do movimento (monarquista), que não havia desfrutado de posições no Império e cuja fortuna familiar ligava-se às novas relações de produção da lavoura cafeeira.<sup>5</sup>

Este fato desencadeou a atual pesquisa, na busca de que em qual medida Eduardo Prado possuiu um discurso próprio, que respondia a convicções pessoais alicerçadas em sua formação europeia, que por fim se voltou para questões nacionais que julgava da maior importância, como a formação étnica do Brasil, o papel da imigração, suas características naturais a serem respeitadas para que o país não cometesse grandes erros ao simplesmente importar soluções de outros países, em contextos históricos diferentes.

O trabalho levanta o máximo possível de fontes diretas ou indiretas acerca de Eduardo Prado, começando por sua participação em alguns folhetins da Faculdade de Direito de São Paulo, passando pelos escritos de viagem, por suas atividades monarquistas até chegar a seus escritos históricos. Suas atividades monarquistas, que acabaram por deixá-lo famoso, se iniciaram logo após a Proclamação da República. Mal começada a República, lançou a série de artigos na *Revista de Portugal*, de Eça de Queiroz, sendo o primeiro datado de dezembro de 1889, moldando um discurso agressivo em torno de todas as ações republicanas, vendo num passado ideal o caminho seguro no qual o Brasil caminhava. O Império é idealizado, e sua única crítica nos artigos volta-se contra o poder moderador, centralizador do poder nas mãos do monarca. Seu apego sentimental à Monarquia só encontra resposta perante seu interesse pelo estudo do passado brasileiro, com suas raízes que se estendem até a Coroa portuguesa. A Monarquia significava, para ele, a ligação com a Europa, dando ao país sul americano singularidade e prestígio, não encontrados na série de republiquetas do restante do continente. A este peso histórico conferido à Monarquia, somavam-se os desacertos financeiros da República e seu processo de laicização, afastando a Igreja do Estado, outro ponto de série crítica aos olhos de Eduardo Prado.

Buscou de muitas formas atacar a República, participando ativamente de conspirações monarquistas, como na Revolta da Armada, em que aproveitava de sua posição privilegiada com banqueiros europeus para tentar angariar fundos em favor dos revolucionários federalistas em 1893, tendo inclusive se aproximado de Saldanha da Gama. Por conta de seu novo livro, *Ilusão Americana*, que teve todos os volumes apreendidos no primeiro dia de venda, exilou-se em Paris, trazendo, dois anos depois, a vontade de iniciar uma campanha monarquista no Brasil. Juntamente a esta campanha, que resultou na estruturação do Partido Monarquista de

---

<sup>5</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 10.

São Paulo, Eduardo Prado continuou suas polêmicas nos jornais, expondo os erros republicanos. Uma análise superficial deixa claro suas temáticas recorrentes, como a falta de liberdade na imprensa, a queda do câmbio brasileiro e consequente desvalorização do café, a corrupção na política da República, os desacertos na política internacional, com destaque para o Tratado das Missões e a aproximação com os EUA. Ligado ou não às suas atividades financeiras na Europa, o monarquismo de Eduardo Prado revestiu-se cada vez mais de uma roupagem moralizante, em contraste com a ruína crescente do país sob a influência republicana. Seus escritos refletiram a busca por uma legitimação na História, na esperança de convencer aos leitores de que só a Monarquia era possível num país com o histórico brasileiro, ligado ao trono, ao qual voltaria naturalmente após ruína natural da República, que cairia por si só: “Nós estamos convencidos de que a República há de fatalmente desaparecer e, por isso, não hesitamos em escrever – A República está morta”<sup>6</sup>. Esta busca incessante em criticar a República, mesmo em seus menores detalhes, fez com que muitos considerassem a obra de Eduardo Prado como fruto de polêmicas inseridas em um determinado contexto, encontrando aí o principal motivo de não ter persistido no tempo, a exemplo de outros como Joaquim Nabuco. Eduardo cometera muitos erros de análise, muitos atropelos históricos, principalmente ao analisar a importância da Inglaterra para os negócios brasileiros, dando-lhe o desprezimento que não possuía.

Seus últimos artigos verdadeiramente políticos datam de 1897, ano do empastelamento de *O Comércio de São Paulo*, jornal de sua propriedade, e proibição de quaisquer atividades monarquistas com o decreto de estado de sítio por Prudente de Moraes. Eduardo Prado se viu obrigado novamente a se refugiar na Europa, onde lentamente se distanciaria das temáticas políticas e monárquicas para estudar a História e Geografia do Brasil. Assim como Joaquim Nabuco, que se considerou “retirado” do mundo ao aceitar um posto diplomático no governo republicano, sendo criticado pela maioria monarquista a exceção de Eduardo Prado, este também se retirou do palco de polêmicas e agitações para concentrar-se no estudo de duas das suas maiores paixões, a cultura brasileira e o catolicismo.

Na *Nota dos Editores* da edição do livro *A Ilusão Americana* utilizada neste projeto, os autores sintetizam bem as principais causas da postura monárquica de Eduardo Prado logo após o 15 de novembro:

Eduardo Prado não compreendeu a República. Não compreendia o surto das novas forças econômicas e culturais latentes no povo brasileiro e que exigiam uma nova

---

<sup>6</sup> PRADO, Eduardo. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, p. 313.

estrutura política e social para se desenvolver. [...] Não compreendia o papel revolucionário que o surto das forças econômicas orientadas pela burguesia desempenhou no mundo e não podia prever, como não previam os nossos republicanos, a formidável concentração dessas forças que se processaria em mãos de uns poucos homens de negócios[...].<sup>7</sup>

Eduardo Prado, frente à “história de insucessos”, como descrita por Maria de Lourdes Mônaco Janotti a campanha monarquista, viu-se dentro do contexto de solidificação das relações republicanas com a centralização do poder em mãos das elites cafeicultoras paulistas, aceitando sua derrota com o trabalho na produção das Conferências Anchiitanas, a fundação da Academia Brasileira de Letras e o ingresso no IHGB, que a ele representava grande orgulho por ter sido um dos locais prediletos de D. Pedro II, onde “[...] não há somente livros que nos falam do passado do Brasil. Há outros que, descrevendo o Brasil, nos deixam adivinhar o que ele pode ser no futuro.”<sup>8</sup>

Eduardo Prado, apesar de caracterizado muitas vezes como simples admirador da cultura europeia, trouxe constantemente a preocupação de entender seu país e sua cultura em suas manifestações mais genuínas. Ávido pesquisador, sobretudo no final de sua vida, voltou-se para uma nova caracterização de seu amor à pátria, buscando não mais a exposição da República, quando acreditava que “[...] dizer a verdade ao opressor é defender o oprimido e acelerar a era da sua libertação”<sup>9</sup>, mas adentrar neste momento suas raízes, entender seu passado e sobretudo seu povo. A partir de certa idade, como descreve Motta Filho:

As viagens à Europa já não tinham, par Eduardo, o mesmo encanto. A civilização era uma rotina, ao passo que o sertão era uma novidade. A civilização estava feita e o Brasil oferecia aspectos interessantes, no seu processo desigual para civilizar-se<sup>10</sup>.

Esta aproximação com os estudos brasileiros muito contribuiu para que mudasse suas concepções sobre seu próprio país. No início de suas viagens, descrevia o Brasil como “um país indisciplinado em que tudo é flácido e desagregado”<sup>11</sup>, invejoso e imitador de tudo quanto fosse estrangeiro, e mesmo em 1893, na *Ilusão Americana*, ao comparar a população brasileira com a “raça saxônica” que compôs os EUA, denominou aqueles de “nossos pobres luso-índio-negróides”<sup>12</sup>. Bem diferente seria a sua caracterização do caboclo, em 1897, quando Eduardo Prado “atribuiu a força da cultura ibero-americana à sua capacidade de

<sup>7</sup> PRADO, Eduardo. **A Ilusão Americana**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p.2.

<sup>8</sup> MOTTA Filho, Cândido. **A Vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 320.

<sup>9</sup> S. Frederico de. **Fastos da Ditadura Militar no Brasil**. Portugal : [s.n.], 1890, p.IV.

<sup>10</sup> MOTTA Filho, Cândido. **A Vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p.269.

<sup>11</sup> LEVI, E. Darrel. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977. p. 224.

<sup>12</sup> PRADO, Eduardo. **A Ilusão Americana**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p.181.

miscigenação, chegando à inesperada conclusão [...] de que o caboclo, oriundo de uma mistura racial, era o verdadeiro brasileiro”<sup>13</sup>. Aumentando sua defesa aos interesses nacionais, ampliou sua denominação de *A Ilusão Americana*, para a “A Ilusão Estrangeira”. O simples fato de o Brasil copiar algo do estrangeiro lhe incomodava, ao idealizar que a originalidade do povo brasileiro se encontrava justamente em sua vida simples, sua ligação com a terra e com a cultura popular, longe da “desnacionalização dos hábitos da vida diária”, simbolizados na troca da “sólida prata familiar” pelo “vil cristofle de Paris”<sup>14</sup>.

De certa maneira, esta busca por suas origens nasce de duas fontes. A primeira é a divisão muito marcante em seu espírito entre o campo e as cidades. O campo representava suas origens mais remotas, sua infância, a terra em que fora criado e que garantira a fortuna de sua família, além de perpassar as representações sobre o Brasil, abundante em recursos naturais. Já a cidade significava sua formação intelectual, o ideal de civilização da elite à qual fazia parte, além da Europa civilizada e moderna, que carregara ao mesmo tempo a tradição clássica através dos séculos. Este homem dividido, que em sua primeira juventude optaria facilmente pela vida nas metrópoles, se vê indeciso ao se aproximar de seus quarenta anos. Esta caracterização é tão marcante em determinado momento de sua vida, que dela se serviu Eça de Queiroz para representar seu personagem Jacinto, no livro “A Cidade e as Serras”<sup>15</sup>. Motta Filho descreve este processo:

Por fim, no Brejão, procurou esquecer Paris [...] Não queria, como antes, ficar nos aspectos episódicos da luta. Pisava em outro terreno, encontrava outros homens, e a Monarquia, realmente, morrera com o Imperador. [...] Toda uma história romanesca de um moço rico, em Paris, parecia estar, definitivamente, concluída. O Eduardo travesso e barulhento, com noitadas em claro, com vastas e intermináveis ceias, regadas com champanha e animadas pela alegria feminina, estava no rol das recordações. O vento de mundanismo que Eduardo mantinha (...) amainara.<sup>16</sup>

A segunda fonte de sua busca por suas raízes é seu apego ao passado, ao estudo de História, o ideal de que a tradição deveria guiar o destino dos homens. Daí sua ligação com a Monarquia, relacionada por Eduardo com a herança ibérica e com a Inglaterra, referencial de civilização e estabilidade política, descrita assim por Afonso Arinos:

O seu monarquismo não era, assim, o que superficialmente, ou, segundo os nossos hábitos, por indolência de indagar das causas, chamaram *esnobismo*, excentricidade

<sup>13</sup> LEVI, E. Darrel. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977. p. 230.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 230.

<sup>15</sup> QUEIROZ, Eça de. **A Cidade e as Serras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

<sup>16</sup> MOTTA Filho, Cândido. **A Vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p.271-272.

elegante, originalidade literária; (...) era mais alto, mais filosófico, mais fundamente social: era o amor à nacionalidade brasileira.<sup>17</sup>

Reflete-se desta maneira seu incômodo com a Proclamação da República em 1889, quando “sentiu que a História do Brasil se desfazia, que suas páginas mais brilhantes eram arrancadas, banida da nossa trajetória histórica de quatro séculos sob a proteção do cetro.”<sup>18</sup>

Ora na Europa, ora no *Brejão*, Eduardo Prado é caracterizado por sua busca de material nas pesquisas históricas. Suas *Conferências Anchiitanas*, de 1897, são um marco no assunto até os dias atuais, por ter encontrado documentos espalhados por toda a Europa acerca da Companhia jesuítica. Estes estudos abriram as portas para o já citado convite ao IHGB, assim como à Academia Brasileira de Letras também em 1897. No entanto, pouco tempo teria para desenvolver suas pesquisas iniciadas ainda em sua juventude, já que em 30 de agosto de 1901 falecera, acometido de febre amarela. Sua morte precoce o impediu de desenvolver outra série de estudos que estavam em sua fase de conclusão e que se perderam entre suas bibliotecas, tais como um volumoso estudo sobre a vida do Padre Moraes, de cerca de 700 páginas, e o romance *Terra Roxa*, jamais publicado e que se perdeu também. “Eduardo, se não tivesse morrido aos quarenta e um anos de febre amarela, teria seguido, talvez, na história, o caminho de Capistrano, examinando as raízes psicológicas, sociais e culturais da civilização brasileira.”<sup>19</sup> É explorando estas análises que cremos poder repensar a importância de Eduardo Prado para além de simples inimigo republicano, como um intelectual em busca de um Império mitificado e perdido frente a novas estruturas políticas e sociais instaladas no país a partir de novembro de 1899.

Sobre as leituras realizadas, é notável o fato de que Eduardo Prado foi pouco analisado pela historiografia política, restando-lhe o papel de simples personagem discordante no contexto de solidificação da República, quando não lhe sobra apenas o papel de jovem curioso e abastado na procura de diversão e prestígio na Europa. Neste sentido, pode-se perceber dois eixos condutores do que foi escrito a seu respeito. O primeiro se insere antes de 1901, data da morte de Eduardo Prado, e nos primeiros anos após a sua morte, seguindo pelas primeiras décadas do século vinte entre os monarquistas e os simpatizantes da família Prado. As características destes estudos são marcadas pelo objetivo na qual foram escritos, e a análise atual deve se precaver para não ser anacrônica. Alguns, como os *Diários*<sup>20</sup> de Joaquim

<sup>17</sup> ARINOS, Afonso. Elogio de Eduardo Prado. In : **Discursos Acadêmicos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. p.151.

<sup>18</sup> PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e Sua Época**. São Paulo: O Cetro, 1960. p. 178.

<sup>19</sup> LEVI, E. Darrel. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977. p.230.

<sup>20</sup> NABUCO, Joaquim. **Diários**. Rio de Janeiro: Massangana, 2005. v. 1-2.

Nabuco e os textos de Eça de Queiroz<sup>21</sup>, o discurso de posse da cadeira de Eduardo Prado por Afonso Arinos em 1903<sup>22</sup> e o necrológio<sup>23</sup> que Baptista Pereira escreveu a seu respeito, criam imagens diferentes, mas todas distorcidas não só pelo contato direto com o biografado como pelas consequências naturais de terem sido escritos no exato momento em que os fatos aconteceram. Nabuco, que servira inclusive de testemunha do casamento de Eduardo Prado, sempre admirado com o poder econômico paulista, descreve-o como gastador e mundano, admitindo na data de sua morte, que o autor de *A Ilusão Americana*, livro que ele mesmo teria escrito caso Eduardo não o tivesse feito<sup>24</sup>, morreu antes de se “formar por completo”<sup>25</sup>. Esta posição é reflexo das agitações monarquistas de Eduardo Prado, as quais Nabuco assistiu de perto, sendo um grande frequentador de seu apartamento em Paris e um dos principais nomes da oposição monarquista à República.

Já Eça de Queiroz, apesar do tom elogioso que seus escritos carregam, acaba por ajudar na imagem de um Eduardo Prado descompromissado e aventureiro. Apontando-o como “um curioso”, cria sua imagem ao redor de um jovem que carrega a inocência e o viço naturais dentre a nova geração brasileira, destacando sua ligação com a terra, sua inteligência e a busca incessante pelo novo, o moderno. Esta descrição se repete em Baptista Pereira e em Afonso Arinos, que em seu discurso analisa seu espírito brincalhão e seus costumes em sua fazenda no interior paulista, o *Brejão*. Todos estes relatos servem inclusive como fontes diretas para o entendimento do contexto em que Eduardo Prado atuou na intelectualidade brasileira, além de terem servido de base para a sequência de análises contemporâneas.

As principais obras escritas anos depois à sua morte estão ligadas ou a partidários monarquistas ou a pesquisadores que tinham interesse em mapear a história das elites e sua atividade intelectual, inserido numa das principais famílias cafeicultoras do Estado de São Paulo. É, por exemplo, o caso de Padre José Severiano de Rezende, que escreveu uma laudatória obra intitulada *Eduardo Prado – Páginas de Crítica e Polêmica*<sup>26</sup>, em que utiliza o destaque de seu nome e o fato de ter sido um pesquisador das raízes religiosas brasileiras para criticar as medidas anticlericais da República. Nesse sentido também há outro pesquisador

<sup>21</sup> QUEIROZ, Eça de. *A Cidade e as Serras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

QUEIROZ, Eça de. *Cartas*. São Paulo: Brasiliense, 1961. QUEIROZ, Eça de. *Eduardo Prado*. In: PRADO, Eduardo. *Coletâneas*. v. I São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904-1906.

<sup>22</sup> ARINOS, Afonso. “Elogio de Eduardo Prado” in *Discursos Acadêmicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

<sup>23</sup> PEREIRA, Baptista. *Eduardo Prado: O Escritor – O Homem*. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1902.

<sup>24</sup> NABUCO, Joaquim. *Diários*. v1. Rio de Janeiro: Massangana, 2005, p. 88.

<sup>25</sup> *Ibid*, p. 233.

<sup>26</sup> REZENDE, Padre José Severiano de. *Eduardo Prado – Páginas de Crítica e Polêmica*. São Paulo: N. Falcone & C. Editores, 1905.

monarquista que via em Eduardo Prado uma série de conceitos que se encaixavam com a defesa conservadora em política e economia, que é Sebastião Pagano em *Eduardo Prado e a Sua Época*<sup>27</sup>. Neste trabalho de maior fôlego, o autor pretendeu abarcar todas as atividades de Eduardo Prado, dividindo o livro em cinco partes, *A Formação do Escrito e do Fidalgo, O Católico e o Monarquista, Jornalista e Historiador, caráter e patriotismo e A Consagração*. Nele, como em outro trabalho parecido em forma e tamanho, o *A Vida de Eduardo Prado*<sup>28</sup>, de Cândido Motta Filho, os autores se preocuparam em atualizar o pensamento de Eduardo Prado para problemas atuais. Vejamos um trecho de Sebastião Pagano em que a idealização de sua personagem fica clara:

Eduardo Prado foi sem dúvida um homem admirável porque não foi um burguês acomodaticio. Foi homem de luta e a sua pena estava a serviço de causas nobres. Seu único escopo na vida foi ser útil, amar a Deus e sua Pátria e servi-los com a mais acendrada abnegação [...]. Era, entretanto, o mais afável dos homens, o mais humano, o mais agradável de se ter como companheiro [...].<sup>29</sup>

Omitindo, propositadamente ou não, certos pontos de sua biografia, como seus interesses econômicos na manutenção dos laços entre Brasil e Inglaterra, os autores buscaram revitalizar sua imagem a ponto de transformá-lo em um dos principais elementos políticos do final do século, tendo criado conceitos seguros sobre as consequências dos desmandos republicanos, o que possibilitou que fosse usado como primeiro crítico a um sistema que não continuava dando bons resultados. Desta bibliografia retiraremos elementos para demonstrar como Eduardo Prado foi visto e utilizado, e como uma percepção mais aguda de suas atividades só foi possível com novas propostas historiográficas.

Os trabalhos mais recentes formam o segundo eixo do que foi escrito a seu respeito. Exemplo disto é a análise da família Prado, e, especialmente de Dona Veridiana, mãe de Eduardo Prado, feita por Luiz Felipe D'Avila<sup>30</sup>, em que, apesar de destacar seu importante papel como adversário da República, aponta um Eduardo Prado dependente financeiramente de sua mãe, a qual tinha o constante medo de que seu filho caçula “fosse influenciado pelos amigos que preferiam as tavernas, arruaças e prostitutas aos livros, princípios e deveres”<sup>31</sup>. Neste trabalho, utiliza-se esta obra em larga escala quando reporta-se ao ideal de

<sup>27</sup> PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e sua época**. São Paulo: O Cetro, 1960.

<sup>28</sup> MOTA Filho, Cândido. **A vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967.

<sup>29</sup> PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e sua época**. São Paulo: O Cetro, 1960.

<sup>30</sup> D'AVILA, Luiz Felipe. **Dona Veridiana –A Trajetória de uma Dinastia Paulista**. São Paulo: A Girafa, 2004.

<sup>31</sup> D'AVILA, Luiz Felipe. **Dona Veridiana –A Trajetória de uma Dinastia Paulista**. São Paulo: A Girafa, 2004., p. 227.

responsabilidade das elites que a família Prado procurava seguir, principalmente sob o comando de Veridiana Prado, que cria que:

A obrigação da minoria dominante é conduzir a nação, seja na política, na propagação do conhecimento, na criação de negócios, empregos e riqueza, no progresso da ciência e no avanço das artes.<sup>32</sup>

Nesta sequência tem-se *A Família Prado*, de Darrell E. Levi<sup>33</sup>, que, ao envolver Eduardo Prado, revela uma série de fatores desconhecidos ou omitidos anteriormente, como o fato de que:

Por trás da imagem pública do homem feliz, saudável e robusto, havia a realidade privada de um homem que sofria muito e que tinha uma malícia não suavizada por seu conhecido senso de humor. Por trás da imagem de Eduardo neste estereótipo, o do rico fazendeiro sul-americano divertindo-se nas capitais da Europa, havia o fato dele estar sempre envolvido em problemas financeiros, dependendo do dinheiro de sua mãe. Eduardo sofria de gota, e viveu com o medo de contrair a febre amarela [...]. Em 1896, sem que se tivesse abatido seu estridente monarquismo, recebeu uma ameaça redigida com sangue; sua cunhada disse nunca ter visto „pessoa tão medrosa“.<sup>34</sup>

O autor, no entanto, o considera como um dos maiores intelectuais de sua geração, e chega a lamentar sua morte precoce, que o privou de desenvolver uma carreira intelectual comparada à de Capistrano de Abreu<sup>35</sup>. A obra de Darrell Levi é básica no entendimento da importância econômica e política da família Prado, ao tratar da trajetória da família desde o século XVIII até o início do XX, passando pelos principais vultos envolvidos em sua trajetória, como os três irmãos de Eduardo Prado que, cada um ao seu modo, auxiliaram no desenvolvimento financeiro e político da família. O livro também é muito útil por trazer em sua *Introdução* um verdadeiro modelo para o estudo de linhagens familiares no Brasil, sobretudo ao descrever como se deram as grandes transformações no modelo patriarcal brasileiro ao correr dos séculos XIX e XX.

Por fim, a principal obra para a elaboração deste projeto foi *Os Subversivos da República*<sup>36</sup>, em que Maria de Lourdes Janotti procura entender quem foram e como atuaram os grupos e as personagens insatisfeitas com a nova configuração política do Brasil após a

<sup>32</sup> Ibid., p. 227.

<sup>33</sup> LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977.

<sup>34</sup> LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977. p. 126.

<sup>35</sup> Ibid., p. 230.

<sup>36</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Proclamação da República. Nesta análise, a trajetória de Eduardo Prado não poderia ser esquecida, e recebeu grande destaque devido à sua participação nos principais momentos de contestação monarquista. A autora, apontando a diferença fundamental entre Eduardo Prado e os outros monarquistas de renome, no fato de que Eduardo Prado era o único que não havia perdido nenhuma posição de prestígio em relação ao Império, aponta também que dentro de sua “visão moralizante, pseudocientífica e, na aparência, nacionalista, encontra-se a incondicional defesa do capitalismo britânico e da supremacia cultural europeia”. Dialogando com este conceito, procurou-se o equilíbrio entre os interesses financeiros de Eduardo Prado e seus estudos históricos, demonstrando, sem radicalizar em qualquer sentido, que o autor de *Ilusão Americana* respondia a interesses de variadas ordens e mais que um simples negociante de crédito para o café paulista, foi um intelectual compromissado com aquilo que cria ser fundamental para o desenvolvimento de seu país, buscando no passado elementos que ajudassem a frear os desmandos republicanos.

Além destas obras principais, algumas foram essenciais para entender o contexto familiar e político que o biografado se inseriu, com destaque para o *Barão de Iguape*, de Maria Petroni<sup>37</sup>, dando destaque ao início do estabelecimento da família Prado na cidade de São Paulo, e Sérgio Adorno com *Aprendizes do Poder: O Bacharelismo Liberal na Política*<sup>38</sup>, que esclarece em grande medida as possibilidades dos intelectuais brasileiros no final do século XIX, suas leituras e modo de agir no contexto político do período.

Com base nas obras citadas o estudo levou em consideração a análise das fontes, levando em consideração o período em que foram escritas e a qual público procurava se comunicar. Desta maneira, encontra-se resultados satisfatórios no esclarecimento do que foi escrito e pensado acerca de Eduardo Prado.

Finalizando, o trabalho busca revelar como Eduardo Prado perseguiu um projeto político ao Brasil, pautado na Monarquia e em suas raízes históricas, como sua ligação com a Europa e a produção agrícola, configurada na época na exportação do café, atividade na qual sua família se destacava como uma das principais produtoras. O foco principal é revelar algumas questões que vão além do fato de possuir relações econômicas com a Inglaterra, que o levava a defender intransigentemente a influência europeia em detrimento dos EUA, tornando-o um dos principais agitadores políticos da primeira década republicana. O estudo passa por sua formação, primeiras leituras, amigos e atividades intelectuais, na busca por

<sup>37</sup> PETRONI, Maria Thereza Schorer. **O Barão de Iguape**. São Paulo: Ed. Nacional/MEC, 1976.

<sup>38</sup> Abreu, Sérgio França Adorno de. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

revelar um Eduardo Prado multifacetado, o que permitiu variadas interpretações sobre sua personalidade ao longo de sua vida e dos anos posteriores a sua morte.

Assim, os resultados inserem Eduardo Prado no contexto em que viveu e atuou, revelando suas atividades e suas opções políticas e individuais que o destacaram na primeira década republicana e no imaginário monarquista dos primeiros anos da queda do Império, trazendo até os dias de hoje importantes relatos sobre as forças envolvidas nos debates políticos da época.

## CAPÍTULO 1 FORMAÇÃO

Neste capítulo será desenvolvida a formação de Eduardo Prado, analisando a família em que estava inserido, São Paulo em 1860, ano em que nascera, assim como sua passagem pelo curso na Faculdade de Direito de São Paulo e a extensa rede intelectual à qual fez parte. Nele, objetivamos questionar a clássica ideia, que será estruturada no segundo capítulo, de que Eduardo Prado, em sua “Cruzada” pelo monarquismo, refletia principalmente seus interesses perante o capital europeu, daí publicar sua obra mais conhecida, *A Ilusão Americana*, criticando a influência dos EUA sobre o novo regime proclamado no Brasil. Em lugar disso, cabe caracterizar uma visão de mundo mais ampla, o que impõe certas dificuldades ao estudo, já que além de passar também pelos interesses financeiros, devido à sua inegável posição de homem de finanças da família Prado (e por vezes da Província e Estado de São Paulo), Eduardo Prado buscou em variadas fontes seu monarquismo, marcado por seu gosto pelos estudos históricos, uma educação baseada em valores e referências europeias, assim como o complexo campo de seu individualismo, que por vezes desafiou o estudo perante um comportamento diletante, insólito e, de qualquer forma, tão restrito em certos momentos que não nos colocamos por ambição explica-lo. Isto toca diretamente uma das leituras teóricas, o trabalho sobre os intelectuais de Jean-François Sirinelli, básico para este estudo, numa citação que sintetiza bem a dificuldade de encarar um biografado com a certeza de envolver a totalidade de sua personalidade:

A ingenuidade é grave quando se supõe que o engajamento político procede da lucidez, ela própria alimentada pela Razão. E forçoso é constatar que, nesse engajamento, o sentimento e a afetividade algumas vezes prevalecem sobre a Razão.<sup>1</sup>

Dessa forma, o capítulo cumpre o papel central neste estudo de renovação da visão sobre a atuação política e intelectual do biografado, com vistas a mostrar que, ao mesmo tempo em que respondeu ao contexto de sua época com olhos abertos às necessidades que se tornavam cada vez mais presentes, o fez através de uma série de opções estéticas que respondiam não apenas ao seu desenvolvimento como homem, mas também seus valores pessoais.

---

<sup>1</sup> SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, René, org. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2007. p. 260.

## 1.1 Família Prado

Como parte essencial deste estudo, deve-se considerar a evolução e importância da família Prado no contexto paulista e nacional do século XIX, onde buscaremos demonstrar sua influência na formação e desenvolvimento de Eduardo Prado. Nesse sentido, ficará mais clara a relação entre Eduardo e os valores europeus, que fizeram parte do cotidiano dos Prado desde o final da primeira metade do século XIX.

Trabalhando com modelos clássicos sobre a formação das estruturas familiares brasileiras<sup>2</sup>, pode-se por comparação notar o papel de destaque da família Prado, não apenas por sua influência econômica e política, mas pelo modo como reagiu às transformações do Império ao novo regime imposto com a Proclamação da República em 1889. Uma leitura básica para este estudo foi a obra de Darrell Levi, intitulada *A Família Prado*, da qual nos utilizamos de vários trechos na contextualização do início das atividades econômicas dos Prado no Brasil, assim como seu desenvolvimento durante o século XIX. Trata-se de um estudo amplo, realizado através de uma extensa rede de contatos com familiares, ainda vivos na época de sua produção (1977), fazendo da obra uma fonte de informações única para nossa pesquisa. Disso decorre o uso recorrente a citações e dados da obra aos quais não teríamos acesso em arquivos públicos.<sup>3</sup>

Interpretando o desenvolvimento dos Prado no século XIX, Darrell Levi<sup>4</sup> interpreta a capacidade desta família em acompanhar o progresso econômico do país no decorrer do século XIX, ao descrever que:

A estrutura familiar (*da família Prado*) era dinâmica e flexível, permitindo o abandono de velhos laços e a criação de novos em resposta às mudanças culturais, econômicas e políticas. Na dinâmica intrafamiliar, a experiência dos Prado incluiu muitos desvios das supostas normas de uma sociedade patriarcal ou semipatriarcal; não havia dominação absoluta das mulheres pelos homens, nem dos jovens pelos mais velhos, mas, em vez disso, mulheres significantes e rebelião da geração mais nova.<sup>5</sup>

Graças ao prestígio e abastança de sua família, Eduardo Prado pode desenvolver sua formação variada, suas viagens pelo mundo, suas aventuras financeiras. Sempre salvaguardado pelo dinheiro materno, desenvolveu um comportamento diletante, comprando

<sup>2</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997 e FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

<sup>3</sup> Arquivo Eduardo Prado na Academia Brasileira de Letras, Sessão de Manuscritos e Obras Raras da Biblioteca Nacional e Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros.

<sup>4</sup> LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977. p.260.

<sup>5</sup> LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977. p.32.

jornais, documentos históricos ou simples modismos da época, se arriscando politicamente e em transações comerciais, além de lhe ser permitido, por suas origens, transitar entre grandes figuras políticas da época. Assim, remontar às primeiras décadas do século XVIII para encontrar o início do estabelecimento dos Prado em São Paulo é um esforço que, no mínimo, dará a dimensão das possibilidades encontradas por Eduardo Prado nos poucos, porém ativos anos em que viveu.

Em 1860, ano de seu nascimento, a família Prado já se constituía numa das mais influentes e abastadas da Província de São Paulo. Iniciou-se no Brasil com o sargento-mor Antônio da Silva do Prado na primeira década do século XVIII, que buscou criar laços com as famílias tradicionais da região, além de buscar ouro em Goiás e deixar aos filhos uma “modesta fortuna”<sup>6</sup>, construída através do comércio, e o principal para seu desenvolvimento econômico posterior: “uma rede de amigos e associados, sem o qual família alguma poderia prosperar”<sup>7</sup>. Em sua primeira geração brasileira, esta rede de amigos já mostrava seus resultados, pois além do início da prática que iria se estender por todo o século XVIII e XIX de casamentos estratégicos com outras famílias importantes, iniciou-se também a marcante característica dos Prado de se relacionarem direta ou indiretamente com a política. Dessa primeira geração, o que mais se destacou foi o primeiro Martinho Prado (1722/23-1770), que atuou como juiz ordinário, vereador e capitão-mor de Jundiaí. Através de laços com a importante família Jordão, enriquecida com o comércio em Goiás e Mato Grosso, os Prado não só passaram a circular mais por São Paulo (Ana Vicencia, nora de Martinho Prado, herdou de seu pai, Manuel Rodrigues Jordão, uma série de propriedades nas ruas São Bento e do Carmo)<sup>8</sup>, como também iniciaram uma bem sucedida carreira de cargos políticos na cidade. O segundo Antônio Prado, filho de Martinho, portanto membro da segunda geração da família, foi eleito para a Câmara Municipal de São Paulo em 1787, posição paralela ao desenvolvimento da primeira grande atividade financeira dos Prado, ligada a empreendimentos mercantis urbanos, comércio e empréstimos. Com sua morte em 1793, outra peculiaridade da família se inicia, quando sua esposa Ana Vicencia assume os negócios do marido. O fato merece destaque, pois Ana Vicência buscou autorização da rainha D. Maria I de Portugal para assumir a guarda de seus filhos menores, numa demonstração peculiar para o final do século XVIII, inaugurando os exemplos de mulheres desafiadoras e independentes

---

<sup>6</sup> Idem, p. 51.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Idem, p. 52.

na família, como Veridiana Prado (1825-1910), sua neta, que mais tarde se divorciaria e também assumiria os negócios da família com a morte de seu marido.

Apesar de casar-se com seu cunhado, Eleutério Prado, é do primeiro casamento que Ana Vivencia gerou um dos membros mais importantes da família: o terceiro Antônio Prado (1778-1875), que em 1848 receberia de D. Pedro II o título de Barão de Iguape, não só por seu apoio a D. Pedro I no processo de Independência, como também por seu prestígio financeiro e político durante o Império. Iniciando suas atividades financeiras nas distantes Províncias de Goiás e Bahia, lidou com o árduo trabalho de condução de tropas de mulas para São Paulo, assim como cobrança dos negócios dos Prado na região, que lhe garantiu, após cerca de dez anos, encontrar-se em situação financeira confortável. Segundo Maria Petroni,<sup>9</sup>

“Antônio da Silva Prado, futuro Barão de Iguape, deve ter reunido em Caitité capitais suficientes para mais tarde tornar-se, empregando-os em São Paulo, um dos homens mais ricos dessa Província”.

Tem-se uma dimensão maior do poder econômico do Barão de Iguape quando se analisa que era possuidor de mais de 50% do gado em trânsito no interior paulista, sobretudo na região de Sorocaba que, só em 1826 significou metade da receita total de São Paulo, o que leva à conclusão de que só os negócios pecuários do Barão significavam um quarto da renda total da Província de São Paulo.<sup>10</sup>

Apesar desta ligação com o interior e ao contrário do que fizeram muitos outros familiares a seu tempo, o Barão evitou a vida rural, dedicando-se posteriormente mais à área financeira, como comerciante de açúcar e coletor de impostos, trabalhando inclusive em alguns momentos como encomendas de escravos<sup>11</sup>. É Sérgio Buarque de Holanda que afirma que “o Barão de Iguape foi comerciante a vida toda e não quis ser outra coisa”.<sup>12</sup> Politicamente iniciou-se quando designado capitão da milícia na cidade de São Paulo em 1819, cargo que exerceu até 1822. No entanto, a verdadeira atitude que definiu em grande parte sua ascensão foi seu apoio a D. Pedro I nas agitações que precederam a Independência do Brasil:

Em 31 de dezembro de 1821, Antônio Prado, seu irmão Francisco, seu meio irmão Eleutério, estavam entre os 267 paulistas que apelaram a Dom Pedro para que ele resistisse à ordem de voltar para casa. Este apelo foi em parte responsável pela

<sup>9</sup> PETRONI, Maria Thereza Schorer. **O Barão de Iguape**. São Paulo: Ed. Nacional/MEC, 1976, p. 6.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 46/47.

<sup>11</sup> LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 59.

<sup>12</sup> In PETRONI, Maria Thereza Schorer. **O Barão de Iguape**. São Paulo: Ed. Nacional/MEC, 1976, p. XX.

decisão de D. Pedro em permanecer no Brasil, um passo-chave para a independência política da colônia<sup>13</sup>.

Em agosto de 1822, D. Pedro visitou São Paulo e foi recepcionado, dentre os vereadores, por Antônio, que junto a seu tio, o brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão, hospedavam-no quando passava por São Paulo. Foi assim em 5 de setembro do mesmo ano, ou seja, dois dias antes do “Grito do Ipiranga”. Após declará-la, D. Pedro I comunicou  *pessoalmente* o fato a Antônio, que desde o início deu o apoio necessário, próximo que era não só ao imperador, mas também à família dos Andradas, de grande influência no estabelecimento do primeiro governo Imperial brasileiro. Esta atitude de Antônio granjeou-lhe a nomeação de capitão-mor da cidade de São Paulo.

Essa ascensão naturalmente ampliou suas preocupações com os laços matrimoniais de seus filhos (nascidos de um casamento incomum para a época, quando Antônio desposou Maria Candida Moura Vaz, que possuía três filhas e havia sido abandonada por seu primeiro marido) e parentes mais próximos. Pode-se dialogar o caráter modernizante da família Prado com um dos estudos mais reconhecidos do período, de Gilberto Freyre<sup>14</sup>, ao trabalhar com a ideia de que o século XIX foi um momento de transição entre o patriarcalismo rural colonial e o “semipatriarcado” urbano. Respeitando o caráter generalizante do estudo, encontramos nos Prado, no entanto, traços que os liguem a este sentido modernizante das velhas estruturas coloniais. Apesar da manutenção de algumas práticas, como o uso de casamentos como forma de angariar posição social, os Prado estavam mais ligados na busca de parceiros comerciais dinâmicos e bem sucedidos para o momento do que a nomes históricos e tradicionais na região. Quando isto não era possível, realizavam-se casamentos endógamos como forma de preservar a riqueza e os negócios da família. Outra postura assumida pela família era a de que, mesmo ocupando cargos importantes, as relações e negócios familiares vinham em primeiro lugar. Era bastante comum o afastamento da política quando acarretasse prejuízos às suas atividades, quer fossem comerciais ou rurais<sup>15</sup>.

Avançando para o núcleo familiar central deste trabalho, depara-se com o casamento de Veridiana Prado com Martinho Prado (1811-1891), ao mesmo tempo irmão e primo de seu pai, Barão de Iguape. A figura da filha do Barão de Iguape foi singular nas últimas décadas do século XIX e início do XX, dada à sua personalidade singular e modernizante, que muito peso

<sup>13</sup> LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 59.

<sup>14</sup> FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

<sup>15</sup> Há três casos mais relevantes: O Barão de Iguape, já estabelecido, afasta-se da política para voltar-se às suas atividades, Martinico Prado, irmão de Eduardo Prado, “cansa-se” das querelas políticas de seus tempos de deputado e volta-se para o café e a imigração, e Antônio Prado, com a morte de sua esposa em fins da década de 1880, afasta-se por cerca de dez anos da política.

teve sobre a vida de Eduardo Prado. Aos treze anos, quando se casou com seu tio, possuía uma educação muito superior à recebida na época por outras crianças, complementada com o tempo em conjunto com a educação dos filhos. Desde o início sua postura perante o casamento mostrou-se incomum para o período. Apesar de assumir o papel clássico destinado às mulheres em meados do século XIX, como responsável pelos filhos e pela casa, tinha participação ativa nos negócios do marido, que além de ter se estabelecido com ajuda de seu dote, também aceitou joias, formando uma espécie de “sociedade” com a esposa. Apesar dos entendimentos iniciais, o casal acabou por separar-se no final da década de 1870 por atritos particulares, marcando o início da trajetória de Veridiana como chefe da família e referencial da elite paulista de seu tempo.

Dos anos em que permaneceu casada nasceram 6 filhos, na ordem: Antônio Prado (1840-1929), Martinho Prado (1843-1906), Ana Blandina, Anézia (1850-1917), Antônio Caio (1853-1889) e Eduardo (1860-1901). Os quatro filhos tiveram, à sua maneira, vidas atuantes no contexto político em que estiveram inseridos. O nascimento e desenvolvimento dos filhos foi paralelo ao fortalecimento econômico familiar e em geral, à solidificação do Segundo Reinado, através dos bem sucedidos laços políticos de D. Pedro II, que se beneficiou também do avanço promovido pelo sucesso cafeeiro. Os Prado souberam se inserir nessa realidade, através de cargos políticos e influência econômica, sobretudo na Província de São Paulo. Politicamente, o que mais se destacou fora o primogênito, Antônio Prado (o quarto Antônio da família), que possuiu uma importantíssima carreira, através de altos cargos de influência, que muito contribuíram para o desenvolvimento dos negócios da família. Para Darrell Levi:

Antônio Prado desfrutou da mais espetacular e importante carreira. Um conservador, foi eleito vereador na cidade de São Paulo (1866), e deputado federal (1869-1875, 1885-1889), sendo nomeado ministro da agricultura (1885-1888), senador (1887), e, por um breve período de tempo, ministro das Relações Exteriores (1888)<sup>16</sup>.

O segundo filho, Martinico Prado, também se destacou ao se transformar em um dos maiores cafeicultores do Brasil, além de seu papel como pioneiro na importação de imigrantes para o Brasil, sobretudo italianos. Seu irmão Antônio já havia se aproximado nesse sentido, ao tornar-se vice-presidente da Associação de Colonização e Imigração por volta de 1871. Seu próprio pai, Martinho, encomendou dez famílias alemãs para as suas propriedades,<sup>17</sup> o que aumentaria cada vez mais entre os familiares o uso de mão de obra livre, sem significar, no entanto, o abandono da mão de obra escrava.

<sup>16</sup> LEVI, E. Darrel. *A Família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 191.

<sup>17</sup> Idem, p. 170.

A atitude dos Prado para com seus escravos foi provavelmente refletida de maneira exata na promessa de Antônio de “ser bom senhor” em “Santa Veridiana” (*uma das maiores fazendas da família, sob controle de Antônio, filho de Veridiana*). A geração de Antônio, no entanto, encarou uma situação difícil: para evitar perdas econômicas a curto prazo e, não menos importante, para preencher as expectativas dos pais, eles tinham que manter uma instituição há longo tempo estabelecida que admitiam claramente como trágica, infamante, injusta e brutal.<sup>18</sup>

Apesar deste impasse, Martinico, que desde sua infância mostrou provas de rebeldia em relação às posições políticas de sua família (sempre um defensor árduo do republicanismo), iniciou em abril de 1886 a Sociedade Promotora da Imigração, indo buscar na Europa imigrantes para trabalharem no café paulista. Até 1895, quando encerrou suas atividades, a Sociedade havia trazido ao Brasil cerca de 126.415 imigrantes<sup>19</sup>. Politicamente, Martinico não poderia ter entrado mais em desacordo com as ideias de seu irmão mais novo, Eduardo Prado. Desde sua juventude deixou clara sua postura republicana, criticando a política de D. Pedro II, assim como o monarquismo num todo. Curiosamente, após estabelecer-se o regime político que sempre defendera, desiludiu-se com os desacertos iniciais do governo e se afastou da cúpula republicana.

Do terceiro filho, Caio Prado (1853-1889), há poucas informações, devido ao seu curto período de vida. Além da fama de sua inteligência, sabe-se que foi presidente provincial de Alagoas e Ceará, de 1887 a 1889, morrendo em decorrência da febre amarela neste último ano.

Com esta análise, pode-se compreender o prestígio que envolvia a família Prado no ano de nascimento de Eduardo, 1860. O Império, em sua fase áurea, assistia ao crescimento do café na província paulista, sob liderança dos Prado, que contavam também com uma importante participação política, que lhes permitiam situações privilegiadas no sistema financeiro imperial. Um dos melhores exemplos sobre isso é o fato de que graças às suas boas relações com o regime, o Barão de Iguape ganhou a indicação como principal acionista do ramo paulista do Banco do Brasil. Só os Prado possuíam cerca de 25% das ações do Banco, e juntamente com suas famílias correlatas, chegavam a dominar cerca de metade das ações<sup>20</sup> em 1858. Este acúmulo de capital serviria poucos anos depois para o financiamento extensivo da família em suas atividades cafeicultoras.

Os Prado se iniciaram nessa atividade com a compra, em princípios de 1850, da fazenda açucareira *Campo Alto*, comprada por Veridiana e Martinho Prado, pais de Eduardo

---

<sup>18</sup> Idem, p. 169.

<sup>19</sup> Idem, p. 173.

<sup>20</sup> Idem, p. 160-161.

Prado. Daí em diante o café assumiu o centro econômico da família, com a inauguração de novas fazendas, com destaque para *Santa Veridiana* (1868) e *São Martinho* (1889), modelos do empreendimento cafeeiro na província de São Paulo, não apenas por suas extensões colossais (*São Martinho* foi considerada a maior fazenda de café do país no período)<sup>21</sup> como também pela bem sucedida introdução de mão-de-obra livre. O Prado que mais se desenvolveu neste sentido foi Martinico Prado, que além do pioneirismo na busca de mão de obra de imigrantes, também foi um dos primeiros a estender as plantações de café para Ribeirão Preto, região onde se deu o esplendor da atividade cafeeira.

Eduardo Prado, nascido neste contexto de crescimento da importância dos Prado, que teria o seu esplendor nas décadas seguintes, diferenciou-se de seus irmãos em muitos aspectos. Não só sua postura política era diferente<sup>22</sup>, como também o grande período de tempo que os separava (vinte anos mais novo que Antônio e dezessete em relação a Martinico). Os mais velhos foram acompanhados de perto pelo pai, que neles incutiu a valorização da terra e do trabalho junto às suas propriedades. Tanto Antônio como Martinico utilizaram da política para beneficiar seus negócios, como o investimento público na extensão de ferrovias que passassem próximas às suas propriedades, como o incentivo do governo à imigração para o café, dois temas que serão tratados no segundo capítulo do trabalho, com destaque para a intercessão de Eduardo Prado em empréstimos para o governo de São Paulo. Ambos eram extremamente ligados às suas atividades no Brasil, enquanto Eduardo, apesar de possuir uma pequena fazenda chamada *Brejão*<sup>23</sup>, havia efetuado sua trajetória em ambiente urbano, com uma vida marcada por viagens entre grandes metrópoles, como Paris e Londres. Esta própria decisão de ser fazendeiro carregava mais uma opção histórica no seio da família do que uma afinização com a atividade:

Eduardo foi chamado à profissão de fazendeiro na hora mais inoportuna. Tentando repetir os êxitos de seus irmãos mais velhos uma geração antes, seus esforços para expandir suas posses comprando terras virgens para o café não tinham perspectivas de êxito imediato. Além disso, em 1897, ele foi forçado a reter parte do café da Brejão para o mercado devido à queda de preços.<sup>24</sup>

Isso talvez tenha influência do fato de que fora muito mais influenciado por sua mãe Veridiana Prado em sua criação, possuindo cerca de apenas 18 anos quando seus pais se separaram. Sabe-se que após isso Veridiana pôde viajar à Europa pela primeira vez, o que a

<sup>21</sup> Idem, p. 167.

<sup>22</sup> Antônio, apesar de conservador no Império, atuou com reservas no regime republicano, e Martinico sempre se demonstrara um defensor do republicanismo.

<sup>23</sup> Localizada na atual cidade de Santa Cruz das Palmeiras, interior do estado São Paulo.

<sup>24</sup> LEVI, E. Darrel. Op. Cit. p. 262.

faria adotar práticas europeias em seu dia a dia em São Paulo. Para analisar a trajetória de Eduardo é necessário estabelecer de que forma sua mãe transformou-se na chefe da família e mulher influente na sociedade do último quartel do século XIX.<sup>25</sup> Veridiana era herdeira de uma forma centralizadora de enxergar a família, e substituiu o papel de seu pai, Barão de Iguape, sem grandes dificuldades, organizando casamentos, aconselhando seus filhos e chefiando negócios. Possuía ideias bem definidas sobre o papel da família Prado, como no trecho a seguir:

A obrigação da minoria dominante é conduzir a nação, seja na política, na propagação do conhecimento, na criação de negócios, empregos e riqueza, no progresso da ciência e no avanço das artes. Não é por outra razão que Veridiana cobrava a atuação da família nos negócios, na política, na vida cultural e na esfera social e, frequentemente, intervinha de forma enérgica na vida dos filhos, quando eles davam sinais de que pretendiam trocar o papel de líderes na comunidade pela reclusão confortável da vida privada.<sup>26</sup>

Essa intervenção na vida dos filhos se mostrou bem clara com os dois filhos mais novos, Caio e Eduardo Prado. Com medo da “boemia” do primeiro, Veridiana tratou logo de casá-lo e, com a ajuda de seu filho mais velho, Antônio, que possuía um posto privilegiado na política imperial, arranhou-lhe o posto de presidente provincial no Ceará e Alagoas. Eduardo conseguiu adiar os planos da mãe ao prometer que desposaria uma sua prima assim que “conhecesse o mundo”, o que demorou cerca de dez anos em viagens por cinco continentes. O extenso trecho citado a seguir serve para deixar clara a relação entre mãe e filho, assim como demonstrar a maneira como ela procurava sensibilizar seus filhos sobre seus deveres amplos perante a sociedade e a família:<sup>27</sup>

Meu querido filho

Recebi a vossa carta de 1º de Agosto de 1882. O q. experimentei ao recebê-la, não eu poderia dizer e tão pouco você me compreenderia: estive com a carta nas mãos por mais de um quarto de hora sem ânimo nem coragem para abri-la. Louvado seja Deus que tocou o vosso coração fazendo com que me escrevesse depois de 5 meses de um silêncio inexplicável. Queixas e recriminações seriam inúteis e não quero fazê-las. Como o filho pródigo cuja parábola acabo de ler neste momento volte, quanto antes, e como ele arrependido e como ele será recebido com os braços abertos. (...) Os anos e ainda mais os desgostos tem gasto a má vida e peço a Deus que me conserve a vida, pois seria muito triste para mim morrer sem que a ver-te e abraçar-te. Existe *alguém*, Carolina, a quem você ainda a mais do que a mim tem ofendido e que generosa tem sido para mim filha extremosa durante a tua cruel ausência. Se não fosse a correspondência que temos constantemente entretido

<sup>25</sup> Um estudo completo de sua vida pode ser encontrado em: D'AVILLA, Luiz Felipe. *Dona Veridiana – A Trajetória de Uma Dinastia*. São Paulo: A Girafa, 2004.

<sup>26</sup> D'AVILLA, Luiz Felipe. *Dona Veridiana – A Trajetória de Uma Dinastia*. São Paulo: A Girafa, 2004, p. 227.

<sup>27</sup> Para maior entendimento, o português utilizado por Veridiana na carta foi atualizado.

escrevendo-nos quase todos os dias, creio que não poderíamos suportar tantos desgostos. Felizmente as nossas crenças religiosas e a nossa fé sendo a mesma, encontramos na nossa religião a força e a coragem que você perdeu desde que levado por companhias de gente ímpia e sem vergonha esqueceu-se do que devia a Deus, à vossa triste mãe e a você mesmo.

Ansiosa espero notícias, pondo como até aqui toda a minha esperança em Deus N.S. e na Santa Virgem que nunca desampara aos que só n'Ele esperam. Possa esta carta levar ao vosso coração paz e o sossego de que tanto precisa.

Receba meu muito amado filho a benção de quem com extremeza e ternura é.

Vossa Mãe que muito vos amo,

Veridiana.

A íntima relação entre Eduardo Prado e sua mãe era característica marcante de sua personalidade, como notara o médico Luís Pereira Barreto, amigo seu, que cria “que Eduardo Prado foi a mais enérgica expressão da influência materna”<sup>28</sup>. Eram frequentes seus comentários sobre seu caráter “extraordinário”<sup>29</sup>, assim como sua dependência psicológica e financeira em relação à sua mãe. Dado o grande número de viagens pelo mundo e suas aventuras financeiras, assomadas à sua fama de gastador, por vezes necessitava da mãe para acertar suas finanças, como quando no auge de sua atuação monarquista, precisou do dinheiro materno para conseguir manter o jornal que havia comprado, *Comércio de São Paulo*. Quase para fechar as portas, foi socorrido por Veridiana, que passou a “intervir nas oficinas, nas colaborações, nos anúncios e até na orientação política”<sup>30</sup>.

Isso pode demonstrar o papel assumido por Veridiana na educação dos filhos e na chefia da família. Como veremos, fora ela a grande responsável e compartilhadora do catolicismo de Eduardo Prado. Não apenas no catolicismo, mas em toda a sua formação educacional, acompanhou seu filho caçula de perto. Primeira em São Paulo a contratar uma governanta francesa para educar seus filhos<sup>31</sup>, Veridiana mais tarde, preocupado com o fato de Eduardo Prado, ainda aluno, ser “genioso, extremamente curioso”, porém muito distraído nos estudos<sup>32</sup>, contratara tutores particulares para preparar-lhe para os exames superiores. O convívio constante com a mãe, que o incentivava à leitura, influenciou-lhe sobremaneira, tornando-o conhecedor de literatura e história desde a idade que antecedeu sua entrada à Faculdade de Direito de São Paulo, conhecimento a que daria azo nos últimos anos de sua vida, quando desiludido com as possibilidades monarquistas do período, entregando-se à sua paixão pela história brasileira, assim como sua coleção de documentos históricos.

<sup>28</sup> MOTTA Filho, Cândido. **A Vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p. 11.

<sup>29</sup> MOTTA Filho, Cândido. *Sob as vistas de Dona Viridiana* in: **A Vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

<sup>30</sup> D'AVILLA, Luiz Felipe, Op. Cit, p. 245.

<sup>31</sup> LEVI, E. Darrel. Op. Cit. p. 152.

<sup>32</sup> D'AVILLA, Luiz Felipe, Op. Cit, p. 229.

Neste ponto surge uma reflexão necessária para definir as motivações que o levaram a desenvolver seu comportamento posterior, com forte tendência eurocêntrica. Quais valores culturais e morais formavam o corpo de sua educação? Além das leituras, da já citada governanta francesa e dos tutores de formação clássica, o que mais interferia em sua vida, dando-lhe impulsos para viajar pelos continentes e afirmar que “do mundo o melhor é a Europa, da Europa a França, da França Paris, de Paris, todo o perímetro do *pavé du bois* du Bologne!”<sup>33</sup>

Um primeiro sentido a ser tomado sobre estas questões está no próprio desenvolvimento da família Prado com o enriquecimento do café. Por volta do ano de nascimento de Eduardo Prado, a família não tinha mais dependência dos casamentos endógamos para prosperar, e uma eficiente rede de matrimônios entre famílias importantes na Província de São Paulo começou a ser efetuada.<sup>34</sup> Com a importância e a fortuna em franca prosperidade na região, os Prado, deram seguimento a seus investimentos, modernizando técnicas e formas de trabalho nas plantações, como a já citada relação com o trabalho escravo que, se se encontrou distante de uma postura pioneira de alforria, foi no entanto, moderna no papel de importação de imigrantes, tendo seu auge nas atividades de Martinico Prado neste ramo ao final do século XIX. Neste novo momento, de progresso material visível em relação às pequenas fortunas que possuíam antes do início das atividades cafeeiras, permitiam-se práticas e luxos distantes de seus antepassados.

Durante os anos entre 1856 e 1864, os lucros de Martinho Prado com o café cresceram grandemente, alterando seu status de devedor para credor. Ele e Veridiana puderam, então, abastecer seus filhos com livros, tutores estrangeiros, governantes e mestres de dança, e com um piano importado, no qual suas filhas tocavam música clássica.<sup>35</sup>

O maior exemplo disso é o início da prática de “banho de civilização” oferecido aos homens do núcleo familiar, que consistia, após a finalização dos estudos superiores, na oferta de viagem à Europa, conhecendo vários países e se inteirando do que havia de mais moderno no mundo da época. Essa possibilidade não trazia apenas o símbolo de status à família, ou um simples prêmio aos jovens que acabavam de cumprir aquilo que já estava programado a eles desde muito cedo. A viagem à Europa também significava a transição do jovem formando ao mundo dos negócios da família, dando-lhe a capacidade de conhecer o mundo financeiro

<sup>33</sup> LEVI, E. Darrel. *A Família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977 apud BARRETO, Plínio. *Eduardo Prado e seus Amigos*. Revista do Brasil, 1 (nº2, fevereiro de 1916), 189.

<sup>34</sup> Ver capítulo “Estrutura e Dinâmica da Família Prado, 1840-1889” in LEVI, E. Darrel, op. Cit.

<sup>35</sup> LEVI, E. Darrell. Op. Cit. p. 138

européu, onde era comercializado grande parte do café paulista (e naturalmente dos Prado), inteirando-se do papel que deveria assumir daí para frente, ao conhecer mais das práticas modernas e dos costumes que, levados ao Brasil, seriam a vanguarda dos costumes europeus na região.

Os Prado, em contato com o Velho Mundo, deveriam se inteirar das elites, assim como da ordem e dos negócios, trazendo para o seio da família a modernidade e o caráter empreendedor característico. O primeiro a desfrutar deste privilégio fora Antônio Prado, primogênito de Veridiana Prado. Após formar-se na Faculdade de Direito de São Paulo (como mais tarde fariam seus três irmãos mais novos), Antônio Prado embarcou para a Europa em 1862. Ao contrário de seu irmão caçula, Antônio fora à viagem tendo em mente o significado da situação e com sérias intenções de estudar a economia e política do *Velho Mundo*.<sup>36</sup> Pouco admirado com os portugueses, valorizando apenas o lado empreendedor dos ingleses, Antônio se maravilhou principalmente com Paris, onde permaneceu praticamente os dois anos que duraram sua viagem. Essa admiração partia muito mais da coleção artística da cidade do que dos seus divertimentos mundanos, além do fato de Antônio ter estudado Direito comparativo, economia política e literatura francesa moderna na capital francesa<sup>37</sup>. Não faz parte dos limites deste trabalho o aprofundamento sobre a importância desta viagem na vida de Antônio, mas é inquestionável que aliada a seus estudos, ela marcou em profundidade sua visão política, transformando-o num crítico severo à precariedade das relações de poder no Brasil, sem contar o fato que nas décadas seguintes seria o membro da família a desenvolver uma sólida carreira política, sendo de longe a mais brilhante.

Eduardo Prado também passou pelo processo de formação na Faculdade de Direito, com a consequente viagem que, além de dar forma às suas opções intelectuais e à formação de seu “personagem”, também permitiram uma posição privilegiada como adversário da República no exterior, para onde se dirigia durante os momentos de convulsão política no país. Assim fora durante o governo de Floriano Peixoto e Prudente de Moraes, quando aproveitou para dar continuidade a seus negócios, articular novas ideias para o movimento monarquista no Brasil e encontrar-se com amigos.

Ainda envolvendo sua educação nesse momento de modernização da família Prado, um segundo ponto aparece como fundamental para compreender não só a relação mãe-filho, como também o papel de destaque e, por vezes provocador, que Veridiana Prado assumiu perante a sociedade paulista após o seu divórcio. Com a liberdade e o novo papel assumido,

---

<sup>36</sup> Idem, p. 139.

<sup>37</sup> Idem, p. 143.

teve mais liberdade para conduzir os negócios e a vida privada a seu gosto. Viajou para a Europa pela primeira vez em 1882, indo visitar uma de suas filhas, Ana Blandina, que morava em Paris com o marido e quatro filhas. Lá pode conhecer o sistema de salões reinante na França, com encontros sociais, banquetes em palacetes, com requintes e etiquetas que ainda não haviam chegado às elites brasileiras, sobretudo na província de São Paulo, relativamente atrasada em relação a outras províncias do país. Lá pôde encontrar o ambiente ideal para “disciplinar o espírito e moldar a formação do caráter. Ali se aprendia a refinar os gestos, ensaiar as palavras e educar os atos”.<sup>38</sup> Tanto deslumbrou-se com o que viu, que ao voltar a São Paulo resolveu transformar o ambiente em que vivia. Inaugurou um Palacete que ficou famoso não só por inaugurar o gênero na cidade, mas por tornar-se um centro de encontro da elite e da intelectualidade brasileira (e por vezes internacional) em São Paulo. Por lá passaram o escritor português Ramalho Ortigão, Afonso Arinos, o geólogo norte-americano Orville Derby, Teodoro Sampaio, entre outros. O encontro mais importante, no entanto, se deu com um membro da família imperial. Ao visitar São Paulo, a Princesa Isabel conheceu a mansão de Veridiana, e assim descreveu a experiência em seu diário:

A propriedade de Dona Veridiana é lindíssima; casa à francesa, exterior e interior muitíssimo bonitos, de muito bom gosto. Os jardins têm gramados dignos da Inglaterra, a casa domina tudo, há um lagozinho, plantações de rosas e cravos, lindos. Vim de lá encantada.<sup>39</sup>

Para pensar o desenvolvimento de Eduardo Prado nos anos seguintes à Proclamação da República é necessário analisar o progresso econômico e social de sua família e sobre quais *valores* fundaram-se suas perspectivas. Encontramos em 1889 um jovem de 29 anos, que já havia participado da delegação diplomática brasileira nos EUA a convite de Rio Branco, assim como na Exposição Universelle de Paris e, em ambos os casos a serviço do império sem, no entanto, possuir laços políticos que se estendessem para além disso.

Eduardo Prado, que sempre demonstrara interesse pelo passado brasileiro, ora por contraposições “românticas” com o presente, ora por opções intelectuais pessoais, passando inclusive em alguns momentos por interesses econômicos, acabou por alinhar-se ao Império deposedo. Apesar de não ter sido um monarquista fervoroso quando este sistema político era presente, tornou-se um quando o novo regime trouxe mudanças incertas para os rumos do país, transformando referenciais nos quais sua família havia prosperado durante o Primeiro e

<sup>38</sup> D’AVILLA, Luiz Felipe, Op. Cit. p. 232.

<sup>39</sup> HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996, págs. 104-105.

Segundo Reinado. A família Prado, com a capacidade de adaptar-se às bem às ondas políticas que percorreram todo o século XIX, reagiu sem grandes problemas à Proclamação da República. Antônio Prado, apesar de ministro de Império, acabou por aderir silenciosamente ao novo regime, servindo mais à família e às suas ideias políticas do que às propostas republicanas, assim como Martinho Prado, que de republicano fervoroso, abandonou a política e se voltou totalmente para seus negócios, que como um todo na família Prado, continuaram progredindo. A diferença de Eduardo Prado, único filho de Veridiana a permanecer monarquista, foi não ter tomado uma postura pragmática em relação às transformações, nem depender de cargos públicos que necessitassem uma adaptação a um novo discurso, uma nova ideologia e uma nova postura. No entanto, apoiou seus amigos quando chamados a trabalhar para a República, como Joaquim Nabuco e Barão do Rio Branco.

Abastado (com ou sem ajuda financeira de Veridiana), pôde abdicar de qualquer possibilidade de assumir a chefia da família. Seus irmãos mais velhos estavam mais ligados à prática econômica da família, assim como à política que a legitimava e lhe dava uma posição privilegiada. Com esta liberdade, optou por formar um comportamento diletante, viajando, colhendo informações, defendendo o império, formando em seu apartamento parisiense um ponto de encontro de intelectuais brasileiros na Europa. Sua formação talvez não explique todos os rumos que tomaria em sua trajetória, mas muito esclarece e nos aproxima de seus rastros, como ressalta a seguinte citação que nos serviu como embasamento teórico:

(...) É necessário (*ao biografar intelectuais*) fazer sua arqueologia, inventariando as solidariedades de origem, por exemplo de idade ou de estudos, que constituem muitas vezes a base das “redes” de intelectuais adultos. É lógico, sobretudo no caso dos acadêmicos, remontar a seus jovens anos escolares e universitários, numa idade em que as influências se exercem sobre um terreno móvel e em que uma abordagem retrospectiva permite reencontrar as origens do despertar intelectual e político. A atração e a amizade e, ao contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo.<sup>40</sup>

Tendo em vista que a formação de um ser, intelectual ou não, responde a várias influências, não só da família e de seu tempo, como do meio em que se insere e instituições às quais se veicula (religião, escola, faculdade, trabalho), transitamos para outras fontes de análise que possam justificar ou ao menos clarear a trajetória intelectual e política de Eduardo Prado.

---

<sup>40</sup> SIRINELLI, Jean-François. Op. Cit. p. 250

## 1.2 A Cidade de São Paulo

Eduardo Prado fez sua primeira viagem internacional só após formar-se na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1881, aos vinte e um anos de idade. Antes disso, passara toda a sua vida na cidade de São Paulo, local central dos negócios da família Prado que, apesar de possuir fazendas no interior, lá realizava transações bancárias, casamentos, encontros sociais e negócios variados. Também era o local de moradia quando a presença junto às plantações não se fazia necessária. A formação de Eduardo Prado acompanhou o desenvolvimento da cidade, que nas décadas que sucederam ao seu nascimento passou por um grande aumento de população e na complexidade de relações sociais, culturais e políticas, movidas pelo impulso cafeeiro.

Antes do *boom* do café, São Paulo se mostrava muito incipiente em seu desenvolvimento urbano e comercial perante outra província do país. A seguinte descrição deixa claro o estilo de vida encontrado na região nas primeiras décadas do século XIX:

Até 1828, a Cidade teria mantido suas características coloniais, como “arraial de bandeirantes” e tropeiros, centro comercial modesto, dotado de uma economia de subsistência ou produtora de açúcar em centros interioranos, transportado por bestas para o porto de Santos. Com a instalação da Academia de Direito, a vida social centralizou-se em torno dos cerca de mil estudantes, abrigados em pensões ou repúblicas espalhadas pela Cidade. Configurou-se o “burgo dos estudantes”(…). Nas últimas décadas, a presença maciça de imigrantes e o desenvolvimento urbano trazido pela economia agroindustrial do café modificaram o perfil de São Paulo.<sup>41</sup>

Dez anos antes do nascimento de Eduardo Prado, São Paulo possuía apenas 20.000 habitantes<sup>42</sup>, e em 1873, evoluíra apenas para 23.000 habitantes. Isso demonstra que a cidade só ganharia um crescimento acelerado com o aumento progressivo da chegada de imigrantes, coordenada até o final do século principalmente pelos Prado (com destaque para Martinico Prado). Até o final do século XIX, estima-se que quase 950.000 imigrantes haviam desembarcado em São Paulo<sup>43</sup>(divididos entre o interior e as Províncias vizinhas), e sua população já havia subido para cerca de 240.000 em 1900. Um crescimento de quase 1000% em 27 anos! Isso naturalmente refletia no cotidiano da cidade e do Estado, já que o governo, organizado nas mãos das principais famílias cafeeicultoras, passou a promover projetos de desenvolvimento que atendessem às necessidades destas. Com o levantamento de grandes obras públicas, modernização da cidade, criação e extensão de trilhos de trem e bonde, São

<sup>41</sup> CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *População e Sociedade em São Paulo no século XIX*. In: **História da Cidade de São Paulo – a Cidade no Império 1823-1889**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004, p. 16.

<sup>42</sup> DARRELL, E. Levi. Op. Cit, p. 137.

<sup>43</sup> CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. Op. Cit. p. 34.

Paulo tornou-se a região econômica mais importante do país, e os Prado participavam desse processo em duas esferas, a econômica e a política. Em 1875, a cidade ganhara esgotos, calçamento, reservatórios e iluminação a gás, chegando logo a eletricidade. Conforme a cidade aumentava em população e riqueza, novos investimentos eram feitos na cidade, com a modernização das vias públicas e do transporte. Relacionado à formação educacional,

A cultura desenvolvia-se com cursos de Filosofia, Matemática, o de Cirurgia, fundado em 1808, o Seminário da Educandas fundado em 1825 ao mesmo tempo que a Biblioteca Pública; havia cursos de Retórica, Latim a Escola Politécnica, a Escola Normal, o Mackenzie, e sobretudo os Cursos Jurídicos fundados em 1828 por D. Pedro I.<sup>44</sup>

No entanto, a cidade possuía ainda muitas limitações artísticas e de entretenimento em relação à capital federal. Poucos teatros, poucos encontros sociais, além de um espírito fechado, conservador nos costumes.<sup>45</sup>

Sobre a infância de Eduardo Prado nesta cidade em crescimento, sabe-se o pouco deixado em cartas e comentários de Veridiana Prado, de que gostava da companhia materna, das suas leituras, assim como acompanhá-la às celebrações católicas. Mais informações sobre suas atividades são encontradas em seus anos de Faculdade, tratados ainda neste capítulo, que mostram um Eduardo Prado já ligado a debates e vinculado a jornais estudantis. São Paulo, apesar de ser o centro de reunião dos negócios e da família Prado, cidade na qual Eduardo publicaria seu jornal e organizaria grande parte de suas atividades políticas, não o segurou por muito tempo, quando formado em Direito seguiu o trajeto que havia sido disponibilizado para seus irmãos, tomando um “banho de civilização”, que se estendeu por dez anos e ajudou-lhe a criar laços na Europa com intelectuais amigos e banqueiros. A cidade, apesar de suas constantes viagens, se ligou à sua vida em vários momentos importantes, como quando a primeira edição da *A Ilusão Americana* foi retirada de circulação pela polícia, ou quando organizou, já afastado dos grandes debates políticos, as *Conferências Anchiitanas*, com a participação de grandes nomes, dentre eles Joaquim Nabuco. Analisar dentro de quais possibilidades agia Eduardo Prado no Brasil, politicamente ou intelectualmente, é analisar o desenvolvimento da cidade de São Paulo, aliando sua evolução material com um crescente papel de importância na política federal. Daí a grande repercussão nacional do jornal

<sup>44</sup> PAGANO, Sebastião. *Eduardo Prado e Sua Época*. São Paulo: O Cetro, 1960, p. 48.

<sup>45</sup> Duas leituras dão a imagem de São Paulo no período: PAGANO, Sebastião. Op. Cit. p. 41-51, que apesar das limitações pelo caráter laudatório e memorialista do trabalho contribui com grande quantidade de informações sobre a cidade, e OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *Uma senhora na rua do Imperador: população e transformações urbanas na cidade de São Paulo, 1870-1889* in: GRINSBERG, Keila; SALLES, Ricardo, org. **O Brasil Imperial, v. III 1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

*Comércio de São Paulo* de sua propriedade, com circulação voltada ao público paulista. Outro grande tópico de importância para a formação de Eduardo Prado, relacionado diretamente a São Paulo, foi seu ingresso na Faculdade de Direito, e que merece ser estudado separadamente.

### 1.3 A Faculdade de Direito de São Paulo

Devido ao papel assumido pelos Prado no século XIX, assim como o valor que alguns deles carregavam, com destaque para Veridiana Prado, de que tinham a dupla função de elite material e intelectual perante o país, a participação na Faculdade de Direito era consequência para aqueles que tinham como trajetória natural agir na economia e política do meio em que viviam. Assim ocorreu com Eduardo Prado e seu três irmãos mais velhos, Antônio, Martinico e Caio, todos formados pela Faculdade e mais ou menos atuantes após formarem-se. Esta realidade familiar se inseriu em um processo amplo e crescente de fortalecimento do bacharelismo na política nacional, como descrito por Sérgio Adorno em *Aprendizes do Poder*.<sup>46</sup>

A Faculdade, fundada em 1827-28 por D. Pedro I, tinha o objetivo de desenvolver a Província de São Paulo, que no início do século XIX contava apenas com cerca de 188.000 habitantes<sup>47</sup> e pouca conexão com a capital federal do país. Trazendo a Faculdade para São Paulo, os estudantes que para lá se dirigiram deram movimento à cidade, pagando pensões como moradia, aumentando o comércio, organizando encontros públicos para debates ou festejos, ou simplesmente chocando a calma corriqueira com arruaças e divertimentos inéditos para a pequena sociedade local.<sup>48</sup> A descrição a seguir dá um bom dimensionamento do dia-a-dia na capital paulista 22 anos após a fundação da Faculdade:

Em 1850, a cidade de São Paulo era muito mais paroquial do que cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Ao contrário delas, estava isolada do mar. Sua população, de mais ou menos 20.000 habitantes, tinha baixo poder aquisitivo. Seus habitantes mais sofisticados, influenciados por uma romântica visão de mundo, viam a cidade como triste, monótona e enfadonha.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> Abreu, Sérgio França Adorno de. Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>47</sup> LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. Características da população em São Paulo no início do século XIX. População e Família. São Paulo, no.3, p. 71-91, 2000, USP-FFLCH.

<sup>48</sup> PAGANO, Sebastião. Op. Cit. p. 41-51

<sup>49</sup> DARRELL, E. Levi. Op. Cit, p. 137.

Como visto anteriormente, esta realidade só foi radicalmente mudada nas últimas décadas do século XIX e início do XX, quando São Paulo passou a ser a maior cidade do país. A Faculdade de Direito, apesar do atraso da região, cumpria o seu papel por ter se transformado

[...] num celeiro de estadistas, artistas, intelectuais, fazendeiros e homens de negócio que moldaram a história política, econômica e cultural do Brasil. Os jovens “afrancesados, urbanizados e politizados”, que deixavam os engenhos e ingressavam na Faculdade de Direito, na política e burocracia estatal, representavam a nova elite que o rei D. João VI começara a construir para ajuda-lo a governar o reino brasileiro. A formação acadêmica na Faculdade de Direito, as atividades políticas nas câmaras municipais e os debates na imprensa, na Corte, nos cafés e nas praças públicas refinaram as ideias, moldaram o perfil dos primeiros partidos e proporcionaram o envolvimento da minoria prestigiada com as questões de Estado.<sup>50</sup>

Neste cenário Eduardo Prado entrara em 1875, com apenas 15 anos de idade, saindo 6 anos depois, aos 21 anos. De sua turma fizeram parte Afonso Celso, filho do Visconde de Ouro Preto, Assis Brasil, Júlio de Castilhos, Pedro Lessa e Júlio de Mesquita.<sup>51</sup> Com atuação de destaque entre os colegas, participou desde os tempos de Faculdade como repórter do *Correio Paulistano*, numa seção chamada *Crônicas da Assembleia*, descritas como “humorísticas, justas, delicadas, impertinentes e corteses ao mesmo tempo que impiedosas mas sem ferir a ninguém e sem desprezar ou despertar inimizades”<sup>52</sup>. Sem tantos adjetivos, pode-se encontrar, no entanto, um jovem que já iniciava suas características de articulador e polemista, o que o definiria muito bem anos depois. Dessa época também data a produção, juntamente com seu irmão mais próximo em idade, Caio Prado, um texto satírico em relação ao seu irmão Martinico Prado na revista *A Comédia* (que dirigia com Valentim Magalhães e Raul Pompéia), publicação da Faculdade, e entre outros, o de escrever um ensaio discordante com um professor também da Faculdade de Direito.<sup>53</sup>

Novamente podemos encontrar diretrizes que liguem as opções políticas de Eduardo Prado com sua formação intelectual. Na Faculdade de Direito, efetuou leituras básicas para o período, como François-René de Chateaubriand e Ernest Renan, de repertório europeu, como natural para um período em que o país ainda importava as principais ideias culturais e políticas, adaptando-as às necessidades nacionais. Eduardo, sempre atraído pelo poder que as tradições monárquicas exerciam sobre o imaginário popular, pôde, através de uma progressiva construção ideológica, aliar as tradições mais caras a si com alguns de seus valores adquiridos

<sup>50</sup> D’AVILLA, Luiz Felipe, Op. Cit, p. 18-19.

<sup>51</sup> PAGANO, Sebastião. Op. Cit. p. 13.

<sup>52</sup> Idem, p. 14.

<sup>53</sup> DARRELL, E. Levi. Op. Cit, p. 221.

com o desenvolver de sua vida. Um desses valores foi seu gosto por viagens, que lhe incutiu um conseqüente cosmopolitismo, característico às gerações da época:

Havia um cosmopolitismo introjetado no modo de pensar da elite imperial brasileira. Este grupo se alimentava do repertório europeu, consequência natural da formação clássica que recebiam muitos ainda em Coimbra, ou à moda de Coimbra nas escolas de direito nacionais. A “posição eurocêntrica” em termos de referências políticas intelectuais é patente nos debates no parlamento e no Conselho de Estado.<sup>54</sup>

As críticas que surgem sobre a validade de seu monarquismo encontram obstáculos perante esta análise. Eduardo Prado respondia a uma realidade corriqueira do período, de acordo com práticas de uma elite que buscava se estabelecer e ser prestigiada através da repetição de procedimentos considerados tradicionais, e que tinham todos eles tradições europeias. Seu antiamericanismo decorria parte de seu incômodo pessoal com o comportamento americano, que destoava do europeu por um pragmatismo acentuado, como pela influência que os EUA vinham exercendo sobre o novo regime político brasileiro. Eduardo estava acostumado ao código de valores e práticas do sistema monárquico, que se ligava em linha com antigas monarquias europeias, das quais surgiu e se relacionava. Sua própria família não deixava de se relacionar com esse sistema e dele retirar posição favorável aos negócios que só cresceram durante o século XIX. Esta postura, que se iniciou desde os tempos de apoio do Barão de Iguape a D. Pedro I em São Paulo, continuava presente com o desenvolvimento de seus netos, unindo posturas aparentemente díspares, como a de Eduardo Prado e Martinico, sendo este um fervoroso republicano que, nos momentos oportunos, soube preservar os negócios familiares acima de interesses políticos. Antônio Prado foi o exemplo personificado desta reserva política, pois apesar de político influente, nunca defendeu ardorosamente a monarquia, apesar de ser seu simpatizante, nem protestou contra o republicanismo, participando sem grandes reservas de sua política. A posição monarquista, ou sua aceitação, era natural ao contexto, não possuindo, no entanto uma consistente teorização própria. Para Angela Alonso:

Os valores compartilhados estavam cristalizados como *tradição*. A tradição político-intelectual do Segundo Reinado demarca os recursos intelectuais disponíveis para os agentes: um conjunto *limitado* de padrões analíticos e de significados – noções e conceitos, formas de abordagem, esquemas explicativos, formas estilísticas e fórmulas retóricas a partir dos quais a sociedade pensava a si mesma. Essa tradição se construiu a partir de suas balizas: a experiência nacional e o repertório europeu.<sup>55</sup>

<sup>54</sup> ALONSO, Angela. **Ideias em Movimento – A Geração de 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002, p.53.

<sup>55</sup> ALONSO, Angela. Op. Cit, p. 52-53.

Em seguida caracteriza a relação que a elite mantinha com o regime monárquico durante praticamente todo o Segundo Reinado:

A estrutura de poder do regime, a sociedade hierárquica, a forma monárquica eram uma espécie de senso comum da elite, percebidas como a ordem natural das coisas. Expressavam o espírito do regime, a essência do modo médio de pensar, encarnado nas práticas sociais e nas próprias instituições políticas. O *status quo* imperial esteve mais representado em modos de pensar e agir do que em doutrinas explicitamente formuladas.<sup>56</sup>

O próprio Eduardo Prado não foi um ardoroso monarquista antes de 1889, tendo inclusive se aproximado do republicanismo por certo período durante a Faculdade, quando ainda adolescente. O republicanismo já rondava o país desde os anos de 1870, com a chamada “Geração de 1870”, quando houve o fortalecimento do tema, com sua disseminação em variadas camadas da população. Porém nesse sentido Eduardo não escrevera nada, nem participara de qualquer espécie de afiliação. “(...) Embora, algumas vezes, se dissesse republicano, não era, de começo, nem republicano, nem propriamente monarquista, mas um distanciado da política” no período de estudos na Faculdade.<sup>57</sup> Cândido Motta Filho chega inclusive a apontar seu posicionamento monarquista após o 15 de novembro como consequência das suas *aproximações com D. Pedro II*<sup>58</sup>, em referência à sua participação na Delegação brasileira em Washington, onde ficou encarregado de organizar o arquivo de documentos brasileiros que a Delegação mantinha no país, assim como sua participação na *Grande Enciclopédia* de Lavasseur, escrevendo dois artigos referentes ao Brasil com o auxílio de Rio Branco e sua contribuição na delegação brasileira para a Exposição Universal de Paris em 1889. No entanto, com exceção destas pequenas atividades, que possuíam muito mais o caráter figurativo do que profissional, Eduardo não criara laços maiores com o Império nem com seu monarca, do qual só formou opiniões claramente positivas após sua queda.

Talvez nesse sentido possa-se encontrar novas referências de que o monarquismo desenvolvido em sua atuação respondia muito além de interesses econômicos, já que se formava por uma complexa interação entre formação e opções estéticas pessoais. Eduardo Prado decididamente possuía opções, racionalizadas ou não, que se cristalizaram numa atitude bem posicionada, explicada algumas vezes apenas por seu apreço diletante por novas descobertas e empreitadas, que encerrava a característica mais marcante de sua personalidade, já perceptível por Eça de Queiroz e que com certeza se formara por uma construção

---

<sup>56</sup> Idem, p. 52.

<sup>57</sup> MOTTA Filho, Cândido. **A Vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p.171.

<sup>58</sup> Idem, p. 173.

consciente de si mesmo. Disse o autor português que “A qualidade dominante de Eduardo Prado, (...) é, certamente, a curiosidade. (...) Viajou vastamente, viajou intensamente: não como vagabundo, mas como filósofo(...)”.<sup>59</sup> Esta mesma “qualidade dominante”, a curiosidade, talvez tenha o afastado de relacionar-se mais diretamente com a profissão por formação, já que passou a correr o mundo após sua formatura.

Politicamente, com exceção de uma aproximação superficial com o republicanismo na época, não demonstrou grandes interesses políticos neste período, ou ao menos não participou de nenhum movimento neste sentido. O início de sua participação política se daria um mês após a proclamação da República, quando iniciou sua série de artigos intitulados *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*, assumindo sua posição monarquista. Eduardo estava ainda imerso nas viagens que logo iria empreender, e a vida política do país parecia continuar a mesma, muito diferente de sua postura após 15 de novembro de 1889, quando pareceu manter antigos laços com um Império que levava consigo o prestígio e equilíbrio nacionais de 49 anos de governo, dos quais Eduardo Prado pouco vivera em sua vida adulta e apenas num caráter generalizante soube mesurar, moldando a imagem de um Império mais baseado em suas idealizações que no cotidiano de um governo enfermício no período de sua queda.

#### 1.4 Amigos / Leituras

O grupo ao qual um intelectual pertence pode dizer muito sobre suas escolhas políticas e culturais. No seio do grupo, faz-se leituras em comum, compartilha-se agitações, ideias, cria-se oportunidades de ação que, individualmente estariam limitadas.

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica e cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar.<sup>60</sup>

Analisar as ligações do biografado, a quais níveis sociais e círculos intelectuais pertencia em sua época é tarefa importante, mas nem sempre uma simples leituras de fontes. Trabalhamos com o conceito de *redes e estruturas elementares de sociabilidade*,<sup>61</sup> suas interligações com o meio e o período histórico, buscando algumas respostas que se mostraram

<sup>59</sup> QUEIROZ, Eça. “Eduardo Prado” in PRADO, Eduardo. *Coletâneas*, vol. I. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, p. X.

<sup>60</sup> SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René, org. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2007.

<sup>61</sup> Utilizamos todo o livro, com destaque para este capítulo em especial: SIRINELLI, Jean-François Op. Cit.

complexas durante a busca da formação de Eduardo Prado. Como pode ser medida a ligação ou atração de um ser por um grupo em que se insere? Assim o faz por uma questão lógica de sua formação, passando por valores que desde jovem atuaram em seu desenvolvimento? Suas opções não podem ocorrer simplesmente por questões circunstanciais, como antipatia por indivíduos e sistemas, ou amizade e “paixão” por valores que nem sempre são bem estruturados na personalidade do biografado? Talvez nesse sentido tenha se desenvolvido grande parte da trajetória de Eduardo Prado, através de uma postura ideológica que refletia muitas vezes seus gostos pessoais, suas opções estéticas, sua destacada curiosidade, que lhe permitia fazer amizades com personalidades as mais variadas possíveis.

Para isso, basta ver que Eduardo Prado, na Europa,

Fazia parte do célebre cenáculo de escritores portugueses e brasileiros, que residiam ou circulavam frequentemente pela França, e que era composto pelo próprio Eça de Queirós, por Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, pelo Barão de Rio Branco, e ainda Magalhães de Azevedo, Graça Aranha, José Veríssimo, Domício da Gama e, esporadicamente, por Joaquim Nabuco e Olavo Bilac.<sup>62</sup>

Alguns destes amigos já os tinha no Brasil, e outros foram conhecidos na Europa. Após correr o mundo, estabeleceu-se em um apartamento na rua Rivoli em Paris, local que passou a ser um centro de encontros entre intelectuais e políticos brasileiros e portugueses que estavam de passagem pelo país. É Olavo Bilac quem nos dá a descrição certa dos visitantes do ambiente:

Quantos brasileiros ilustres passaram por aquela casa! Em noites de recepção (...) enchiam o salão, a biblioteca, a sala de jantar e até a sala de banho e a copa. Havia um aposento agraciado com o título de *sala de fumar*. Mas a dignidade era apenas honorária, porque nessas noites fumava-se em todas as salas. Fumarada e falatório nunca hão de faltar onde houver brasileiros... Às vezes era janeiro e a neve caía lá fora. A acumulação da gente, a febre das conversas, o ardor das disputas e o fumo dos cigarros transformavam a casa numa gruta-de-cão, de ar irrespirável; a coluna de azougue do termômetro, espantada, punha-se a subir vertiginosamente a escadaria centígrada, parando exausta no patamar tropical. O castelão corria a abrir as janelas, e só quando via as calçadas da rua e as fachadas dos outros prédios cobertas de neve, é que eu me lembrava que estava tão longe da pátria... Ali vivia o Brasil, às vezes acerbamente julgado, mas sempre infinitamente amado. O pudor com que Prado evitava que o seu criado lesse os jornais do Brasil a viesse a ter ciência das vergonhas que se passavam na Pátria do amo era um gracejo pueril.<sup>63</sup>

Esta extensa citação nos dá uma imagem do ambiente que se vivia. No clima informal, trocavam-se notícias sobre a Pátria distante, novas relações eram travadas e conhecia-se novas

<sup>62</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo, Sena: A Obra de Paulo Prado**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 29.

<sup>63</sup> BILAC, Olavo. **Crítica e fantasia**. Lisboa: A.M. Teixeira, 1904

peessoas, como Eça de Queirós e Martinho Botelho, que seriam companheiros da *Revista Moderna*.<sup>64</sup> Do apartamento surgiu o diálogo entre Eça e Eduardo acerca da publicação dos artigos deste para a *Revista de Portugal*, logo após a Proclamação da República, revista dirigida na época por Eça. Também de lá partiu Eduardo para o Brasil em meados da década de 1890 com a ideia de desenvolver o Partido Monarquista em São Paulo. Outras tantas relações trouxeram-lhe oportunidades, como seus laços com o Visconde do Rio Branco, que lhe abriu caminho para sua já citada participação na *Grande Enciclopédia* de Lavasseur, assim como a oportunidade de organizar o arquivo brasileiro nos EUA. Muitos amigos também mantinha no Brasil, levando as mesmas características do apartamento na rua Rivoli para São Paulo ou sua fazenda *Brejão*, no município de Santa Cruz das Palmeiras, estado de São Paulo.

No Brasil destacava-se sua amizade com figuras importantes, como Afonso Celso, filho do Visconde de Ouro Preto, que conhecia desde os tempos de faculdade, e com quem manteve relações por toda sua vida. Dele partiu uma interessante descrição do comportamento de Eduardo Prado nas discussões políticas com o amigo, mais de uma vez citada por conhecidos:

A nossa diferença era uma só, dizia ele. Eu levava a minha argumentação à sério. Firmava-a como uma questão de vida e de morte. Ao passo que Eduardo era um brincalhão e levava o que dizia na brincadeira. Dava a impressão que realmente não acreditava na seriedade das convicções políticas.<sup>65</sup>

Mais tarde o próprio Afonso Celso diria que após a Proclamação da República o amigo, apesar de manter a “mesma inteligência, a mesma predisposição para enfrentar os temas com galhardia e coragem”, não era mais um “estudante brincalhão”, preocupado que estava com os problemas nacionais,.

Havia também Capistrano de Abreu, com quem Eduardo Prado fazia viagens ao interior de São Paulo e trocava livros e informações, dois pesquisadores que eram da história e tradição brasileiras. Foi com a ajuda de Capistrano de Abreu que Eduardo Prado realizou seus estudos sobre o padre Antônio Vieira e José de Anchieta, resultando anos depois nas *Conferências Anchiéticas*. Juntos se encontravam também com o geólogo e geógrafo americano Orville Derby, que trabalhou no Museu Nacional e assumiu posteriormente o cargo de diretor da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo, trabalhando também no Serviço Geológico do Brasil. Além de trocarem também livros e documentos,

---

<sup>64</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas, Op. Cit, p. 31.

<sup>65</sup> MOTTA Filho, Cândido, Op. Cit, p. 33.

alguns dos quais Eduardo buscava na Europa, Orville Derby era visitante assíduo do palacete de Veridiana Prado, que o ajudou quando Eduardo não se encontrava no país, pagando tratamento médico quando foi atacado por uma severa pneumonia, sem condições financeiras para tratar-se.<sup>66</sup>

Eduardo Prado em Paris e no Brejão também fez amizade com um dos nomes mais importantes da história política brasileira, Joaquim Nabuco. Eduardo nutria por ele grande dose de respeito, o que o impedia, como nas outras amizades, um certo humor e coloquialidade excessiva<sup>67</sup>. Admirava o porte físico e intelectual de Nabuco, que numa brilhante passagem de *Minha Formação*, talvez tenha postulado uma boa descrição do grupo ao qual ambos faziam parte, ao dizer que “Nós brasileiros e o mesmo pode-se dizer dos povos americanos, pertencemos à América pelo sedimento novo, flutuante de nosso espírito e à Europa por suas camadas estratificadas”<sup>68</sup>. Dessa amizade discreta, mas sempre presente, feita em encontros no Brasil ou na recepção de Nabuco na rua Rivoli, criaram-se laços, sobretudo durante as disputas políticas perante a República em seus primeiros anos. Já se aproximando de 1900, quando Eduardo Prado já havia se refugiado das discussões políticas nos estudos brasileiros, Joaquim Nabuco aos poucos se inseria na política republicana, aceitando nessa época um cargo de diplomacia a convite do governo. Eduardo Prado fora um dos únicos monarquistas a apoiar-lo<sup>69</sup>, talvez o que tenha propiciado o seguinte comentário de Nabuco em seu Diário, no dia 31 de agosto de 1901, quando da morte de Eduardo:

Hoje recebi a notícia da morte do Eduardo Prado, de febre amarela, ontem em São Paulo. Quem lhe teria dito que essa seria a sua morte! Perco senão um amigo, quanto é rara a amizade! Um camarada, um da minha roda, do meu grupo de amigos, da banda literário-político-social a que pertenci. Em um momento, só a voz dele se levantou no campo monarquista para me sustentar. Por ele, minha atitude seria acatada e ter-se-me-ia deixado a liberdade das minhas inspirações, em vez de me proscreverem.<sup>70</sup>

No dia seguinte, ainda em seu Diário, Nabuco reflete profundamente sobre o papel que Eduardo Prado exerceu nas lutas monarquistas, dando seguimento a uma opinião pessoal de que ele fora um talento inacabado, não só pelos poucos anos em que viveu, mas por suas várias atividades e sua fortuna que o impediam de aprofundar-se seriamente nas questões mais grandiosas e que requeriam tempo e dedicação:

<sup>66</sup> Idem, p. 59.

<sup>67</sup> MOTTA Filho, Cândido, Op. Cit, p. 61.

<sup>68</sup> NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957.

<sup>69</sup> *O Comércio de São Paulo*, 6 de abril de 1899.

<sup>70</sup> NABUCO, Joaquim. **Diários – vol. 2, 1889-1910**. Rio de Janeiro: Editora Massangana, 2005.

Pobre Eduardo! Não ter ele podido elevar acima de seus caprichos do momento, fechar os ouvidos às sereias que o atraíam, entregar-se todo às nobres paixões, aos grandes ideais que professava! Assim ele teria aproveitado tantas faculdades que apenas despendeu, teria deixado uma obra, além de panfletos que ele mesmo praticamente repudiou, como repudiou os *Fastos*, aliando-se politicamente com Rui Barbosa... Quem lhe apanhará o que ele tinha de melhor para fixa-lo num retrato verdadeiro? Que pensava ele de si? (...) Como é verdadeira a apalavra: não podeis servir a dois senhores! Havia nele o sentimento da grandeza do asceta e a ambição do polimilionário, e o homem de negócio, precisando de rios de ouro, vencia, sobrepujava nele o homem de ideal, todos os ideais. Helás! Esse é o mundo. A primazia do dinheiro é hoje absoluta.

Talvez tenha sido esta uma das melhores definições sobre o comportamento de Eduardo Prado, encontrada também em outros autores<sup>71</sup>, e que deixa claro o choque entre vários interesses de Eduardo. Esta mesma visão criou, por momentos, uma certa reserva da parte de Joaquim Nabuco com os “entusiasmos” de Eduardo Prado. Um bom exemplo dessa postura foi ter negado o pedido a Eduardo Prado quanto este foi o primeiro a se oferecer para editar *Um Estadista do Império*, justificando que

as ideias dele são, porém, tantas, que se exterminam no nascedouro umas das outras (...) eu só o deixaria imprimir longe de mim se tivesse uma cópia e se a última demão estivesse dada.<sup>72</sup>

Em outras passagens de seus *Diários*, Nabuco criticaria os hábitos de Eduardo Prado, vendo-o como um colecionador de “pseudo-paixões”, gastador e mundano, além da boemia que levava onde quer que estivesse, “ceando de madrugada como almoço à tarde, com a mesma fartura de trufas e champignons”.<sup>73</sup> Estas críticas, vindas da diferença de valores dos dois, não os impediu de desenvolver amizade, encontrando-se amiúde como na virada de ano de 1900 para 1901, que se deu na casa de Eduardo Prado, contando com a presença de Eça de Queirós, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, o médico Hilário Gouveia, entre outros. Da parte de Eduardo, havia apenas elogios a Nabuco, considerando, além de sua grande contribuição à abolição e ao “engrandecimento” do Brasil, sua grande “elevação moral”.<sup>74</sup>

De todas suas amizades, no entanto, talvez a que mais tenha se destacado foi a desenvolvida com Eça de Queiroz (1845-1900), que mereceu inclusive um estudo de João de Scantimburgo intitulado *Eça de Queiroz e Eduardo Prado*.<sup>75</sup> Surgida das viagens de Eduardo Prado à Europa, a amizade se manteria até o final da vida de Eça de Queiroz, se estendendo,

<sup>71</sup> Ver DARRELL, E. Levi. Op. Cit, p. 233.

<sup>72</sup> NABUCO, Joaquim. *Diários – vol. 2, 1889-1910*. Rio de Janeiro: Editora Massangana, 2005, p. 19.

<sup>73</sup> Idem, p. 172.

<sup>74</sup> Manuscrito de Eduardo Prado. *Arquivo Eduardo Prado* – Academia Brasileira de Letras.

<sup>75</sup> SCANTIMBURGO, João de. *Eça de Queiroz e Eduardo Prado*. In: Separata do Boletim Cultural Póvoa de Varzim – vol. XXXVII. Póvoa de Varzim:2002.

entretanto, entre Eduardo e o restante da família por um breve período de tempo, com a própria morte de Eduardo cerca de um ano depois, em 1901. Dessa amizade Eça tiraria o núcleo central de seu personagem *Jacinto em A Cidade e as Serras*, assim como ofereceria o espaço para Eduardo Prado desenvolver suas crônicas antirrepublicanas na *Revista de Portugal*, analisadas no segundo capítulo deste trabalho. Eduardo era grande frequentador da casa de Eça em Portugal e Neuilly, além de íntimo da família, chegando a frequentar sua casa “quase todos os dias”.<sup>76</sup> Em Eduardo Prado admirava Eça a curiosidade, o diletantismo, além da jovialidade que muitas vezes atribuiu ao fato de ser brasileiro. Estas características pareciam fazer de Eduardo um visitante bem quisto em sua casa, daí ser chamado pelos familiares de Eça por “o bom Prado”. Entre ambos se desenvolveu farta correspondência, e a presença de Eduardo Prado marcou inclusive outros membros da família, como a filha de Eça, Maria, que lançou uma biografia sobre o pai<sup>77</sup>, citando fartamente Eduardo Prado. Estas amizades naturalmente contribuíam para suas escolhas intelectuais, suas leituras, viagens e atividades políticas.

Outras duas amizades que parecem ter marcado o desenvolvimento de Eduardo Prado foram as com Rui Barbosa (1849-1923) e Barão do Rio Branco (1845-1912). Com Rio Branco, estreitou laços por conta das publicações na *Grande Enciclopédia*, com quem tinha “algumas afinidades. Ambos eram monarquistas. Devotados aos estudos históricos. Ambos boêmios, com o mesmo gosto voluptuoso da vida”.<sup>78</sup> Estas afinidades os mantiveram “inseparáveis” em Paris, com fácil entendimento de um para o outro. Rio Branco parecia exercer uma grande influência sobre o amigo mais novo e, apesar de seu monarquismo reservado, dava-lhe grande apoio nas discussões públicas no Brasil. Consequência dessa proximidade foi Eduardo Prado ter escolhido o nome de Rio Branco como patrono da cadeira nº6 na Academia Brasileira de Letras, a qual Eduardo Prado fora o primeiro ocupante.

Já com Rui Barbosa, a relação de amizade nasceu após alguns anos de desacordo políticos. Apesar de admirá-lo desde os tempos de Faculdade, Eduardo Prado passou a criticá-lo severamente em seus artigos nos *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*, nos primeiros anos após a Proclamação da República, quando Rui Barbosa participou do Governo Provisório e foi eleito senador. No entanto, após os primeiros anos republicanos, quando Rui Barbosa distanciou-se do poder com a crítica de que formava-se uma ditadura, teve, com a Revolta da Armada, que abandonar o país. Partiu para Buenos Aires, de onde desembarcou na Europa.

<sup>76</sup> MOTTA Filho, Cândido, Op. Cit, p. 39.

<sup>77</sup> **Eça de Queiroz entre os Seus (Apresentado por sua Filha)**. Porto: Lello & Irmão Editores, 1949.

<sup>78</sup> MOTTA Filho, Cândido, Op. Cit, p. 79.

“Com certa surpresa e incontida emoção, teve, entre as raras pessoas que o acolheram, Rio Branco e Eduardo Prado”.<sup>79</sup> Seguiu-se a isso o nascimento da amizade, com a constante troca de correspondência e ideias de luta contra a ditadura florianista no período. Rui Barbosa foi convidado a participar anos depois das *Conferências Anchiitanas* às quais, apesar de ter aceito, não pôde comparecer por motivos de saúde. Eduardo Prado, dias antes de sua morte, visitou o amigo quando passava pela última vez pelo Rio de Janeiro, no intuito de participar de uma reunião no IHGB. Com sua morte em 1901, Rui Barbosa guardaria intensas lembranças do amigo. Em carta a Couto Magalhães, afirmou que

Assim se fechou, às vésperas da viagem eterna, a amizade que, há cerca de sete anos, me distinguiu, tão benévola, tão generosamente. Documentos dela guardo, as suas cartas entre os meus papéis mais preciosos (...) de quantas daquelas páginas se não veria fulgurar o gênio da liberdade projetado na imagem de um grande liberal, o amor da pátria exaltado na inspiração de um grande patriota?<sup>80</sup>

Além destes amigos, que tantas influências deixaram na formação intelectual e política de Eduardo Prado, outros tantos poderiam ser citados, desde amigos de cotidiano, trabalhadores da fazenda que tinham sua admiração, até outros tantos intelectuais que, como no caso de Rui, punha-se a debater, mas pelos quais guardava sincera admiração e que, não mais de uma vez, teve a chance de ajudar. Inserido em uma das *redes de sociabilidade* mais importantes que o Brasil possuiu, Eduardo Prado pode desenvolver uma trajetória que, se não foi decisiva para os rumos que o país tomou, serviu de apoio para vários que se destacaram no contexto. Eduardo serviu à sua época como um “despertador”, conceito esclarecido na passagem a seguir, ao definir que o historiador deve analisar:

(...) o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até a camada, ainda mais escondida, dos “despertadores” que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo as vezes política.<sup>81</sup>

O maior exemplo desta influência de Eduardo Prado talvez tenha sido seu sobrinho Paulo Prado (1869-1943), primogênito de Antônio Prado. Paulo também realizou o seu *banho de civilização* na Europa, em companhia do tio, que o apresentou a todos os seus amigos na Europa, passando a ser também assíduo na casa de Eça de Queiroz. Décadas mais tarde, Paulo

<sup>79</sup> Idem, p. 88.

<sup>80</sup> Idem, p. 89.

<sup>81</sup> SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, René, org. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2007, p. 246.

Prado seria um dos grandes mecenas e agitadores da Semana de Arte Moderna de 22, ocorrida em São Paulo. Assim como seu tio, tornara-se uma mistura de intelectual, investidor de negócios e fazendeiro.

Transitando de suas amizades para suas leituras pessoais e em comum com seu grupo, encontra-se uma gigantesca variedade para análise. Com exceção das leituras daqueles que eram seus amigos, dois autores marcavam profundamente Eduardo Prado: François-René de Chateaubriand e Ernest Renan. Este último é apontado como a maior influência literária de Eduardo Prado, tendo marcado a época como leitura comum entre muitos intelectuais brasileiros e portugueses, dentre eles Eça de Queiroz, Joaquim Nabuco e monarquistas em geral.<sup>82</sup> No modernismo de Renan e em sua defesa por uma aristocracia privilegiada pela formação e responsável pelos destinos políticos de um país, Eduardo Prado encontrou não apenas um estilo, mas também o embasamento teórico que dava seguimento à ideia de elite condutora, muito presente nos valores de sua mãe, Veridiana Prado.

Apesar destas duas fontes principais de leituras, sua procura por conhecimento é extremamente variada, dado o seu gosto por livros, formando duas grandes bibliotecas, uma em Paris, contando com milhares de volumes, muito utilizada por pesquisadores brasileiros no estrangeiro, e outra no Brelão, com cerca de 14 mil volumes. Anos após sua morte, foi feito um catálogo de venda desta biblioteca,<sup>83</sup> ofertado em um só lote a 50 contos de réis, ou também através de compras avulsas de livros. Até os móveis estavam à venda, e a listagem de assuntos pode nos dar a dimensão dos interesses de Eduardo Prado, dividida em 44 tópicos, além de uma lista de documentos e manuscritos históricos, alguns do período de D. João VI, outros da época do Padre Antônio Vieira. Os assuntos passavam por

Ciências Naturais, Estatística, Ciências Matemáticas, Ciências Sociais, Agricultura, almanaques, guias, Astronomia, Meteorologia, Diplomacia, Economia, Arqueologia, Belas Artes, Linguística, Literatura, Jurisprudência, Religião, Pedagogia, Metalurgia, Música, Nobiliarquia, Genealogia, Política, História, Geografia, ciências em geral.<sup>84</sup>

Grande parte destes volumes foi parar no Jockey Club de Buenos Aires, incendiado anos depois, outros se dispersaram pelo Brasil. Apesar de grande parte dos livros nunca ter sido lida, os dados de sua composição nos dá a dimensão da procura de Eduardo Prado por cercar-se de livros e documentos que, se não serviriam a si ou a seus amigos, contaria como *status* intelectual. Tanto na Europa (principalmente em Paris), como no Brasil, sempre estava

<sup>82</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Op. Cit, p. 34.

<sup>83</sup> **Catalogue de la Bibliothèque Eduardo Prado.** São Paulo: Tipografia Brasil Rothschild & Cia, 1916.

<sup>84</sup> PAGANO, Sebastião. Op. Cit, p. 167.

à procura de novos livros e documentos, com gosto especial para os coloniais brasileiros. De acordo com alguns<sup>85</sup>, lia “um livro por dia”, e suas citações em seus artigos e obras dão a dimensão da cultura literária que possuía.

### 1.5 O Catolicismo de Eduardo Prado

Um dos pontos menos estudados na biografia de Eduardo Prado foi o seu sempre presente catolicismo, influência materna direta. De seus quatro filhos homens, Veridiana Prado encontrou apenas em Eduardo Prado um companheiro para suas atividades religiosas, em novenas ou nas missas dominicais. Católico por toda a vida, com constantes referências à sua crença, assim como assíduo frequentador das liturgias de sua religião, Eduardo Prado desenvolveu-se com mais destaque nesse sentido nos últimos anos de sua vida, quando distanciou-se das lutas panfletárias. O seguinte trecho, retirado de um manuscrito seu, foi escrito na madrugada de ano novo de 1901, quando se encontrava só após a já citada visita de amigos íntimos como Eça de Queiroz e Joaquim Nabuco, e nos dá a ideia da mudança de seu caráter após o recolhimento em seus últimos anos, assim como o peso que a religião exercia em sua personalidade:

O meu último jantar do século que, há menos de uma hora, desapareceu e através do qual com tão negligente e condenável inconsciência me tenho vindo arrastando desde o dia do meu nascimento, pelo caminho que leva à Eternidade, durante quarenta anos de inutilidade, em jantar, minha última refeição do século, tive-o em minha casa, cercado de gente da minha raça e da minha língua.

Quando jovem fora coroinha e estudante de escola de padres, entrando em 1854 para o Seminário Episcopal de São Paulo. Mesmo em sua vida adulta, Veridiana Prado afirmava que “os homens sinceramente católicos, em São Paulo, são poucos. E entre eles está Eduardo!”<sup>86</sup> Ele mesmo afirmou a Paulo Prado, seu sobrinho, que “na Idade Média os homens eram fortes porque acreditavam. E eram fortes até na miséria e na doença! A descrença é sempre uma perda de vitalidade!”<sup>87</sup> Seu catolicismo tradicional (criticava a separação entre Igreja e Império promovida pelo governo republicano) se estendia para além das aparências da época, ou como chamou Cândido Motta Filho, o “meio-catolicismo” reinante entre o povo brasileiro. Acompanhava coros religiosos em sua fazenda Brejão, junto aos colonos, “com a mesma

<sup>85</sup> PAGANO, Sebastião. *O Bibliófilo da Fazenda Brejão* in: *Eduardo Prado e Sua Época*. São Paulo: O Cetro, 1960 e MOTTA Filho, Cândido, Op. Cit.

<sup>86</sup> MOTTA Filho, Cândido, Op. Cit, p. 294.

<sup>87</sup> Idem, p. 295.

unção”<sup>88</sup>, e mantinha sincera amizade com Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, que o assistiu em seus últimos momentos, quando em seu leito de morte, pôde dizer, como destacaram familiares e amigos, “Creio, creio, Jesus!”<sup>89</sup>

Na prática, criticou Rui Barbosa como representante da República, que decidira separar o poder político da religião católica, segundo sua opinião, absoluta no Brasil. Mais uma vez contando com sua aproximação com as tradições nacionais e europeias, buscava no passado brasileiro o grande papel que a Igreja Católica já desfrutara, e com o passar dos anos, naturalmente abandonando, num fenômeno não restrito ao Brasil, visto por Eduardo Prado, entretanto, como consequência direta do republicanismo no país. Omitia assim o conflito entre governo Imperial e Igreja que se arrastava há anos, e que fora uma das causas da crise do Império.

Também pode-se destacar um dos mais importantes estudos públicos sobre uma personalidade católica no Brasil, organizado por Eduardo Prado em 1896, as *Conferências Anchiitanas* (no terceiro capítulo deste trabalho este assunto é tratado em pormenores). Estas *Conferências* coroavam o seu interesse antigo por figuras religiosas brasileiras, que contou com a participação de grandes nomes, como Couto Magalhães, Teodoro Sampaio, Rui Barbosa (escreveu seu discurso, mas não pôde comparecer), Capistrano de Abreu, Joaquim Nabuco, entre outros. O estudo é referência até os dias de hoje, e demonstra os rumos dos estudos que Eduardo empreendia à época e que acabaram por não se materializar, como um estudo sobre a vida de Padre Moraes, que contava com cerca de 700 páginas e que acabou por extraviar-se com a sua morte em 31 de agosto de 1901.

---

<sup>88</sup> REZENDE, Padre José Severiano de. **Eduardo Prado – Páginas de crítica e polêmica**. São Paulo: N. Falcone & C. Editores, 1905.

<sup>89</sup> MOTTA Filho, Cândido, Op. Cit, p. 327.

## CAPÍTULO 2 A LUTA MONÁRQUICA

Após a análise da realidade familiar de Eduardo Prado, assim como sob quais valores se deu sua educação, o estudo segue pelo início de sua luta monárquica, ou seja, as atividades que desenvolveu em prol do movimento monarquista que se iniciou, mesmo que timidamente e ausente de uma atuação política em sentido estrito no contexto republicano da última década do século XIX.

Assim, antes de adentrar-se em suas obras propriamente ditas monarquistas, analisaremos seus primeiros escritos, frutos de suas viagens pelo mundo quando recém formado na Faculdade de Direito de São Paulo, processo já citado no primeiro capítulo como costume entre as famílias de elite da Província de São Paulo, conhecido como *banho de civilização*, por permitir que os jovens tomassem contato com a cultura considerada superior pelos valores morais e educacionais da época.

Após analisados seus primeiros escritos e contextualizadas as transformações sofridas no país, passar-se-á ao início de suas obras monarquistas, seus objetivos, seus reflexos nas variadas esferas políticas brasileiras do período e as consequências decorridas na vida pessoal de Eduardo Prado. Através destas obras, fica clara a relação entre formação cultural e interesses pessoais presentes em sua atuação política e financeira.

### 2.1 Livros de Viagens

Após formado pela Faculdade de Direito de São Paulo no início da década de 1880, Eduardo Prado, seguindo o caminho que seus irmãos Antônio Prado (1840-1929) e Martinho Prado (1843-1906) haviam percorrido, empreendeu suas primeiras viagens internacionais. Partindo da América do Sul, Eduardo seguiu visitando os países até chegar ao norte, nos EUA, de onde partiu para a Oceania, seguida da Ásia. Destas viagens, somadas às posteriores pela Europa e África, resultaram dois livros que relatam pormenores de sua viagem, e nos apresentam ainda um jovem não solidificado nos valores políticos que mais tarde definiram sua personalidade.

O primeiro livro lançado foi intitulado *América, Oceania e Ásia*, recebido em forma de cartas pela *Gazeta de Notícias*, publicadas ao correr do ano de 1882, sendo reunidas na forma de livro apenas em 1902, após sua morte, e o segundo, *Viagens: A Sicília – Malta – O Egito*, foi publicado em Paris 1886, apesar de escrito em português. Em ambos os livros, o autor manteve uma linguagem informal e descritiva do que via, com numerosos detalhes não apenas das pequenas circunstâncias que envolviam as viagens, mas também um painel sobre a

cultura, política e paisagens por onde passava. Posicionava-se frequentemente perante os costumes que conhecia, comparando, ora positivamente, ora em tom crítico, a realidade brasileira, demonstrando vasto conhecimento geral sobre aspectos culturais de diversos países. Destas obras, relacionadas indiretamente à proposta deste capítulo, podemos retirar elementos que exponham claramente reflexos de sua formação pautada em valores europeus, pertencentes à uma elite dinâmica no contexto de solidificação das atividades cafeeiras na Província de São Paulo, em relação direta com o capital estrangeiro, sobretudo europeu. Entre comentários pessoais sobre aspectos físicos de viajantes ao seu redor, até análises políticas pelos locais onde passava, vemos, por vezes sem maior compromisso, uma visão bem definida e individual sobre todas as temáticas que seus interesses tocavam, e é o próprio Eduardo Prado que, no início do primeiro volume de viagens descreve suas intenções perante seus relatos<sup>1</sup>:

Não fazemos nunca juízos: as nossas opiniões não tem a pretensão de ser baseadas na análise e no estudo profundo dos indivíduos e dos fatos; por isso, só temos opinião sobre indivíduos e fatos que ferem logo a vista. Julgar por impressão não é um método, e, justamente por o não ser, tem produzido poucos erros, um bocejo interrompe sempre as demonstrações em certos assuntos. Precedida disto, a nossa opinião se apresenta sem pretensão.

É com esta proposta que Eduardo Prado visita inicialmente Montevideu, descrita como uma cidade bela, rica e educada, para a qual o Brasil sai perdendo, além de suas “belas e variadas mulheres”. Em seguida faz um longo relato sobre Buenos Aires que, se possui fragilidade bancária e um transporte não impressionável, conta com uma elogiável elite, apreciadora das artes e “não tão convencional como no Brasil”. Após trechos prevendo um futuro brilhante ao país graças aos seus jovens, superiores aos brasileiros em “inteligência, trato social, cortesia e educação, Eduardo parte para o Chile, que descreve em tons muito elogiosos em relação a todos os outros países que conheceu na América, com destaque para a indústria e agricultura no país, quando escreve um interessante trecho que já prenuncia desde cedo sua característica antiescravista:<sup>2</sup>

(...) ao considerar-se tudo, a gente compara tristemente toda esta riqueza, criada e repartida pelo trabalho livre, com a agricultura brasileira, senhora de escravos e escrava ela mesma dos escravos, pois é voz unânime que sem eles perece o café, a cuja classe disse um mineiro, em circular, pertencer há anos (...)

Trata-se de uma análise interessante, vinda de um jovem que ainda não havia aprofundado suas relações com a economia familiar, através de empréstimos internacionais,

---

<sup>1</sup> PRADO, Eduardo. **Viagens: América, Oceania e África**. São Paulo: Escola Tipográfica, 1902, p. 63.

<sup>2</sup> Ibid. p. 78.

nem comprado sua fazenda *Brejão*, o que lhe possibilitava até certo ponto se expressar livremente sobre a questão escravista brasileira. No entanto, apesar de ser ideia comum entre seus irmãos, a alforria dos escravos não era levada às últimas consequências, já que havia o uso de escravos nas atividades cafeeiras da família, apesar dos ideais do irmão mais velho, Antônio Prado, de “ser bom senhor”, descritos no primeiro capítulo deste trabalho.

Desfilando mais uma série de elogios ao sistema político chileno, descrevendo que seu povo neste sentido é “espirituoso”, possuidor de humor nos debates diários, Eduardo faz os seus primeiros elogios ao Brasil e a Dom Pedro II. Este é um ponto essencial para análise, pois demonstra um autor já ligado à realidade brasileira, apegado à sua realidade monarquista, ao contrário da imagem criada de que se voltou para o monarquismo apenas com a Proclamação da República em 1889. Certo está que antes de 1889 não militava politicamente por este sistema político, mesmo porque era a realidade na qual o Brasil estava inserido, mas desde estes escritos de viagem notamos comparações desvantajosas das repúblicas latino americanas em relação à monarquia brasileira. É assim que, passando por Santiago, Eduardo anota que em matéria de simplicidade, D. Pedro II era um “republicano”<sup>3</sup> e, apesar deste comentário ter sido feito em tom sarcástico, logo em seguida elogia a fala do imperador brasileiro:

Não se pode negar àquela [monarquia] uma imensa superioridade sobre esta [República] : a fala imperial tem, sobre a republicana, sem falar no sal da sabedoria que lhe dá o direito divino, o grande merecimento de ser curta, de ter brevidade, a primeira virtude das falas.<sup>4</sup>

Logo em seguida elogia a singularidade chilena, onde a transição de poder, ao contrário das outras repúblicas espanholas, não se dá através de “exílios ou sepultura”. No entanto, direcionando-se ao Peru, torna a criticar a realidade republicana, onde “é coisa muito fácil ver um, ou, mesmo muitos presidentes da República, numa curta permanência que um indivíduo tenha nesse país”<sup>5</sup>.

Inicia-se a segunda parte do livro, intitulada *Diário de Viagem à volta do mundo*, que os editores descrevem como “notas escritas às pressas, anotações”. As anotações se iniciam numa viagem de Paris à Nova York, com um Eduardo Prado entediado com os passageiros. Assim, pode-se deduzir que após conhecer alguns países latino americanos, Eduardo tenha partido para a Europa, ao menos para a França, da qual não deixa qualquer menção. O que se inicia em seguida é uma série de críticas ao estilo de vida estadunidense, desde o momento da viagem, não passando despercebido qualquer deslize dos passageiros, até o momento em que

---

<sup>3</sup> Ibid. p. 94.

<sup>4</sup> Ibid. p. 95.

<sup>5</sup> Ibid. p. 123.

chega aos E.U.A e passa a circular por várias cidades. Um bom exemplo disso se dá em seu comentário sobre as crianças:<sup>6</sup>

Decididamente, não há crianças mais intoleráveis do que as americanas: *cet âge est sans pitié!* Nos americanos começa cedo a má educação e, uma vez crescidos, não desmentem o que foram em pequenos.

Esta característica, que mais tarde marcará seus escritos, sobretudo em *A Ilusão Americana*, nasce, por certo, em questões pessoais e em concordância com os valores nos quais fora educado. Nascido em um país monarquista, Eduardo era membro de uma família que, apesar de não estar diretamente ligada à Corte, com ela mantinha relações, desde o início do século XIX, que só lhe trouxeram vantagens econômicas. Como citado no primeiro capítulo, havia o conhecimento dos Prado pela família imperial, a ponto do palacete de Veridiana Prado receber a visita da Princesa Isabel. Isso aliado aos valores elitistas que Veridiana Prado fez questão de passar aos filhos, de que toda elite tem o dever de elevar a nação em que está inserida, pode-se sem grandes dificuldades compreender de onde surgia o sentimento de estranhamento e crítica à realidade americana. Nela Eduardo Prado critica o pragmatismo, vendo a valorização excessiva do dinheiro, da praticidade, sem requintes no trato social e no comportamento público dos cidadãos. Neste momento de sua vida, ainda distante de suas atividades financeiras, Eduardo não chega sequer a reconhecer a grandiosidade financeira estadunidense como faria mais tarde, ao elogiar a organização financeira e a capacidade de construção do país. Sua passagem pelo país é curta, e carregada de pequenos comentários em demérito aos costumes da sociedade, como a “cusparada dos americanos”, indo além numa curiosa passagem: “Notei que as mulheres são horríveis (...) será por isso que os mórmons querem suprir na quantidade o que lhes falta na qualidade?”<sup>7</sup> O único momento em que faz uma menção elogiosa ao país se dá numa crítica à Itália em seu livro seguinte, *Viagens – A Sicília – Malta – O Egito*, ao dizer que o atraso e ignorância no país não seriam “nunca tolerados na Inglaterra nem na progressiva América”.

Ao deixar São Francisco, parte para o Haváí, onde, segundo suas anotações, estava à sua espera um cônsul português chamado simplesmente por Canavarro, que o levaria à presença do rei. Este tipo de anotação acompanha seus textos em vários momentos, com pequenos comentários sobre cônsules que lhe ajudaram nas visitas e na apresentação a importantes figuras nacionais. Esta facilidade de acesso se dava pelo ativo contato de sua família com importantes figuras diplomáticas do Império. O próprio Eduardo seria mais tarde

---

<sup>6</sup> Ibid. p. 189-190.

<sup>7</sup> Ibid. p. 197.

amigo de Joaquim Nabuco e do Visconde do Rio Branco, tendo ele inclusive trabalhado provisoriamente na organização da biblioteca do consulado brasileiro nos EUA, às vésperas da Proclamação da República. Vemo-lo, assim, ser ajudado na Austrália por um cônsul brasileiro chamado Raimundo e na Índia por um português, que não cita o nome. Mesmo quando não cita este auxílio diplomático, sua utilização é clara, como quando tem acesso a fazendas de café em Malang, situada na ilha de Java, Indonésia.

Do Haváí passa pela Nova Zelândia, partindo depois para a Nova Zelândia, que toma um pouco mais de tempo em suas anotações. Reclama dos hotéis, da arquitetura de tudo quanto vê, da inferioridade dos parlamentares, apesar de servirem gratuitamente aos seus cargos políticos, assim como da falta do que fazer. Sente, nestes dias, uma grande nostalgia da sua estadia em Paris, descrevendo que:<sup>8</sup>

Não há dúvida, o francês e, principalmente, o parisiense, não vive noutra meio, a não ser em França e na corrupta e, aliás, tão agradável estufa de Paris. E qual será o homem de bom gosto que lhe atirá a primeira pedra?

Da Austrália para a Malásia, daí para Indonésia, onde vê atraso, despreparo e primitivismo, além da dificuldade que teve em comunicar-se. Prática comum em países exóticos à sua realidade, Eduardo Prado conhece jardins botânicos por onde passa, com largos comentários sobre plantas e vegetação, interesse que o acompanhou por toda a vida. Também desfilava comentários sobre a economia dos países visitados, demonstrando desde já o interesse por ações financeiras e relações econômicas mundiais. Não lhe passam despercebidos também os conflitos coloniais que envolviam os países asiáticos em visita, perante os quais dava manifesta preferência à Inglaterra. Numa comparação com o colonialismo holandês, escreve que:<sup>9</sup>

(...) a liberdade, o espírito do individualismo, tão cômodo para o estrangeiro e tão útil para a sociedade, são coisas que só se encontram nos países ingleses.

De Singapura, parte para a Índia, onde visita as principais cidades, sempre curioso com as manifestações religiosas populares, apesar de manter um claro distanciamento, sem exaltar, no entanto, sua formação católica. Destaque para Délhi, que compara a Roma, dado o esplendor de suas construções históricas. Em 17 de fevereiro escreve de um navio chamado *Manilla*, último que tomará nesta primeira série de viagens, e que o levará ao Mediterrâneo.

---

<sup>8</sup> Ibid. p. 240

<sup>9</sup> Ibid. p. 376-377.

O segundo volume de viagens foi intitulado de *Viagens – A Sicília – Malta – O Egito*, e foi publicado em 1886 por uma casa editorial intitulada *V. Goupy & Jourdan*, situada à rua Rennes, 71. Sua escrita segue os mesmos rumos do livro anterior, com comentários gerais sobre as sociedades que encontrava, refletindo de forma clara seus próprios valores. Na Itália, por exemplo, exibe grande conhecimento sobre seu passado, devido não só por seu gosto por História, mas como sua formação em Direito, baseada em Direito Romano. Por todas as cidades no país pelas quais passava, desfila comentários históricos, quase sempre de exaltação ao seu passado. Após passar por Nápoles, encanta-se por Palermo e se utiliza de citações de Renan, encontradas em sua obra *Mélanges d'Histoire et de Voyages*, para descrever a originalidade da cidade. Passando por vários outros lugares, sua atenção é voltada para a ilha de Malta, onde desfaz sua primeira impressão de extremo atraso dos povos mediterrâneos:<sup>10</sup>

A tão falada indolência meridional não passa de um lugar comum; a inaptidão do homem dos climas quentes para o trabalho é uma exageração convertida em preconceito.

Descendo o mar Mediterrâneo, Eduardo chega ao Egito por Alexandria, onde, analisando o comportamento dos ingleses colonizadores, chega a contrariar suas próprias ideias anteriores, ao afirmar sobre a “baixa burguesia inglesa” que:<sup>11</sup>

Sem a inteligência do norte-americano, sem ter ele espírito progressivo, o inglês vulgar vive saturado de preconceitos, de rotina e de orgulho.

O país parece provocar profundas impressões em suas anotações, e desfila largo conhecimento sobre seu passado, do nascimento de sua civilização milenária até o século XIX, analisando arte, sociedade, economia e política. Chega a visitar mesquitas, e por não chegar num bom clima, não se entusiasma pelas pirâmides. Cruzando o país por trem, passa por Tebas, aonde chega à cidade de Port- Said, deixando o país em seguida sem informar seu destino.

Apesar de sempre manter frequentes viagens internacionais, Eduardo Prado encerrou em 1886 o processo, citado no primeiro capítulo deste trabalho, de *banho de civilização*, realizado pelas famílias mais abastadas do Brasil no século XIX, inclusive por seus irmãos mais velhos. Feito isso, era natural que voltasse ao Brasil e assumisse um papel ativo no seio familiar, provavelmente no ramo econômico que a havia levado até aquela condição de prestígio social e econômico. Seus irmãos mais velhos já eram casados, possuíam cargos políticos importantes e gerenciavam economicamente seus próprios negócios, apesar de todos

<sup>10</sup> PRADO, Eduardo. *Viagens – A Sicília – Malta – O Egito*. Paris: V. Goupy & Jourdan, 1886, p. 49.

<sup>11</sup> *Ibid.* p. 69.

serem relacionados entre si e, pode-se deduzir que este era provavelmente o caminho que sua mãe, Veridiana Prado, esperava para seu filho caçula. Eduardo Prado demoraria ainda alguns anos para se casar, e neste ínterim faria mais uma série de viagens, desta vez já com atividades financeiras, que o levaram de novo a praticamente todos os continentes que havia visitado.

Mantendo o já citado apartamento em Paris, Eduardo Prado foi o representante comercial da família na Europa e pra lá se dirigia quando a situação política no Brasil se tornava perigosa para ele. Muitas de suas futuras obras foram escritas bem distantes do burburinho pós Proclamação da República no Brasil.

## **2.2. Livros de Luta Monárquica**

### **2.2.1. *Fastos da Ditadura Militar no Brasil***

O *Fastos da Ditadura Militar no Brasil* foi a primeira obra de Eduardo Prado sobre as consequências da Proclamação da República no Brasil, publicada em 1890 como a reunião dos artigos que o autor escreveu na *Revista de Portugal* de Eça de Queiroz sob o pseudônimo de Frederico de S. Maria de Lourdes Janotti destaca que, com os *Fastos*, “Eduardo Prado conseguiu realizar a primeira sistematização das críticas à República brasileira, contendo já os seus escritos a maioria dos elementos que caracterizaria todo o discurso monarquista”.<sup>12</sup> Esta sistematização só foi possível graças a sua ligação na Europa com o grupo de exilados em Paris e Portugal, dos quais recebia notícias, e a leitura dos jornais brasileiros que chegavam a suas mãos.

Utilizando a revista de seu amigo, Eça de Queiroz, já em dezembro de 1889, portanto um mês após a Proclamação da República, lançou o primeiro artigo, intitulado “Os Acontecimentos no Brasil”. Na reunião posterior dos artigos nos *Fastos*, contou o livro com uma “Introdução” escrita também por Eduardo Prado, na qual analisou a repercussão dos artigos dentro e fora do Brasil, acreditando que “sejam quais forem os desvarios dos usurpadores transitórios [...] o Brasil, graças a sessenta e cinco anos de paz, ordem e, sobretudo de liberdade, abriu para si um grande crédito na opinião universal”<sup>13</sup>. Nesta *Introdução*, o autor também se defendeu acidamente em relação às críticas recebidas dos “sustentadores da Ditadura” que o acusaram de atacar o Brasil ao atacar a República. À página III da “Introdução” Eduardo esclarece sua opinião em relação a estas críticas:

<sup>12</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. *Os Subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 30.

<sup>13</sup> S, Frederico de. *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*. Portugal : [s.n.], 1890, p. IV.

Dizer os erros e profligar os crimes dos dominadores do Brasil não é insultar aquele grande e nobre país. É preciso ser grande a insensatez do Ditador, dos seus parentes, dos seus ministros, de seus empregados e dependentes de toda a casta e espécie, para ter qualquer desses homens a coragem de dizer: Quem me ataca, ataca a pátria!<sup>14</sup>

Este trecho deixa claro o tom em que os artigos foram escritos, voltados para o ataque à República, elegendo a si próprio um ar desprezioso de amante da pátria, como “prova do nosso amor verdadeiro por aquela terra”<sup>15</sup>.

O primeiro artigo, *Os Acontecimentos do Brasil*, devido sua proximidade com a Proclamação da República, é por certo o de tom menos agressivo. Eduardo Prado analisou com desconfiança os fatos, ainda sob a confusão de adesões de ex monarquistas e nomeações para o novo Ministério. O autor criticou as posturas do novo regime, desde os longos telegramas de Ruy Barbosa, que telegrafava “às custas da nação”, assim como a falsa notícia espalhada pelo mesmo de que D. Pedro II havia aceito a indenização de 5 mil contos oferecida pelo governo por conta do exílio da família real. D. Pedro II é defendido a todo instante, não só por haver negado a indenização, mantendo-se imaculado no processo de perda de seu trono, mas por sua história pessoal se confundir com a História do Brasil. O trecho seguinte demonstra sua posição em relação ao monarca:

O que era a inteligência nacional do Brasil há cinquenta anos? Basta dizer que era talvez inferior à de Portugal no começo do século... O Imperador D. Pedro II elevou o nível intelectual do seu país sendo um rei civil. Ora o Brasil, em vez de uma sociedade, seria hoje um quartel, se o Imperador fosse, não um rei constitucional, mas um major instrutor coroadado. [...] O divórcio do Imperador das coisas militares, entendidas à espanhola, foi o que salvou a civilização brasileira, mas foi o que perdeu a monarquia.<sup>16</sup>

Há ainda dois pontos a serem ressaltados deste artigo. O primeiro é o fato de Eduardo Prado ver na proposta republicana poucos pontos de mudança em relação à monarquia. Esta poderia dar à população brasileira todas as mudanças que a República havia prometido, principalmente porque as mudanças até aquele momento se resumiam na troca de bandeira, selos, e no chamar-se “Estados” as antigas províncias, excetuando-se a prática da “deportação para quem não pensar *como o povo, a marinha e o exército*”, ironizando frase de Ruy Barbosa quando no governo provisório<sup>17</sup>.

O outro ponto se encontra já quase ao final do artigo e marca o primeiro momento em que Eduardo Prado se preocupou com a questão da perseguição políticas aos inimigos da

<sup>14</sup>Ibidem, p. III.

<sup>15</sup> Ibidem, p. VI.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 16-17.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 7.

República. Esta temática estará presente deste momento até seus últimos artigos, numa clara alusão ao fato de o Império haver permitido a propaganda republicana com liberdade, ao contrário da República que não possuía seus poderes plenamente estabelecidos. Vemos:

O Brasil está neste momento sob o regime militar. Quanto tempo durará esse regime? No tempo do Imperador, quando o soberano resistia aos ministros, se estes insistiam, a coroa cedia. Hoje, quando o Marechal Deodoro pensar de um modo e os seus ministros de outro, quem cederá?<sup>18</sup>

O autor, por fim, assumiu uma postura otimista acerca da duração da revolução republicana, acreditando que talvez aquela não tenha sido a última revolução do tipo, e que “talvez um dia, nestas mesmas páginas, um outro cronista (quem sabe se o mesmo?) venha contar aos leitores da Revista como se desfaz uma revolução no Brasil”<sup>19</sup>.

Eduardo Prado aproveitou, assim, dos pontos controversos da República recém-instaurada para formar sua crítica: a não participação popular na revolução, caracterizada apenas por uma pequena parcela do exército, apoiada por civis ligados às elites paulistas, e a clara confusão em torno de qual rumo seguir em meio às inúmeras propostas do heterogêneo grupo que assume o poder em novembro de 1889. Esta seria a tática utilizada por Eduardo Prado durante toda a sua obra política, o ataque aos desacertos republicanos, sem levar em consideração, e por vezes propositadamente, a assimilação relativamente rápida da República na sociedade brasileira, desconsiderando também os erros do Império e seu esquecimento nos primeiros anos de República. Maria de Lourdes Janotti, ao se referir sobre a formação do discurso monarquista, deixa claro este caráter de esquecimento proposital, ao chamar o discurso monarquista de “anti-histórico”, apontando seu caráter dicotômico, numa “confrontação inesgotável entre o bem e o mal”<sup>20</sup>. Uma rápida análise sobre o segundo artigo do *Fastos, Ainda os Acontecimentos do Brasil*, publicado em janeiro de 1890, mostra este caráter contraditório do pensamento monarquista inserido nos escritos de Eduardo Prado. A República é dissecada em seus mínimos detalhes, sendo expostos seus mínimos desacertos como sinais das mazelas generalizadas que o regime havia trazido para o Brasil, ao ponto que o Império, pelo contrário, é tratado sempre em seus aspectos gerais, como cinquenta anos de paz e harmonia na história brasileira. O ápice da contradição se dá ao falar sobre Ruy Barbosa e seu pedido para que desmentissem as notícias da República em Londres. Eduardo escreve:

<sup>18</sup> Ibidem, p.17

<sup>19</sup> Ibidem, p. 18-19

<sup>20</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 212-213.

Assim, ele telegrafa ao representante financeiro do Brasil em Londres ordenando-lhe que desminta *todos* os telegramas desfavoráveis à República. Esta ordem de desmentido incondicional cria para o funcionário uma extraordinária obrigação de mentir! E se vier um telegrama incontestavelmente verdadeiro, embora desfavorável à República?<sup>21</sup>

No entanto, Darrell E. Levi elucida as atividades de Eduardo Prado na Europa:

Como jornalista e agente financeiro, reuniu dados econômicos e cuidou de sua disseminação. Como brasileiro, cujo patriotismo (e interesses financeiros) transcendeu seu anti-republicanismo, Eduardo suprimiu também algumas notícias que poderiam prejudicar o crédito do Brasil, nos primeiros anos da década de 90 (...)<sup>22</sup>.

Seguindo o artigo, Eduardo já apontou o regime brasileiro como uma “tirania”, simples ditadura como se deu no resto do continente, que trouxe o positivismo para o centro do poder. O positivismo foi duramente criticado em praticamente todos os outros artigos, sendo neste criticada a separação que a República estabeleceu com a Igreja católica, já que “O Governo Provisório não diz qual Igreja é a que fica separada do Estado. Será talvez a Igreja Católica, mas não é com certeza a Igreja Positivista que é a da religião do Governo (...)”. São eles usurpadores do poder, que apesar de nunca terem participado do poder, agora o controlam com rédeas curtas, opinando e legislando livremente sem o apoio popular e que, ao contrário dos padres católicos que “podem viver do altar”, os positivistas, “tendo necessidades, terão de viver do tesouro”. Eduardo Prado se referia ao decreto da Pasta da Justiça, presidida por Campos Sales, estabelecido em 7 de janeiro de 1890, mesmo mês da publicação do artigo, e que previa a separação entre Igreja e Estado, além do casamento civil obrigatório e da secularização dos cemitérios. Sobre ele nos diz Edgard Carone:

Os dois anteprojetos sobre a separação da Igreja do Estado, representam a retomada das idéias liberais e positivistas, atendendo ao aumento populacional estrangeiro e à necessidade de luta contra o predomínio religioso absoluto.<sup>23</sup>

São os positivistas parasitas do poder, em nome de um presidente autoritário e nepotista que aumentara seu próprio salário e que adiava deliberadamente a data das eleições. Eduardo Prado tratava assim de mostrar os desencontros republicanos e de inclusive dar um caráter novo a problemas que se arrastavam desde o Império, a exemplo do surto de febre amarela. O Império mais uma vez se diluiu num todo harmônico, que apesar de um desacerto ou outro, trouxe a “liberdade” de que o Brasil “gozou durante sessenta anos”.

<sup>21</sup> PRADO, Eduardo. **Fastos da Ditadura Militar no Brasil**. Portugal: [s.n.], 1890, p. 26.

<sup>22</sup> LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 249.

<sup>23</sup> CARONE, Edgard. **A Primeira República**. São Paulo: Difel, 1969, p. 11-12.

O terceiro artigo, “Fastos da Ditadura”, de fevereiro de 1890, foi bem a síntese de todos os outros artigos e onde se cruzam todas as críticas que mais tarde seriam desenvolvidas no livro. A crítica ao jacobinismo, a defesa dos interesses capitalistas europeus no Brasil, a política econômica de Ruy Barbosa, o despreparo e ociosidade do exército brasileiro, assim como a condenação da política externa brasileira, com destaque para o Tratado das Missões e a aproximação com os EUA. Assim Eduardo retoma a impopularidade da República, onde:

Não houve sangue nem haverá decerto metralha; a anarquia não é popular, a revolta não saiu da população. Os revolucionários foram uns trezentos oficiais do exército e da armada, os anarquistas foram os generais e coronéis (...) Não serão os cidadãos que se deixaram privar de um governo livre que, por verem a liberdade suprimida, hão de sair à rua para reclamar a justiça ou reivindicar direitos. Os tempos não comportam máscaras virtudes nem espartanismos perigosos.<sup>24</sup>

A facilidade com que o exército, apoiado nos “Ministros bacharéis”, exercia seus desmandos no poder, é relacionada diretamente ao povo, com destaque para o carioca, caracterizado como sofredor de um “nervosismo especial”, “próprio de países quentes, onde a ociosidade é comum, onde a raça é de impressões fáceis”. Estas impressões fáceis não se traduziam na luta política, apenas na “expressão de alta admiração, de carinho, de afeto, de gratidão, de apreço, por todas as formas”, mesmo quando esta fosse a representação de um exército ocioso e despreparado, voltado para as grandes condecorações que tanto impressionavam este povo. Assim Deodoro da Fonseca é proclamado Generalíssimo das tropas de mar e terra, Benjamin Constant brigadeiro e Eduardo Wandenkolk, ministro da marinha, a vice-almirante, seguindo o mesmo caminho das demais ditaduras republicanas do continente:

Começando por falar em nome da liberdade, ela derruba (ditadura) o governo existente e substitui-se a ele. Feito isto, a ditadura muda de linguagem, de rumo e de modo de ação. É preciso, diz ela, consolidar a nova ordem de coisas, é indispensável esmagar toda a idéia de reação, toda possível tentativa de contra-revolução (...) *razão de Estado* para justificar a sem razão de todos os atos de força, de todas as manifestações de violência<sup>25</sup>.

No entanto, a questão mais debatida do artigo é o Tratado das Missões, largamente discutida no início de 1890. Analisando a polêmica negociação do então Ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocaiúva, sobre grande parte do Estado de Santa Catarina em litígio com a Argentina, Eduardo Prado evocou a história do Império, que manteve o país unido, para contrapor à característica fragmentadora das Repúblicas latino-americanas. No entanto, a crítica não privilégio de monarquistas, pois ampliou-se também para setores republicanos,

<sup>24</sup> PRADO, Eduardo. **Fastos da Ditadura Militar no Brasil**. Portugal: [s.n.], 1890, p. 26.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 92.

como o jacobino (republicanos radicais) Clube Militar. No capítulo seguinte, “A Ditadura no Brasil”, publicado em março de 1890, a discussão sobre o Tratado das Missões ampliou-se, e Eduardo Prado chega a utilizar dois mapas, recorrendo ao seu costume de apresentar dados econômicos, tabelas e quaisquer informações científicas como forma de comprovar os fatos de seu interesse. Ambos os mapas apresentavam a região sul do Brasil, e destacavam praticamente metade do estado de Santa Catarina, que seguindo os desejos de Quintino Bocaiúva, passariam ao domínio argentino. Segundo Eduardo, era uma grande contradição o fato de o Império brasileiro, governo civil, ter mantido por décadas o país unido, tendo inclusive expandido suas fronteiras, ao passo que a República, governo militarizado, mostra sua incapacidade de defender o território brasileiro. O Império havia negociado a decisão sobre o território para o arbitramento do presidente dos EUA, enquanto a República, precipitada, resolvia entregá-lo à Argentina. Detalhando outras questões do tratado, tais como atos pessoais de Bocaiúva e a má vontade diplomática argentina, Eduardo teme uma invasão do país vizinho com o crescimento dos interesses sobre a América do Sul, através dos rios Uruguai e Iguassú, abertos à navegação caso o tratado de Bocaiúva fosse aceito. O Brasil seria, com o tratado, ferido “em pleno coração”, perdendo uma extensão de terra “sempre considerada brasileira”. A resposta dada pelo Governo Provisório a Eduardo Prado e a todos os contrários ao tratado foi a informação de que o mesmo seria mantido em segredo e votado na Assembléia Constituinte, fato que Eduardo não esqueceria de criticar no mesmo artigo, pois “no tempo da monarquia, os seus tratados de limites, foram todos publicados apenas celebrados, e sujeitos à mais ampla discussão. Se o tratado não ofende o pundonor brasileiro por que conservá-lo secreto?”<sup>26</sup>

O resultado destes artigos, assim como da discussão generalizada por conta do Tratado, foi a rejeição do Tratado pela Câmara em agosto de 1890, e como salienta Edgard Carone, “O Tratado das Missões constitui-se num incidente que atinge indistintamente a todos, trazendo desgaste e impopularidade ao governo”<sup>27</sup>.

Analisando o tema que encerra o artigo “A Ditadura no Brasil”, nota-se um dos principais interesses de Eduardo Prado na crítica à República, a influência cultural e financeira da Europa no Brasil. Como elucidado no primeiro capítulo deste trabalho, Eduardo mantinha relações com banqueiros europeus, sobretudo ingleses, desenvolvendo inclusive o papel de intercessor em empréstimos feitos a cafeicultores paulistas. A apreensão acerca das

---

<sup>26</sup> Ibidem, p. 151.

<sup>26</sup> CARONE, Edgard. **A Primeira República**. São Paulo: Difel, 1969, p.17.

relações brasileiras com os EUA formará posteriormente *A Ilusão Americana*, mas já marca os artigos do primeiro momento, sobretudo o *A ditadura no Brasil e As Finanças e a Administração da Ditadura Brasileira*, este último publicado em Abril de 1890. Eduardo aqui se utilizou de uma série de tabelas sobre a “depreciação dos fundos brasileiros públicos e particulares em Londres depois do início da Ditadura”, a qual teve acesso por seus contatos financeiros em Londres. Através delas desenvolveu um discurso em apoio ao capital europeu, criticando a política de encilhamento de Ruy Barbosa, considerada “decreto monstro”, que criou a condenação e desvalorização da economia brasileira perante o estrangeiro. Eduardo citou opiniões de jornais e de autores que corroboravam com sua defesa anti-republicana, como a do economista Paul Leroy-Beaulieu, que teve trecho citado de um artigo escrito para a *Économiste Français* sobre o Brasil, onde crê que “sua situação seria menos grave se tivesse havido mudança de governo e, sobretudo se o Governo Provisório não espantasse cada semana o mundo pelas resoluções as mais fantásticas e extravagantes”.<sup>28</sup> Eduardo procurou valorizar a opinião européia, porto sempre seguro na economia mundial, fundadora do Brasil e que assistiu o país em todos os momentos, trazendo capitais que financiariam seu desenvolvimento econômico, ao contrário dos EUA, que sem possuir relações de quaisquer espécies com o Brasil, e que em toda a história só dera demonstrações de inimizade e desconfiança para com os países latinos americanos, se aproximava com relutância e humilhação para com a nação brasileira, como no descaso no reconhecimento da República.

Para complicar a situação, ainda houve a questão pendente da convocação da Assembléia Constituinte, sempre postergada pelos interesses do Governo Provisório, além do cerceamento da liberdade de imprensa e os excessos do exército na condução do poder. Eduardo resume:

Vimos que a liberdade de pensamento está coacta na sua expressão: que a fortuna pública está à mercê de todos os azares de um governo que a ninguém presta contas; que a lei suprema da segurança individual é desrespeitada pela violência militar.<sup>29</sup>

Sobre a censura à imprensa, Eduardo Prado já havia se manifestado no artigo *A Ditadura no Brasil*, expondo trecho de entrevista de Quintino Bocaiúva à *Tribuna Liberal*, em que afirmava que o Decreto de 23 de dezembro também se estendia às atividades da imprensa. Sobre o decreto, Edgard Carone nos esclarece:

No dia 23 cria-se um tribunal excepcional (...) destinado a julgar todos aqueles que ,aconselharem ou promoverem, com palavras, escritos ou atos, a revolta civil ou a

<sup>28</sup> PRADO, Eduardo. **Fastos da Ditadura Militar no Brasil**. Portugal: [s.n.], 1890, p. 241.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 263.

indisciplina militar (...); que divulguem, nas fileiras do Exército e da Armada, noções falsas e subversivas, tendentes a indispor-los contra a República”.<sup>30</sup> A lei não tem andamento prático, mas, em compensação, restringe totalmente a liberdade de imprensa (...); a lei permanece como arma contra os opositores a qualquer ato público ou particular.<sup>31</sup>

Este decreto é reescrito em 29 de março por Campos Sales, e voltou-se para uma série de cartazes revolucionários espalhados na cidade do Rio de Janeiro, citados por Eduardo Prado como “muito republicanos” e tendo “a linguagem (...) mesma dos oradores ambulantes do republicanismo nos tempos da monarquia, quando a eloquência de botequim e os editoriais das folhas da república”<sup>32</sup> gozavam de liberdade no Império. O decreto destinava-se, no entanto, “a conter uma onda de críticas que já haviam provocado prisões e punições de redatores e jornais”,<sup>33</sup> e refletia a postura autoritária do Governo Provisório durante a crise política e econômica dos primeiros anos republicanos, frente aos setores descontentes com as novas configurações políticas do país, indicado por Eduardo como sendo a união do Exército com o Partido Republicano. Enquanto o Exército participava do 15 de novembro com a força, o Partido Republicano serviu com “seu pessoal de escritores capazes de redigir decretos”<sup>34</sup>, formando um “sindicato” de interesses, numa retomada de sua crítica aos positivistas e “bacharelistas”.

O Exército, a partir do final de *As Finanças e a Administração* e início do último artigo, *A República Brasileira*, publicado em junho de 1890, assumiu um caráter central na análise da trajetória republicana, uma contradição dada a definição do Exército como sendo “domado e domesticado” pelo Partido Republicano, que, caso fosse necessário, o trataria “como o cavalo é tratado pelo homem”.<sup>35</sup> Neste último artigo o Governo Provisório é identificado como um governo militar, ou usando o termo utilizado por Eduardo Prado no início do artigo, um governo de uma “tirania”, que havia trazido, além da confusão legislativa e da prorrogação por tempo indeterminado de uma Constituição, a livre promulgação de decretos, como o que estabeleceu a reforma das escolas militares, projeto de Benjamin Constant, ex Ministro da Guerra e atual Ministro da Instrução Pública, que seria criticado severamente por Eduardo por seu caráter “bacharelesco”, nunca havendo participado em ação direta pelo exército, assim como sua rápida ascensão pela hierarquia militar:

<sup>30</sup> apud José Júlio Silveira Martins, *Silveira Martins*, PP. 356-357; Cons. C. B. Ottoni, *ibidem*, p. 129-130; Evaristo de Moraes, *Da Monarquia à República*, p. 195-197.

<sup>31</sup> CARONE, Edgard. *A Primeira República*. São Paulo: Difel, 1969, p.15.

<sup>32</sup> PRADO, Eduardo. *Fastos da Ditadura Militar no Brasil. Portugal*: [s.n.], 1890, p. 219.

<sup>33</sup> CARONE, Edgard. *A Primeira República*. São Paulo: Difel, 1969, p. 16.

<sup>34</sup> PRADO, Eduardo. *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*. Portugal: [s.n.], 1890, p. 270.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 272.

Trabalhou muito no cargo de ministro da guerra este felicíssimo militar! Entrou tenente-coronel, e ao cabo de cinco meses, saiu general de brigada e grã-cruz de D. Bento de Aviz. Tudo isto foi conquistado rápida e incruentamente, sem prejuízo dos parentes, que receberam aceleradas promoções e vistosas condecorações.<sup>36</sup>

Seu decreto de 14 de abril, que visava a ampliação de matérias no ensino militar, com o intuito de aumentar a participação política militar, foi condenado por Eduardo Prado, que via na participação política do Exército um retrocesso aos moldes do restante das Repúblicas militaristas da América. Eduardo cria na necessidade da não participação política do Exército, o que garantiria as liberdades individuais, afastando o autoritarismo e o favoritismo de classe. Recorrendo mais uma vez ao ideal europeu, ele nos deu seu exemplo de forças armadas:

Os soldados que têm praticado os grandes feitos deste século, os alemães que realizaram unificação da sua pátria, os ingleses que formaram o maior império de que fala a história, esses não aprenderam as sociologias do sr Benjamin Constant. Aprenderam, porém, na escola da lealdade e do sacrifício, o caminho da glória pelo valor e pela abnegação.<sup>37</sup>

Benjamin Constant, que não foi poupado por Eduardo:

(...)é um sábio inédito e um militar pacífico. No seu túmulo, primeiro posto que ele terá de ocupar gratuitamente e isoladamente sem acumular com algum outro, poderão os pósteros colocar o livro que s. exc.<sup>a</sup> não escreveu e a espada que jamais desembainhou. Sob a espada virgem um livro em branco.<sup>38</sup>

A liberdade dada às Forças Armadas tinha conduzido o Brasil à situação de libertinagem no poder, desvirtuando seu papel de protetora da nação. O exército se estabelecera no poder e pouca, ou mesmo nenhuma satisfação pública dava ao povo, privado do voto em eleições que tão cedo não aconteceriam. Eduardo, interpretando os fatos ao seu modo, acreditava ser o descrédito na República o principal motivo da abstenção popular no levantamento eleitoral estabelecido pelo Governo Provisório para as possíveis eleições.

Eduardo Prado procurou com este último artigo atingir o núcleo do governo, relembrando assuntos já tratados em outros artigos, como a negação de D. Pedro II em receber a indenização de 5 mil contos, o bacharelismo dos principais ministros, com destaque para Ruy Barbosa e Benjamin Constant, assim como o ônus criado com a desvalorização financeira e o cerceamento às liberdades de imprensa. Acreditou, apesar de alguns momentos de duvidosa preocupação, que o Brasil naturalmente voltaria à Monarquia quando recobrasse a razão do pesadelo republicano. Para ele, assim mostravam os fatos e preferia a Europa, o que traria novamente o equilíbrio financeiro e a dignidade que apenas o Império poderia conferir ao Brasil, se igualando a experiência da República a qualquer “republicueta” latino

<sup>36</sup> Ibidem, p. 278.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 303.

<sup>38</sup> Ibidem, p. 290.

americana, com governos autoritários e militaristas. Finalizando o artigo, creu ficar para a história a confirmação de suas linhas:

O que escrevemos há de ser lido no futuro. (...) e quando o Brasil tiver voltado à vida normal das nações livres, quem folhear estas páginas há de estimar o escritor que se revoltou contra a ditadura da inconsciência jacobina e soldadesca. (...) porque, como homem civilizado e do seu século – aborreceu a traição, amou a liberdade e detestou a tirania.<sup>39</sup>

Como analisado no primeiro capítulo deste trabalho, *Fastos da Ditadura* se inseriu num contexto determinado, onde inúmeros interesses econômicos e políticos se cruzaram para a reestruturação da sociedade brasileira em novos parâmetros. Fez-se necessário entender quais as condições de Eduardo Prado em sua escrita, já que se encontrava na Europa, tomando conhecimento da realidade do Brasil através de jornais, revistas, telégrafos e notícias, pelos brasileiros com os quais se encontrava, além do acesso a fontes econômicas que tinha acesso graças às suas atividades financeiras exercidas em Londres. O livro, além de chamar a atenção pela primeira vez para a figura de Eduardo Prado, que assumiria importante papel no movimento monarquista dos próximos anos, serviu diretamente, como disse Maria de Lourdes Janotti, para “conturbar ainda mais o já conturbado ambiente político”.<sup>40</sup>

### 2.2.2 A Bandeira Nacional

O livro *A Bandeira Nacional* tratou-se de um pequeno estudo feito por Eduardo Prado sobre a modificação da bandeira e das armas brasileiras por conta da Proclamação da República. Escrito em Paris em 1890, o livro só seria publicado no Brasil em 1903<sup>41</sup>, contando com uma série de gravuras sobre o histórico de bandeiras do Brasil, assim como a análise crítica da bandeira republicana, defendida no artigo de Raimundo Teixeira Mendes, publicado no Diário Oficial em 24 de novembro de 1889. Eduardo, detalhando o artigo, apontou em dois tópicos os principais enganos do novo projeto de bandeira, dividindo o trabalho em “História” e “Astronomia”, os quais, segundo o autor, não haviam sido analisados corretamente pelos republicanos. Ao fim do livro, há como anexos o Decreto nº 4 de 19 de novembro de 1889, que institui os novos símbolos nacionais, também o artigo completo de Raimundo Teixeira Mendes, *Apreciação Filosófica*, sobre a nova bandeira, assim como a resposta deste em forma de artigo sobre as críticas recebidas, também publicado no Diário Oficial em 26 de novembro do mesmo ano.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 364.

<sup>40</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 35.

<sup>41</sup> PRADO, Eduardo. **A Bandeira Nacional**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1903.

Assim escreve Eduardo Prado, na “Introdução” do livro:

A 15 de novembro de 1889, a guarnição e a força naval do Rio de Janeiro efetuaram a mudança da forma de governo do Brasil. A bandeira e as armas da nação, símbolos da Pátria até aquele dia, foram mudadas. Entendeu-se que a Pátria também tinha mudado<sup>42</sup>.

Apontando em poucas linhas as principais mudanças ocorridas com o advento da República, Eduardo revelou os três principais erros do projeto, o “desprezo, ou ignorância da tradição histórica”; o “erro capital de astronomia” e o “grave menoscabo da estética”<sup>43</sup>. Utilizando-se de pequenos trechos do artigo de Raimundo Mendes, Eduardo, no tópico referente à história, acreditou não haver relação entre a antiga bandeira e a nova. Questionou a retirada da cruz da bandeira, considerada por Raimundo como “símbolo de divergência”. “Há naquele país (Brasil) quatorze milhões de cristãos. O brasileiro é batizado com o sinal da Cruz e, no seu descanso final, dorme no seu túmulo à sombra da Cruz”<sup>44</sup>, defendendo que a Cruz, esta sim, tratava-se de um símbolo histórico, ao contrário do Cruzeiro do Sul, considerado símbolo de fraternidade que, como o próprio nome dizia, se limitava à visão dos países do hemisfério sul. Além do mais, a disposição das estrelas pela “inestética bola azul” gerava um grave erro de interpretação em qualquer relance sobre a bandeira. Enquanto a antiga preservava em torno do escudo armilar um círculo contendo estrelas que representavam todas as províncias, as novas bandeiras mantinham espalhadas pelo globo azul estrelas de tamanho, posição e importância desiguais, do que se poderia deduzir que no Brasil alguns Estados eram mais importantes que outros.

No tópico “Astronomia”, Eduardo critica a disposição das estrelas pelo globo azul, apontando que aquele não correspondia em nenhum ponto com a pretensão original do projeto, de representar como se via o céu do Rio de Janeiro. Nomeia as estrelas representadas e o motivo de se encontrarem deslocadas, utilizando de folhas em papel-seda que propiciavam no livro a sobreposição entre o globo do projeto republicano e aquele que julgava devidamente posicionado. Seguindo seu estilo sarcástico de crítica, escreve sobre um dos erros de Raimundo Mendes, o de apontar que havia apenas um estado brasileiro no hemisfério norte:

Não há menino de escola naquele país (Brasil) que ignore que o Brasil tem dois Estados cujos territórios se estendem ao norte do Equador. Olhe o autor da

---

<sup>42</sup> Ibidem, p. 3.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 5-6.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 27.

*Apreciação Filosófica* para qualquer mapa do seu país e verá que o Pará e o Amazonas têm territórios ao norte da linha do Equador<sup>45</sup>.

Em resumo, *A Bandeira Nacional* é seqüencial ao *Fasto da Ditadura*, não apenas por ser escrito ao mesmo ano, mas por sintetizar críticas comuns aos novos decretos republicanos, marca dos primeiros escritos de Eduardo Prado. Desgostoso com todas as conseqüências da nova situação brasileira, incomodava-o também seus novos símbolos, considerada a bandeira por ele como “obra desgraciosa, pesada, inestética por todos os títulos”, da qual nenhuma mudança suavizaria a “infeliz idéia da roda, ou bola azul na bandeira”, tornando-a

Menos feia a pretendida idealização do céu fluminense e a representação inexata e inestética dos Estados do Brasil por meio de estrelas dispersas caprichosamente, mas com pretensões de estarem nas suas posições astronômicas<sup>46</sup>.

### 2.2.3. *A Ilusão Americana*

Em 4 de dezembro de 1893, data de publicação de *A Ilusão Americana*, a situação republicana, assim como a crítica monarquista haviam mudado muito em relação ao período em que o *Fastos da Ditadura Militar no Brasil* fora publicado, logo após a Proclamação da República. Havia uma Constituição e o grupo mais radical dos setores republicanos se via representado na figura de Floriano Peixoto, presidente desde novembro de 1891, promotor de uma política dúbia entre a oligarquia cafeeira paulista e os militares. Algumas questões, no entanto, se aproximavam muito do que Eduardo Prado havia descrito num primeiro momento. Floriano havia decretado estado de sítio, aumentando a censura à imprensa, o que demonstra não ter a República se consolidado plenamente no poder, perseguindo inimigos políticos e buscando o apoio dos EUA. D. Pedro II estava morto e a distante família Imperial não dava mostras de apoio ao difuso discurso monarquista que se formava. Uma nova crítica ao desenvolvimento republicano precisaria levar em consideração todas estas mudanças, se quisesse se manter como arma à restauração monárquica, e neste sentido, Eduardo Prado, vendo o risco dos capitais europeus com a aproximação do Brasil com os EUA, assim como a busca nesta aproximação da solidificação da República, atualizou seu discurso, buscando em *A Ilusão* desacreditar a influência americana.

Sempre atraindo para si o ideal de despreensão na análise política do Brasil, Eduardo julga haver chegado o momento de reagir contra a aproximação do Brasil com EUA, países “separados, não só pela grande distância, como pela raça, pela religião, pela índole, pela

---

<sup>45</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 53 e 59.

língua, pela história e pelas tradições”<sup>47</sup> do povo brasileiro. Acreditando que seria ilusão a necessidade que dois países próximos vivessem sob formas políticas parecidas para pudessem desenvolver relações amistosas, aponta as conturbadas relações mantidas entre os países republicanos da América do Sul que, apesar de serem iguais em origem e língua, nunca conseguiram manter uma diplomacia tranquila e proveitosa para ambos os lados. Sinal disso seria a constante preocupação com o armamento e a delimitação de fronteiras, além de um estudo sumário sobre as relações que os EUA desenvolveram com o sul do continente, a despeito de seu discurso de fraternidade. Eles dificultaram desde o início a independência dos países latino-americanos, ao contrário da Inglaterra, a quem a América Latina devia a “força moral” que havia lhe impulsionado para o fim do jugo ibérico. Isso contrariava claramente a Doutrina Monroe, onde os EUA se proclamavam como protetores das Américas, já que:

Há setenta e um anos que, por palavras, atos e omissões, o governo de Washington praticamente demonstra a significação restrita, e, por assim dizer, platônica das palavras de Monroe, e ainda hoje, há quem tenha a superstição de tomar aquilo ao pé da letra.<sup>48</sup>

Esta inocência dos países latinos permitia que os EUA invadissem territórios, como Cuba e México, tendo neste último, além de retalhado grandes partes de seu território, cometido os mais variados excessos. Apoiavam governos autoritários e beligerantes como o Paraguai, sob o mando de López e se abstinham de defender os países postos sob sua ilusória proteção quando esta defesa não vinha diretamente ao encontro de seus interesses econômicos, não fazendo, assim, deles os problemas dos países latinos. O Brasil bem notara isso com a demora dos EUA em reconhecer sua Independência, além da sempre presente falta de respeito nas relações diplomáticas, desde a Independência brasileira até a Proclamação da República, como na fria recepção americana à delegação brasileira que fora aos EUA anunciar a República, como no fato de manterem no Brasil “um qualquer representante diplomático de segunda categoria”<sup>49</sup>.

Eduardo Prado procurou, analisando o histórico americano, não só salientar o erro que o Brasil cometia ao se aproximar dos EUA, como a própria fragilidade e inocência da República, humilhada diplomaticamente e ludibriada nos acordos financeiros com os americanos, ao passo que o Império, personificado na figura de D. Pedro II, gozava de respeito e prestígio, já que na idealização de Eduardo:

<sup>47</sup> PRADO, Eduardo. **A Ilusão Americana**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p. 7.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 162.

Seu amor à liberdade, o seu espírito aberto a todas as novidades do século, a sua atividade, a singeleza da sua pessoa, impressionaram sempre os americanos, que de um rei só faziam a idéia de um homem rodeado de fausto, de um defensor do passado contra o espírito inovador.<sup>50</sup>

O passado brasileiro é lembrado como honrado e em equilíbrio com suas raízes européias, enquanto os EUA significavam afastamento das características verdadeiramente nacionais. São caracterizados com ironia ao expor sua busca constante pela fidalguia e referenciais da nobreza européia, avidamente importados das monarquias do Velho Mundo. São uma sociedade em formação, marcada por conflitos econômicos e éticos, sem respeito pela vida humana, regidos pela plutocracia e “milionariocracia”, com enfoque no progresso material em detrimento da elevação moral do povo. Eduardo aponta a pena de morte, os linchamentos, os maus tratos aos os negros desde a época da escravidão, com técnicas de tortura macabras que mais tarde seriam a única técnica própria que trarão para o Brasil, destacando a diferença entre o espírito americano e latino. O espírito latino, delegado aos brasileiros, carrega em si a formação “jurídica” e “bacharelesca”, mas “conserva sempre um certo respeito pela vida humana e pela liberdade”<sup>51</sup>. Os ingleses se diferenciam por seu caráter universal e o amor ao Império que propiciava à Inglaterra a qualidade de nação mais livre do mundo. Eduardo, nesta caracterização, transparece quais eram seus interesses em fazer com a Inglaterra sobressaísse sobre os EUA. Para Maria de Lourdes Janotti:

*A Ilusão Americana* é uma obra que explora três ordens de idéias: o nacionalismo, a crítica da república brasileira e a defesa dos interesses britânicos (...). Dentro dessa visão moralizante, pseudocientífica e, na sua aparência, nacionalista, encontra-se a incondicional defesa do capitalismo britânico e da supremacia cultural européia.<sup>52</sup>

Como já tratado, Eduardo respondia assim por seus interesses relacionados ao capital inglês, do qual era representante nos empréstimos a cafeicultores paulistas. Nesse intuito, integrou em seu discurso a defesa clara dos capitalistas ingleses, analisando que eles, ao contrário dos americanos, possuíam capitais empregados no Brasil que ativavam sua economia, inclusive perdendo dinheiro com a baixa do crédito brasileiro por conta da inaptidão financeira da República. Se por um lado, os EUA eram os principais compradores do café brasileiro, não era motivo de agradecimento, já que “compram porque querem bebê-lo, e, não o tendo em casa, procuram-no onde encontram, e o país produtor que mais lhes

<sup>50</sup> Ibidem, p. 157.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 175.

<sup>52</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 80-81.

convém é o Brasil<sup>53</sup>”. Em determinado ponto dá mostras radicais de sua posição, ao afirmar que “Os capitalistas confiaram em nossa estrela; estavam ao nosso lado nos dias prósperos, perdem hoje conosco nos dias maus”<sup>54</sup>. Apesar de Maria de Lourdes Janotti, Mota Filho crê que *A Ilusão Americana* foi escrita não apenas sob influência de seus interesses econômicos, mas também por sua formação sob os referenciais europeus, seu convívio em Paris e em Portugal com intelectuais que muito influenciariam seu pensamento, além do fato de pertencer a uma das famílias mais tradicionais do Estado de São Paulo, que ainda tinha na Europa o modelo de civilização e progresso a ser seguido pelo Brasil<sup>55</sup>. Assim, Eduardo Prado carrega consigo ideais particulares de sua origem, como a análise étnica, ou como chamado na época, análise “racial”. Desta análise surgiram conclusões dúbias, como a inegável, segundo o autor, superioridade americana em relação ao Brasil, pois “povoado um solo destes pela raça saxônica, como poderia deixar este país de ser uma nação forte e poderosa? (...) habitado pela raça mais enérgica da espécie humana – eis o que são os EUA<sup>56</sup>”. Seguindo ainda esta idéia:

(...) repugna o confessar esta inferioridade. Insensivelmente, a gente é levada a não reconhecer alheias superioridades ou atribuí-las a causas pouco desagradáveis para a nossa vaidade. Não há pesar algum em dizermos que há povos governados com mais acerto do que nós<sup>57</sup>.

Disto não se deduz, no entanto, que o Brasil deveria imitá-los, apesar de caracterizado como um país de “pobres luso-índio-negróides” que não possuíam a ponderação e harmonia dos anglo-saxões<sup>58</sup>, copiando simplesmente sua forma de governo, sem a posse da riqueza de seu solo nem as qualidades de sua raça, como andava fazendo a República. “Copiemos, copiemos, pensaram os insensatos, copiemos e seremos grandes! Deveríamos antes dizer: Sejamos nós mesmos, sejamos o que somos, e só assim seremos alguma coisa<sup>59</sup>”.

Acima de todos estes motivos, Eduardo Prado chega enfim ao seu principal argumento sobre a crítica à aproximação com os EUA, o de que não havia relações culturais de nenhuma espécie entre estes e o Brasil. Os americanos não escreviam sobre o país, e eram realmente poucos os que resolviam conhecê-lo, diferentemente dos europeus, que haviam “escrito os melhores livros sobre o Brasil” e que encheriam “duas páginas” se o autor resolvesse citá-los. Quando eles, enfim, resolviam fazê-lo, era sempre em tom crítico e desrespeitoso. Os EUA

<sup>53</sup> PRADO, Eduardo. *A Ilusão Americana*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p. 168.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 167.

<sup>55</sup> MOTA Filho, Cândido. “A Ilusão Americana” in *A vida de Eduardo Prado*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967.

<sup>56</sup> PRADO, Eduardo. *A Ilusão Americana*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p. 170.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 170.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 181.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 172.

não eram o modelo intelectual que o Brasil deveria seguir, pois para lá eram enviados os piores alunos, voltando os piores profissionais, que não haviam tido competência para se formarem na Europa. O fato de lá haver “universidades para todas as inteligências” como havia “hotéis para todas as bolsas”, criava a falsa percepção de que os EUA eram o primeiro país do mundo, fazendo com que a juventude brasileira, “sem conhecer os antecedentes de nossa história”, rompesse com o passado brasileiro, admirados com a “eletricidade americana” e seus “bons water closets”.

Finalizando o livro com um pequeno trecho de George Washington, no qual o primeiro presidente americano pede atenção para o fato de que nunca se deveria esperar um favor desinteressado de uma nação à outra, Eduardo Prado resume sua obra em poucos tópicos. O Brasil não deveria imitar a política dos EUA; não havia laços de nenhuma espécie entre os dois países; os EUA nunca exerceram verdadeiramente a Doutrina Monroe através de uma diplomacia amigável; a pouca influência moral que os americanos conseguiram exercer no Brasil, relativa à escravidão, foi de conseqüências nefastas para o país. Eduardo acreditava, com a publicação de *A Ilusão Americana*, defender os interesses nacionais (em consonância com os europeus), apontando os erros republicanos, além de manter acesos os ideais monarquistas no conturbado contexto de Revolta da Armada e consolidação da República brasileira, fugindo do Brasil pelo sertão da Bahia devido a publicação de *A Ilusão Americana*. Em suas próprias palavras, publicadas no prefácio da segunda edição do livro<sup>60</sup>, ele define seus resultados: “Disse um romano que os livros têm o seu destino. O deste não foi dos piores, honrado, como foi, com as iras dos inimigos da liberdade. A própria Verdade não proclamou felizes os que sofrem perseguição pela justiça?”

#### **2.2.4. Artigos publicados em *O Comércio de São Paulo*<sup>61</sup>**

Eduardo Prado, ora na Europa, ora participando ativamente na formação do movimento monarquista no Brasil, com destaque para o Partido Monarquista de São Paulo, fundado em 15 de novembro, continuou a “apontar as incoerências do comportamento passado com as atuais posições dos seus contendores”<sup>62</sup>, tendo à frente da nação um presidente civil, o que requeria um adaptação de seu discurso, deixando de lado sua velha recorrência aos excessos militares. Assim, busca um porta-voz dos ideais do Partido Monarquista de São Paulo,

<sup>60</sup> O prefácio da segunda edição é o mesmo da edição utilizada neste trabalho.

<sup>61</sup> Os artigos foram reunidos em 1904 na série *Coletâneas* de Eduardo Prado

<sup>62</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.96.

comprando em 1895 o jornal *O Comércio de São Paulo*, com o qual já colaborava há algum tempo. Nele desenvolveria uma crítica mais pormenorizada das ações republicanas, aproveitando-se, mais uma vez, de pequenos fatos cotidianos para justificar a decadência republicana. Na opinião laudatória de Sebastião Pagano, temos “um pequeno jornal relativamente aos atuais diários modernos impressos em linotipo (...), mas possuía uma possante Marioni moderníssima, e era um grande jornal pelas idéias que continha”, jornal que “identificou-se com uma fase de sua vida, a fase da campanha monarquista quando os partidários do trono, agrupados em organização política, fizeram do jornal o baluarte das suas idéias<sup>63</sup>. O que vemos é um Eduardo preocupado em divulgar o discurso monarquista, gerando polêmicas que trouxessem a atenção pública, num novo momento em que os monarquistas se afastam de atuações concretas, fracassadas a Revolução Federalista e a Revolta da Armada, preocupando-se com a formação de seu movimento, sendo denominados por Maria de Lourdes Janotti como “Os Guerrilheiros da Palavra”<sup>64</sup>.

Na seção *Opiniões*, em 24 de outubro de 1895, encontra-se o primeiro artigo de importância publicado no *Comércio*, *O Banquete Monarquista*, que trata do muito comentado banquete organizado por Eduardo Prado em 15 de outubro de 1895, em homenagem ao 20º aniversário de D. Pedro de Alcântara, Príncipe do Gao-Pará. O banquete foi encarado pela imprensa como uma ousadia monarquista, e Eduardo se utiliza do artigo para se posicionar nas discussões que seguiriam ao banquete, rechaçando as críticas recebidas nos jornais de oposição. Aproveita, rebatendo aqueles que pediam por mais controle sobre as ações consideradas subversivas dos monarquistas, para atacar o cerceamento da liberdade na República e defender a ausência de censura no Império, mesmo quando se tratasse de propaganda republicana. Insistiu novamente na idéia de que fora justamente esta liberdade dada pelo Império que o havia levado à ruína, como ao dizer:

Não me venham com a pergunta: onde estavam os monarquistas, no dia 15 de novembro? Estavam nas suas casas, confiados na paz pública, a que a Monarquia acostumara os cidadãos, havia mais de meio século, e ignoravam a imensa perfídia que se tramava<sup>65</sup>

Eduardo cita seus opositores, atacando-os freqüentemente, como Ferreira de Araújo, que o havia criticado no jornal *Notícia*<sup>66</sup>, criticado também no artigo seguinte, *Um Paladino da República*, de 2 de novembro do mesmo ano. A República só tinha um caminho a ser

<sup>63</sup> PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e Sua Época**. São Paulo: O Cetro, 1960, p. 136 e 149-150.

<sup>64</sup> “Os Guerilheiros da Palavra” in JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>65</sup> PRADO, Eduardo. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, p. 16.

<sup>66</sup> *Ibidem*, v.II, p.11.

seguido, o mesmo de quem “chega à beira de um precipício e sente já a vertigem da queda fatal”, ou seja, “recua e retrocede”. Retroceder para onde havia parado o Ministério Ouro-Preto. Todos os artigos trataram do ponto vergonhoso a que a República havia chegado, sendo a restauração monárquica o único passo viável ser dado. Caminhar em outro sentido seria falir a economia brasileira, preocupação constante de Eduardo. É assim que o *Coisas Republicanas* de 8 de novembro e *A Ruína Financeira da República*, do mesmo mês, analisam a crise financeira do Brasil partir de 1889, por conta da emissão desenfreada de papel-moeda e os altos gastos com a administração republicana. Em crise, o governo emitira mais dinheiro e a economia toda se inseria em um círculo vicioso, pago pela população e pela alta de impostos sobre o café.

A crise republicana, no entanto, não se resumia aos desencontros financeiros. Ela se desenvolvia em todos os outros pontos que Eduardo Prado já havia analisado em obras anteriores, como a separação sumária entre o Estado e a Igreja, a falta de liberdade de Imprensa e a aproximação com os EUA, em detrimento da Europa que fazia parte da formação brasileira. Eduardo não deixa despercebida também a crise do governo Prudente de Moraes, com o recrudescimento jacobinista, e sua dificuldade em governar de fato o país, ao compará-lo com D. Pedro II:

O Imperador passou a vida a declarar que ele não governava e que quem governava eram os ministros. E ninguém acreditava. Hoje, o Sr. Prudente vive a dizer que quem governa é ele próprio. É coisa célebre: - também ninguém acredita<sup>67</sup>

As conseqüências das dificuldades do governo, somadas ao atentado a Prudente em 5 de novembro de 1897<sup>68</sup>, levam novamente o país ao estado de sítio, com a nova perseguição a jornalistas, assim como o empastelamento de jornais, fenômeno que Eduardo Prado já havia resumido no artigo *A República e a Liberdade de Imprensa*, em 10 de dezembro de 1895:

A República, sob a forma de governo Provisório, atacou a imprensa. Era um período de transição – diziam os republicanos (...). Era o regime de um golpe de Estado. Serviu isto de desculpa. (...) Seguiu-se o florianismo, o mais belo espécime da moral e da política republicana. Toda a liberdade de imprensa foi tolhida. Foi preciso inventar outra desculpa. Descobriu-se a da salvação e da consolidação da República. Veio o Sr. Prudente de Moraes. E o que vemos?<sup>69</sup>

Com a compra do jornal em princípios de 1895, seus artigos englobaram um maior número de temáticas, servindo claramente como síntese do pensamento de Eduardo dentro do

<sup>67</sup> “A Crítica Republicana” in PRADO, Eduardo. *Coletâneas*. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, vII p.67.

<sup>68</sup> Ver “O Atentado de 5 de novembro de 1897” in CARONE, Edgard. *A Primeira Velha (evolução política)*. 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1974, p. 163.

<sup>69</sup> PRADO, Eduardo. *Coletâneas*. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, v. II, p. 83-84.

Partido Monarquista de São Paulo, no qual forma o Diretório Central juntamente com João Mendes. Eduardo dedica artigos a figuras do Império, como *Américo Brasiliense*<sup>70</sup>, professor da Faculdade de Direito de São Paulo e cidadão “de um país onde a ordem era completa, onde a liberdade da imprensa era sem peias, onde havia nas leis o preceito imperativo das garantias individuais”<sup>71</sup>, e *Moreira Barros*<sup>72</sup>, descrevendo a carreira do político do Império. Dedicase a analisar a política republicana com o café, sua tentativa de expansão para a Rússia, ainda fracassada graças à imposição de novos impostos e o documento assinado pelo governador do Estado de São Paulo que dizia ser a produção de café no Estado maior do que o consumo mundial<sup>73</sup>. Defendeu baixa dos impostos, a seleção dos imigrantes que iriam para as lavouras e o menor número de intermediários entre os produtores de café e os consumidores, o que gerava grandes rombos no tesouro nacional.

Ao lidar com temas práticos da política republicana, afasta-se de seu radicalismo habitual, atacando a República e defendendo seus interesses financeiros ao mesmo tempo. Baseado na história do Império, que considera “imaculado”, exaltou o passado brasileiro e defendeu a modernização da economia, atravancada com as péssimas atuações da República. Nesse sentido, não abandonou seu discurso contra a aproximação entre EUA e Brasil, no artigo *Mais uma Ilusão Desfeita*, publicado em dezembro de 1896<sup>74</sup>. Nele acentua os desmandos dos EUA na América Latina, cujos países “já se vão acostumando a ser tratadas em Washington como o são parentes pobres e obscuros pelos mais ricos e felizes”<sup>75</sup>. Há o problema crônico do desmazelo com as finanças nacionais, a crise da agricultura, aumentada pelas más colheitas, a péssima diplomacia brasileira, principalmente em relação à Argentina, que vinha expandindo seus interesses sobre a América do Sul, no artigo *O Perigo Argentino*<sup>76</sup>. Os artigos carregam o pessimismo sempre presente de que a República conduzia o Brasil ao servilismo das nações exteriores e à ruína de tudo quanto o Império havia conquistado.

O *Comércio*, por conta dos artigos de Eduardo Prado, identificava-se naturalmente com o movimento monarquista, sofrendo assim todas as represálias feitas pelo Governo Federal por conta do Estado de Sítio estabelecido em 1897, sendo empastelado no mesmo ano. Segundo Darrell Levi, “o fechamento do *Comércio* não veio como consequência de sua real

<sup>70</sup> “Américo Brasiliense” in PRADO, Eduardo. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, v. II.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 137.

<sup>72</sup> “Moreira Barros” in PRADO, Eduardo. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, v.II

<sup>73</sup> “A Questão do Café” in PRADO, Eduardo. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, v.II.

<sup>74</sup> “Mais uma Ilusão Desfeita” in PRADO, Eduardo. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, v. II.

<sup>75</sup> “Mais uma Ilusão Desfeita” in PRADO, Eduardo. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, v. II, p.403.

<sup>76</sup> “O Perigo Argentino” in PRADO, Eduardo. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, v.II.

ameaça ao regime, mas pela histeria nacional causada pela rebelião de Canudos no interior da Bahia”<sup>77</sup>. Sendo ou não o principal motivo do fechamento do jornal,

Foi o início do fim das manifestas atividades monarquistas de Eduardo. Embora ele tenha publicado um panfleto destinado a explorar a rivalidade entre republicanos militares e civis em 1899, ficou óbvio que a restauração era impossível<sup>78</sup>.

Fugindo novamente para a Europa, Eduardo Prado se silenciaria nos estudos históricos e religiosos brasileiros, tocando raramente em temas políticos, em sintonia com o enfraquecimento da atuação pró monarquista no Brasil.

### **2.3 Atuação econômica**

Eduardo Prado, em sua trajetória intelectual e política, respondia a interesses econômicos, diretamente ligados aos seus negócios familiares e suas atividades na Europa. Fazer uma análise de qualquer um destes elementos naturalmente traz necessidades mais amplas de visão, para que não se incorra no erro de julgar suas posturas políticas como meros reflexos de crenças pessoais baseadas em sua formação. Defensor da monarquia desde a sua extinção no Brasil, Eduardo Prado foi desenvolvendo um papel muitas vezes esquecido por seus biógrafos, o de representante financeiro da família Prado na Europa e, como seus irmãos possuíam grande influência perante a política paulista, por vezes negociava em nome da própria Província, mais tarde Estado de São Paulo. Neste ponto será feita a análise de quais foram suas atividades, através de dados encontrados e cartas pessoais que dão a dimensão do capital envolvido, assim como a frequência com que trabalhava neste sentido. Analisar sua participação econômica ajuda a entender outro sentido de sua atuação política, que culmina na sua tentativa de angariar fundos para a Revolução Federalista, na pessoa do almirante Saldanha da Gama que, no entanto, não se concretizou. Tanto marcou o imaginário político do momento que ligavam-no à Revolta de Canudos, na qual não possuiu participação alguma.

#### **2.3.1 Representante dos Prado na Europa**

O núcleo da família Prado, formado por Veridiana Prado e seus filhos, soube se aproveitar do gosto de Eduardo Prado pela Europa. Ao contrário de seus irmãos, que viajavam pouco e com olhos para os negócios, Eduardo Prado viajava bastante, ou por gostos pessoais ou para arregimentar os negócios da família. Seu principal ponto de parada neste sentido era o centro econômico mundial da época, Londres. Data de 1888 o primeiro empréstimo efetuado,

<sup>77</sup> LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 293.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 294.

junto a banqueiros judeus em Londres, para a província de São Paulo.<sup>79</sup> Fica claro, no entanto, que seus empréstimos oficiais não tinham um caráter mais amplo do que as próprias necessidades da família em relação ao café, e o dinheiro enviado ao Brasil era invariavelmente investido neste setor da economia paulista.

Fundamental, no entanto, foi sua participação como agente da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, que esteve sob a presidência de seu irmão, Antônio Prado, entre 1892 e 1928. Este, sem dúvida nenhuma, foi o fato de maior importância para os negócios da família durante a Primeira República. Foi ele o negociador direto da compra, pela Companhia Paulista, da Rio Claro Railway, que se estenderia pelas propriedades dos Prado, permitindo o acelerado crescimento econômico cafeeiro na região. Isto fica mais claro com a análise de algumas discussões envolvendo a luta pelas companhias ferroviárias para estenderem suas linhas por onde beneficiariam mais os negócios de seus respectivos diretores. Assim, vemos que no município de Santa Cruz das Palmeiras, que abrigava a fazenda *Santa Veridiana* e *Brejão*, respectivamente pertencentes a Antônio Prado e Eduardo Prado, iniciou-se um conflito entre a Companhia Paulista e a Companhia Mogiana pela disputa de zonas de influência:

Esse conflito se refletiu entre o coronel João Carlos Leite Penteado, proprietário da Fazenda Aurora, e a Companhia Paulista, liderada na época, pelo conselheiro Antônio da Silva Prado. O Coronel Penteado entrou com um processo de Manutenção de Posse contra a Cia. Paulista em 1890, visando embargar as obras do Ramal da Paulista, que tinha como objetivo atingir a fazenda “Santa Veridiana”, propriedade do mesmo Antonio da Silva. A fazenda “Santa Veridiana” chegou a ter em 1906, 600 alqueires de terra e 550.000 pés de café, sem contar a vizinha fazenda “Brejão”, também dos Silva Prado, com 800 alqueires e 740.000 pés de café. João Carlos Leite Penteado não obteve êxito, ou seja, a estrada de ferro autorizada por lei e contratada pelo governo, passou por sua propriedade e atingiu a “Santa Veridiana”, materializando o ramal que levou o nome da fazenda de Antônio Prado.<sup>80</sup>

A correspondência de Eduardo Prado<sup>81</sup> dá a dimensão de sua atuação financeira, inteirando-se do mercado, frequentando bolsas, efetivando empréstimos. Pequenos saques e depósitos, pagamentos parcelados em libras, informações de quedas e altas de ações na bolsa inglesa são informações corriqueiras nestas cartas que se distanciam bastante de sua correspondência com outros objetivos. Vemos um Eduardo Prado recebendo conselhos de Martinico Prado sobre a melhor época de venda de ações, ou negociando ações de amigos, como por exemplo José Carlos Rodrigues, a quem dedica grande número de cartas deste

<sup>79</sup> LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 250.

<sup>80</sup> FONTANARI, Rodrigo. **O problema do financiamento: uma análise histórica sobre o crédito no complexo cafeeiro paulista**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca: 2011, p. 56.

<sup>81</sup> Correspondências retiradas da Sessão de manuscritos da Biblioteca Nacional na cidade do Rio de Janeiro.

gênero. Numa destas cartas aproveita para mandar recados de terceiros, como quando avisa José Carlos Rodrigues de que “o Eça De Queiroz pede-me que insista junto a vós pelo seu artigo em favor da República”<sup>82</sup>. Como o próprio Eduardo Prado descreve, participava de uma “roda viva de arranjos”, fazendo render o seu dinheiro e de amigos entre as trocas de libras para francos, em conexões que se estendiam para muito além da Europa e Brasil, numa verdadeira rede de ações e países. O seguinte trecho, retirado de uma carta endereçada também a José Carlos Rodrigues em 27 de julho de 1886, demonstra claramente este caráter mundial de suas transações financeiras:

No dia 30 saco de Paris £40. De New York saco outras £40 e mando-lhe uma ordem para receber em Fry, Miero £(?) London umas £20 da Gazeta de Notícias. De São Francisco faço um saque de £50, é provável que então já tenho chegado à letra de setembro. Quanto aos saques do Japão e da China, como chegam mais demoradamente à Londres, já encontrarão aí uma letra maior, o que desafogará. Serve?<sup>83</sup>

Em outras situações, cita sua viagens por Hong Kong, Cingapura, Bombaim, Calcutá, sempre com os mesmos pedidos de empréstimos ou informações sobre o pagamento. Por vezes, eram seus amigos que trabalhavam como intermediários aos seus empréstimos, como pode ser percebido em carta redigida em inglês, endereçada a José Carlos Rodrigues pelos banqueiros da *Baring Brothers*, confirmando o envio de crédito no valor de £1100 a Eduardo Prado que, em outra carta, agradece José Carlos Rodrigues em francês, prometendo fazer tudo “corretamente”.

Esta condição dava-lhe ferramentas para analisar o mercado financeiro e cafeicultor brasileiro, levando estas informações para seus artigos e embates políticos que marcaram sua trajetória no período. Ajudam também a entender seu posicionamento político ao lado da monarquia e da influência europeia sobre o Brasil, já que além de passar grande tempo entre a especulação financeira no Velho Continente, retirava daí os fundos necessários para o progresso familiar e o seu próprio com os negócios no Brasil.

Um tópico que merece destaque em suas atividades financeiras e que as ligam às suas atividades políticas foi o pedido de Saldanha da Gama a Eduardo Prado para que angariasse fundos para a Revolta Federalista em 1894. A Revolta, que possuía cunho monarquista, viu na possibilidade de aproximação com os monarquistas uma oportunidade de levantar capital e apoio político à causa. Foi assim que Saldanha da Gama escreveu a Silveira Martins em duas

---

<sup>82</sup> Carta a José Carlos Rodrigues. *Coleção José Carlos Rodrigues*. Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: 1886.

<sup>83</sup> Idem.

situações, pedindo para que Eduardo Prado fosse o intermediário de empréstimos à causa perante banqueiros alemães:

Penso, pois, que não devemos perder ensejo tão oportuno de remeter aos vossos amigos em Paris o que eles com tanta insistência e instância pedem. Refiro-me a carta credencial ou título acreditando o Eduardo Prado, como plenipotenciário da revolução nos países continentais da Europa, ou mesmo em toda a Europa, Inglaterra incluída. No meu conceito, nada comprometemos com esse ato, ao passo que ficamos tendo no velho mundo um agente devidamente acreditado no terreno diplomático assim como no financeiro. A Revolução pode vir a tomar corpo de um momento para outro (...) <sup>84</sup>

Esta possibilidade de empréstimo, no entanto, foi vista com grandes reservas por líderes da Revolta Federalista, como Silveira Martins, que não desejaram uma vinculação tão intensa com a parcela monarquista. Este fato demonstra duas importantes conclusões sobre a importância de Eduardo Prado. A primeira é a de que ele possuía, apesar da reserva de alguns, conquistado o reconhecimento como intermediário bem sucedido no exterior, a ponto de ser cogitado por Saldanha da Gama como “plenipotenciário da revolução nos países (...) da Europa”, e a segunda é de que seu nome, por volta de 1894, era sinônimo do movimento monarquista no Brasil, fazendo com que os mais moderados líderes da Revolta não simpatizassem com esta aproximação. Eduardo, assim, estava inserido nos dois mundos que mais o absorviam à época: economia e política, conectando ambas quando fosse necessário.

Nos últimos anos de sua vida, com o fortalecimento republicano em detrimento da queda do movimento monarquista, Eduardo Prado paulatinamente abandona os embates políticos, mantendo, porém, suas atividades financeiras na Europa. Este traço que, se o distancia do diletante e do homem que vivia apenas “as questões do espírito” como o descrevera Sebastião Pagano, <sup>85</sup> o aproxima mais da ideia de um Eduardo Prado bem informado e inserido no eixo econômico de sua família, explicando, em grande medida, suas ousadias monarquistas.

#### 2.4 Atuação política

Para entender-se a participação política de Eduardo Prado, assim como o peso de seu nome no movimento monarquista dos anos pós Proclamação da República, não se pode apenas recorrer aos livros e artigos que escrevera neste sentido, como foi feito anteriormente neste mesmo capítulo, mas fazer uma avaliação das suas atividades paralelas, assim como as

<sup>84</sup> MOURA, João Dunshee de Abranches. **A Revolta da Armada e a Revolução Rio-Grandense: Correspondência entre Saldanha da Gama e Silveira Martins**. Rio de Janeiro, s.c.e., 2ª ed., 1955 (Obras Completas), Vol. 6, p. 26.

<sup>85</sup> PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e sua época**. São Paulo: O Cetro, 1960, p. 249.

consequências de seus atos em sua vida privada. Se os artigos demonstram o seu campo de ideias, os fatos vivenciados esclarecem o modo como encarou e se adaptou à realidade que aos poucos ia se construindo no cenário político brasileiro em um período de grandes e rápidas transformações.

Como bem disse Maria Janotti, de todos os participantes do movimento monarquista do período:

(...) pode-se afirmar que tinham raízes na lavoura tradicional e nas finanças. E todos tinham pertencido ao estamento burocrático do Império. Exceção deve ser feita ao paulista Eduardo Prado, um dos principais sustentáculos do movimento, que não havia desfrutado de posições no Império e cuja fortuna familiar ligava-se às novas relações de produção da lavoura cafeeira.<sup>86</sup>

Dessa forma, Eduardo Prado não se encaixa no mesmo perfil de outros que compartilhavam de suas ideias, apesar de muitas vezes estarem lado a lado. Em resumo, a militância de Eduardo Prado se deu em três aspectos: econômico, em alguns poucos momentos; intelectual, através de seus escritos e de seu jornal *O Comércio de São Paulo* e como organizador de reuniões e debates entre os simpatizantes da restauração monárquica. Se no primeiro papel Eduardo Prado não chegou a concretizar seus planos, nos dois seguintes ele teve participação fundamental, permitindo a publicação das ideias monarquistas e atraindo para em torno de si a imagem de um dos líderes monarquistas. É Maria Janotti que também revela o primeiro grande passo de Eduardo Prado nessa direção, ao afirmar que suas ideias “serviram como uma plataforma da base ideológica do grupo em formação” e que seus artigos constituíram-se em “uma sistematização do discurso monarquista em um primeiro momento”<sup>87</sup>.

Eduardo, dado seu poder econômico e a facilidade com que circulava entre a Europa e o Brasil, assumia muitas vezes a postura de ponte entre os monarquistas exilados e os que se encontravam no Brasil. Em seu apartamento parisiense, recebia intelectuais e políticos que de lá debatiam e estabeleciam as propostas para o fortalecimento do movimento no país. Este também era seu roteiro de fuga quando o cenário político brasileiro se aquecia a ponto de ameaçar sua liberdade. No Brasil, foi o principal organizador do banquete monarquista, longamente debatido na imprensa e que deu grande espaço para a divulgação das atividades monarquistas. Realizado em 15 de outubro de 1895, no vigésimo aniversário do Príncipe do Grão-Pará, D. Pedro de Alcântara, o banquete não foi um sucesso no sentido de unificar o discurso dos pró monarquia, mas permitiu que a imprensa, através de grande exposições,

<sup>86</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 10.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 34.

demonstrasse a existência e crescimento do movimento entre importantes parcelas intelectuais e políticas do país. Ao lado de grandes nomes como Afonso Celso e João Mendes, entre outros, Eduardo Prado ajudou a fundar um “partido” monarquista, não na acepção política moderna da palavra, mas no sentido de um grupo de debates e estruturação das possibilidades monarquistas no estado de São Paulo. Não se deve esquecer que qualquer manifestação propriamente partidária no sentido restauracionista era considerada inconstitucional. Com sérias limitações políticas, além da falta de homogeneidade interna, o partido, que teve como porta-voz num primeiro momento o jornal de Eduardo Prado, *O Comércio de São Paulo*, viu aos poucos os debates públicos se amainarem, e o próprio Eduardo Prado foi perdendo seu poder de influência para João Mendes. O partido, apesar de fazer parte do processo que Maria Janotti chamou de “história de insucessos”, é ponto fundamental para entender as movimentações monarquistas no período, tendo Eduardo Prado como um dos principais vultos envolvidos.

Pessoalmente, sua atuação não trouxe grandes consequências para a vida particular de Eduardo Prado, já que, como dito anteriormente, era o único entre os importantes nomes monarquistas que não havia perdido cargos ou dependesse financeiramente do Império. Ao contrário, vinha de uma família relativamente distante do centro do poder na capital federal, ligada a atividades capitalistas modernas, que lhe davam liberdade para levar uma vida financeiramente tranquila, permitindo longas viagens para a Europa e outros continentes, dependendo das necessidades dos negócios ou de caprichos pessoais. Dessa forma, equilibrava Europa e Brasil, circulando de um para o outro sempre que necessário ou quando desejasse. Em uma comparação com outras personagens envolvidas no período, Eduardo Prado sofrera pequenas consequências que influenciaram sua vida. A primeira fora o empastelamento do *Comércio de São Paulo*, após um agudo período de perseguição republicana aos partidários monarquistas, que tiveram seus centros proibidos, entrando praticamente na clandestinidade de reuniões fechadas. Coincidindo com a Revolta de Canudos, os principais líderes monarquistas foram apontados como colaboradores da Revolta e, apesar de não terem relação alguma com a questão baiana, viram o poder federal se aproveitar do momento da reprimir ou fazer “vistas grossas” às perseguições das alas republicanas radicais. Parte deste processo foi o empastelamento de jornais, com destaque para o *Comércio de São Paulo*, considerado no momento o maior porta-voz do movimento monarquista em São Paulo. Tempos depois, com a volta à tranquilidade, Eduardo Prado reabre o jornal, veículo para o qual escreveu até o fim de sua vida, poucos anos depois, que acabou por tornar-se seu único reduto de crítica política.

Por conta de seu envolvimento político, teve também de fugir duas vezes do Brasil para a Europa, evitando que os excessos republicanos o prendessem. O primeiro episódio se deu com a publicação do *A Ilusão Americana*, em 1893, quando a edição foi confiscada e Eduardo achou conveniente ir à Paris, onde ficaria por um bom tempo em companhia de outros refugiados da república brasileira. O segundo se deu no momento de exaltação do governo com a Revolta de Canudos. Os monarquistas foram colocados na clandestinidade, acusados de participação na revolta. Jornalistas foram presos, jornais destruídos e mesmo mortes ocorreram nos excessos partidários do momento.<sup>88</sup> Eduardo, apesar de ser pertencente a uma das famílias mais importantes e ricas do país, achou melhor evitar contratempos e, neste segundo momento, a fuga tomou características singulares, quando disfarçado fugiu de cavalo até a Bahia e de lá tomou um navio para Paris.<sup>89</sup>

Entender o peso político da atuação de Eduardo Prado é, de certa maneira, procurar entender a atuação monarquista na primeira década republicana no Brasil. A restauração não ocorreu, a própria Família Imperial, sob liderança da Princesa Isabel, não apoiou os desejos dos monarquistas mais esperançosos de que os problemas econômicos e sociais que o país passava provinham de seu novo regime político. No entanto, a todo o momento foram um incômodo para o poder oficial, vindo em vários momentos à tona dos debates políticos suas atuações, apoiando revoltas, fundando jornais, promovendo banquetes e debates públicos para fortalecimento do movimento no país. Homens de porte ou defenderam ou circularam entre este meio, dos quais Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Visconde de Ouro Preto, Carlos de Laet são alguns exemplos. Seu peso político é demonstrado pelas perseguições a que foram alvo, ao medo republicano de permitir a visita da Família Imperial, decreto que só foi revogado nas primeiras décadas do século XX. O estudo do período que abranja o movimento monarquista demonstra que, ao contrário do que por longos anos se escreveu e se ensinou, a Proclamação da República não foi aceita pacificamente, sem maiores incômodos. O novo regime precisou de quase uma década para estabelecer-se com solidez e, perante algumas Revoltas pelas quais passou, as esperanças monarquistas de restauração eram proporcionais à crise que os primeiros governos enfrentaram. A obra de Eduardo Prado intitulada *A Ilusão Americana*, possuiu sucessivas edições, e até os dias atuais é referencial para o estudo das

<sup>88</sup> Ver “Terror Republicano” in JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986. P. 134-160.

<sup>89</sup> Apesar de descrições variadas, todos os biógrafos utilizados neste trabalho convergem para este mesmo fato, a fuga singular de Eduardo Prado: JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986. LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977. MOTA Filho, Cândido. **A vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967. PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e sua época**. São Paulo: O Cetro, 1960.

várias mudanças políticas e culturais as quais o país passou no período, como a progressiva aproximação com os EUA. Ela é, assim como as obras restantes de Eduardo, um indicativo dos rumos que os debates seguiram e em quais argumentos se baseavam. Neste sentido, sua importância se deu também em um dos papéis que mais exerceu na vida, o de intermediário entre interesses e debates na Europa e Brasil, ajudando exilados, promovendo encontros tanto lá como cá, até que a realidade esfriou os ânimos monarquistas e Eduardo Prado, por volta do final do século XIX, se retirou do cenário político para atuar na pesquisa histórica e geográfica do Brasil, mantendo suas outras funções como fazendeiro e intermediário financeiro dos interesses cafeicultores na Europa.

## CAPÍTULO 3 UM INTELLECTUAL BRASILEIRO

Todo trabalho que envolva a biografia de algum personagem, naturalmente encontra dificuldades em traçar rumos e trazer respostas quando se depara com questões íntimas que, talvez nem o próprio envolvido soubesse responder a seu tempo. Cabe ao biógrafo, perante estas dificuldades, apontar diretrizes, sem tentar amarrar fatos para que o trabalho faça sentido, deixando ao leitor a liberdade de entender por sua maneira as transformações que cada indivíduo encontra em sua trajetória. Este é o perigo da “tentação criadora”, em que

O autor, por definição, instruído sobre a vida da pessoa, remonta o curso de um destino fingindo pela narração constatá-lo ao longo do tempo que passa. Defronta-se com uma lógica constituída que o leva naturalmente a imaginar a pessoa como permanentemente consciente do status que lhe vale seu status biográfico. A psicologia, o jogo da intenção e da realidade tornam-se, pois, princípios de racionalidade, os quais não são demonstráveis.<sup>1</sup>

Esta não poderia deixar de ser uma das realidades que este trabalho enfrenta, ao se propor apresentar a transformação de Eduardo Prado de um inimigo público da República, voltado com energia para os debates através da escrita e encontros políticos, para um intelectual focado nos estudos nacionais, abandonando cada vez mais as questões políticas de sua época.

### 3.1. A Fuga para os estudos

Eduardo Prado, ao abandonar os embates políticos e voltar-se para os estudos intelectuais, respondia não só aos seus gostos pessoais pela pesquisa da História e tantas outras áreas de estudos brasileiros, como acompanhava também o desgaste que o discurso monarquista começou a sofrer com a solidificação da política republicana, próxima ao fim do século. Posicionado desde a Proclamação da República, isso significava, sem dúvida alguma, uma postura de desilusão e cansaço perante o quadro político, que não parecia dar mostras de mudança. Nomes próximos a ele passaram a entrar paulatinamente nos quadros republicanos, com destaque a Joaquim Nabuco que, após anos de postura monarquista, assume posto diplomático, representando o Brasil nos EUA, com apoio inclusive do próprio Eduardo Prado<sup>2</sup> que, segundo Paulo Prado, respondeu a Joaquim Nabuco, quando questionado sobre sua

<sup>1</sup> Um trabalho essencial para este entendimento e distanciamento foi LEVILLAIN, Philippe. *Os Protagonistas da Biografia*. In RÉMOND, RENÉ, org. **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

<sup>2</sup> MOTA Filho, Cândido. **A vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967, p. 69.

opinião acerca do convite: *Aceite e, se quiser me levar para secretário, aceitarei também.*<sup>3</sup> Esta fala demonstra claramente que os tempos estavam mudados, assim como Eduardo Prado. Afeito a debates políticos, esgotara suas possibilidades de trabalho em prol do monarquismo, e fazia um balanço, já próximo dos quarenta anos, de novas possibilidades de estudos e descobertas, busca esta que foi incessante em toda sua trajetória. Acostumado às discussões intelectuais em jornais, de tom bacharelescos, em que havia a possibilidade de mudar de opinião ou expressar-se democraticamente, assustou-se com a realidade quando ela veio interferir diretamente em sua vida, correndo o risco de ser preso e ver seu jornal definitivamente fechado. Assim, seu distanciamento foi reflexo direto da profunda perseguição aos quadros monarquistas em 1897, por decorrência da Revolta de Canudos, que levou Eduardo Prado à Europa e desorganizou os poucos avanços que haviam sido feitos no sentido de organização de um discurso restauracionista. Na Europa, voltou-se inicialmente para seus negócios financeiros, deixando a cargo de Afonso Arinos a direção do *Comércio de São Paulo*, de sua propriedade e que durante os anos de chumbo de luta contra o republicanismo serviu como ferramenta de divulgação do discurso monarquista. Como bem esclarece Maria Janotti:

O golpe profundo desferido em 1897 na organização monarquista desestruturara os seus quadros. Em São Paulo, Eduardo Prado afastara-se do comando, dividindo seu tempo entre a Europa e o Brasil, talvez mais preocupado com seus negócios particulares. Continuava, apesar disso, *O Comércio de São Paulo*, sob a direção de Afonso Arinos, a propagar ideias monarquistas. Adquirira, contudo, a fisionomia de uma empresa duradoura, desenvolvendo diversas secções de interesse comercial, financeiro e noticioso. Perdera, assim, o caráter exclusivo de um jornal de partido, passando a ser folha lida pelo grande público<sup>4</sup>.

A partir daí o comando direto do monarquismo em São Paulo passou para as mãos de João Mendes, cabendo a Eduardo Prado, por escolha própria, *um rumo diferente, redirecionando sua energia para as letras, um refúgio para um homem de honor.*<sup>5</sup>

Eduardo Prado volta-se então aos estudos, apesar de sua fama de colecionador de livros ser conhecida desde sua juventude.<sup>6</sup> Um rápido correr de olhos sobre a descrição de sua biblioteca nos dá a imagem precisa de um traço muitas vezes lembrado de ser caráter, a de ser possuidor de 14 mil livros em seu apartamento em Paris, frequentemente visitado neste

<sup>3</sup> PRADO, Paulo. *Prefácio a Joaquim Nabuco – Esboço Biográfico*. In BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo, Sena: A Obra de Paulo Prado**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 226.

<sup>4</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 161.

<sup>5</sup> LEVI, E. Darrel. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977. p.295.

<sup>6</sup> PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e Sua Época**. São Paulo: O Cetro, 1960. p. 166-183

sentido pelos brasileiros que precisavam de documentos ou obras que Eduardo mantinha devidamente bem cuidados.<sup>7</sup> Segundo Darrell Levi, por lá passavam:

(...) Barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos Junior, que logo surgiria como um gigante da diplomacia brasileira. Foi em Paris que floresceu a mais famosa amizade de Eduardo, com Eça de Queiroz. Seu círculo intelectual também incluía amigos portugueses, como Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, e franceses, como o economista-historiador Emile Lavasseur, o anarquista e geógrafo Elisée Reclus e Joseph Frederick Sant'Anna Nery. Eduardo colaborou com estes homens e outros em trabalhos acadêmicos sobre o Brasil.<sup>8</sup>

Para Baptista Pereira, Eduardo tinha com os livros *infinitos cuidados, fazia guerra às traças, tapava os buracos de velhos in-folios poentos, que fazia limpar na Europa por processos custosos.*<sup>9</sup> No *Catalogue de la Bibliothèque Eduardo Prado*,<sup>10</sup> publicado por conta da venda de toda a biblioteca em 1916, num único lote no valor de 50 contos de réis, ou com preços avulsos indicados à frente de cada livro, os assuntos são divididos em infindáveis subtemas, escritos em francês, que reproduzimos a seguir para dar a ideia exata da importância do material que reuniu consigo ao decorrer dos anos: *Manuscritos / Letras / Gravuras, fotogravuras, Fotografias / Revistas nacionais e estrangeiras / Brochuras / Administração pública / Agricultura e Economia / Almanques, catálogos e guias / Arqueologia e Antropologia / Astronomia, meteorologia / Belas-Artes / Beneficência / Biografias / Corografia, Hidrografia, Tipografia / Colonização, emigração / Dicionários, enciclopédias / Diplomacia / Direito / Economia política / Exposições nacionais e estrangeiras / Geografia, cosmografia / Geologia / Guerra, armada e marinha, negociações militares / Hippiatria / História (Brasil/Estrangeira) / Indústria e Comércio / Instrução pública / Jornais, Revistas / Legislação (Brasileira/Estrangeira) / Linguística, literatura / Metalurgia, mineração / Música / Miscelâneas / Nobiliarquia, genealogia / Política / Poesia / Religião / Estatística / Ciências naturais: matemáticas, sociais, médicas, farmacêuticas e veterinárias, filosóficas / Viagens, explorações e navegações / Ferrovias / Móveis / Tabelas / Tabelas de Matérias-Primas.*

Fora deste índice, há a enumeração de vários manuscritos de filosofia e política antiga ou de sua época. Havia também muitos documentos, decretos régios de D. João VI, e documentos ligados ao Padre Antônio Vieira, um dos assuntos prediletos em suas pesquisas historiográficas. Como dito anteriormente no capítulo 1 deste trabalho, grande parte da biblioteca foi vendida para o Jockey Club de Buenos Aires, onde se perdeu em um incêndio

<sup>7</sup> LEVI, E. Darrel. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977. p.223.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 224.

<sup>9</sup> PEREIRA, Baptista. **Eduardo Prado: O Escritor – O Homem**. São Paulo: Comércio de São Paulo, 30/09/01.

<sup>10</sup> **CATALOGUE de La Bibliothèque Eduardo Prado**. São Paulo: Tipografia Brasil Rotschild & Cia.

de grandes proporções. Sem dúvida, com o incêndio perdeu-se considerável quantidade de documentos históricos de grande importância, assim como obras raras dos séculos XIX e anteriores. Para se ter ideia, segundo Vieira Fazenda, escrevendo no *Comércio de São Paulo* por conta da morte de Eduardo Prado, este era possuidor de documento extraído dos cartórios da Inquisição, que através de depoimentos de presos, “limpava” o nome de Padre Anchieta de boatos que o apontavam como torturador em algumas ocasiões. Segundo o próprio Vieira Fazenda, Eduardo também era proprietário de cópias de relatórios do período Mem de Sá, entre outros.<sup>11</sup>

Nos estudos encontrou Eduardo Prado mais respostas que na luta monárquica, mudando sensivelmente seu modo de enxergar a si mesmo, seu país e sua própria existência, como será notado ao passarmos para a análise de seus diários pessoais. Próximo aos quarenta anos de idade, preocupações com suas dívidas financeiras, sua ligação religiosa que por tantos anos havia se distanciado e sua busca por silenciar-se da vida atribulada que levara nos últimos anos, recolhendo-se em sua fazenda, parecem ter transformado sua personalidade. Emerge um Eduardo Prado mais ciente dos seus escritos, mais comedido nos arroubos de opinião que foram, até então, uma de suas marcas. O discurso religioso vai, aos poucos, assumindo importância em seu cotidiano e na temática de seus estudos, como citado no primeiro capítulo deste trabalho, quando ele chega a afirmar que vinha se *arrastando desde o dia do meu nascimento, pelo caminho que leva à Eternidade, durante quarenta anos de inutilidade(...)*. Por esta época, mais frequente à casa materna, volta a ser a companhia de Veridiana Prado para as missas católicas, não se distanciando mais da sua característica religiosa até o dia de sua morte, pouco tempo depois.

Conhecido por todos os intelectuais brasileiros e muitos estrangeiros de seu tempo, aliado a seu poder de pesquisa e escrita, proporcionados por sua formação educacional privilegiada e sua condição financeira, Eduardo Prado teve oportunidade de ser convidado aos principais institutos de pesquisa de seu tempo. Tornou-se membro do IHGB e do IHGSP, ocupou a primeira cadeira de nº 6 da Academia Brasileira de Letras, escolhendo Rio Branco como patrono e estreitando mais ainda laços com Machado de Assis.

Este período em sua trajetória fora o mais fértil em matéria de artigos e profundidade de análise, melhorando em muito a imagem que tinha perante o meio intelectual, mesmo entre amigos, de que era diletante e afeito apenas a debates superficiais. Um dos maiores exemplos sobre a mudança da imagem de Eduardo Prado está nas opiniões pessoais de Joaquim

---

<sup>11</sup> *Comércio de São Paulo*. 30 de setembro de 1901

Nabuco, que desde os tempos do Império mantinha amizade com Eduardo, encontradas em seus diários. Se nos anos de combate ao republicanismo chega a afirmar que era gastador, boêmio e boa vida,<sup>12</sup> é um dos primeiros a homenageá-lo por conta de sua morte em 1901, elogiando seus escritos e lamentando que seu espírito *ainda não se havia formado por completo*.<sup>13</sup> Antes disso, já havia dito que *A Ilusão Americana era um livro que ele mesmo iria escrever*.<sup>14</sup> Seus estudos dão a dimensão da facilidade com que transitava entre temas, com grande capacidade de interligação de assuntos, conquistada, sem dúvida, pelo esforço de leituras e acumulação de matérias, potencializada pelo convívio intelectual que lhe envolvia desde a infância. Neste sentido, só a análise mais atenta de seus trabalhos para dar a verdadeira dimensão desta guinada às academias, com a notável independência que lhe era característica em outras áreas, já que sua renda sempre foi proveniente das atividades financeiras na Europa e das atividades cafeeiras no Brasil.

### 3.2 Obras, pesquisas e estudos

Eduardo Prado nasceu, se desenvolveu e morreu na segunda metade do século XIX (1860-1901). Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, seu destino seria previsível não fosse sua origem familiar abastada e ligada ao café: a carreira de bacharel, servindo de ponte entre os interesses privados e públicos, como bem delineou Sérgio Adorno<sup>15</sup>. Neste sentido, dando destaque à atuação do bacharel como intelectual no Brasil do século XIX, descreve que:

Tratou-se de um intelectual que se desenvolveu às expensas de uma vida acadêmica controvertida, agitada e heterogênea, construída nos interiores dos institutos e associações acadêmicas, que teve no jornalismo seu mais eficaz instrumento de luta e tornou viável a emergência de uma ética jurídica liberal, defensora das liberdades e da vigília permanente da sociedade. As Academias de Direito fomentaram um tipo de intelectual produtor de um saber sobre a nação, saber que se propôs aos temas exclusivamente jurídicos e que avançou sobre outros objetos de saber. Um intelectual educado e disciplinado, do ponto de vista político e moral, segundo teses e princípios liberais.<sup>16</sup>

Este, naturalmente, não foi o caminho de Eduardo Prado, mesmo que tenha possuído algumas das características descritas, ou tivera contato com grande número de amigos que fizeram parte desta parcela. Não só sua condição financeira e o prestígio familiar propiciaram que caminhasse em sentido diferente, como também suas características pessoais de

<sup>12</sup> NABUCO, Joaquim. **Diários – vol. 2, 1889-1910**. Rio de Janeiro: Editora Massangana, 2005, p. 172.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 233.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>15</sup> Abreu, Sérgio França Adorno de. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 78.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 79.

inconstância e curiosidade, que o fizeram buscar muitos assuntos e atividades, fixando-se poucas vezes em algo por longos anos. Era afeito ao convívio social, e só com o arrefecimento da luta monárquica foi encontrar certo prazer em uma vida mais tranquila em sua fazenda, sem as constantes viagens à Europa, mais voltado aos estudos. Cândido Motta Filho, em capítulo intitulado *Um homem sem nenhum constrangimento*<sup>17</sup>, descreve mais profundamente a vida diária de Eduardo Prado em Paris, frequentando a agitada vida noturna da cidade, seus salões e bordéis, além das visitas diárias a amigos. Somadas a isso suas constantes viagens e seu trabalho financeiro, fica claro entender a origem das imagens que Eduardo Prado granjeou perante os conhecidos, de homem de ação e agitação, marcado pela alegria e ansiedade.<sup>18</sup>

Eduardo Prado, apesar dos vastos conhecimentos adquiridos com o tempo, também não era dado a metódicos esforços em torno de seus trabalhos. Muitos deixava pela metade, outros escrevia à exaustão, para logo não lançá-los ou mesmo perder os originais, como no caso de seu único romance, *Terra Roxa*. Grande parte dos escritos de Eduardo Prado que podem ser encontrados hoje, foram fruto dos esforços de Veridiana Prado, que relançou grande parte deles após sua morte. A única exceção a ser feita é com *A Ilusão Americana*, que rendeu várias novas edições, sendo conteúdo básico para o estudo do início das relações políticas e econômicas entre Brasil e EUA até os dias de hoje. Este traço não passava despercebido aos olhos de seus amigos, o que por vezes gerava situações embaraçosas, como a negação de Joaquim Nabuco a que Eduardo Prado fosse o editor de *Um Estadista do Império*, pois não tinha confiança em sua organização, mesmo tendo lhe oferecido ajuda nos custos do livro.<sup>19</sup> É o próprio Joaquim Nabuco que mais tarde negará também a sociedade oferecida por Eduardo Prado em seu jornal *Comércio de São Paulo*, não achando favorável o momento político de sua mudança para São Paulo, devido às perseguições republicanas.<sup>20</sup>

Eduardo Prado, apesar de algumas inconstâncias, começou cedo a escrever. Já na faculdade lançou uma série de artigos em jornais acadêmicos com seu irmão Caio Prado, todos no mesmo tom crítico e humorístico, que o acompanhou pelo resto da vida. Nos anos que precederam a Proclamação da República, teve a única oportunidade de se relacionar diretamente com o Império: a convite do Visconde de Rio Branco, foi convidado para servir na Delegação Diplomática Brasileira nos EUA, *como adido de segunda classe, (...) isto é, sem*

<sup>17</sup> MOTTA Filho, Cândido. **A Vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p.121-135.

<sup>18</sup> “Por mais que Eduardo Prado fizesse para ser um home do passado, dizia Nabuco, todo ele era movimento, vida, futuro”, in: MOTTA Filho, Cândido. **A Vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p.121.

<sup>19</sup> NABUCO, Joaquim. **Diários – vol. 2, 1889-1910**. Rio de Janeiro: Editora Massangana, 2005, p. 19.

<sup>20</sup> Ibid. p. 109.

*vencimentos*,<sup>21</sup> onde trabalhou no levantamento e organização da biblioteca brasileira,. Este contato inicial com Rio Branco parece ter-lhe inspirado pelo resto da vida aos estudos da história brasileira, auxiliado pelo levantamento de documentos históricos. Este amor pela história o acompanharia por todas suas obras, mesmo as políticas, ressaltando a todo momento o passado histórico como a verdadeira identidade de um país. O momento máximo do reconhecimento deste amor se deu em seu discurso por ocasião da fundação do IHGSP, em novembro de 1898:

Eu tenho um grande amor pelo passado. Certamente o homem deve viver seu tempo, mas a tendência para a contemplação do passado é um dom nobilíssimo da sua alma. Quem se aplica ao presente é movido, quase sempre, pelo interesse. Quem trata do passado é desinteressado e só o desinteresse enobrece, eleva e dignifica as aspirações dos homens<sup>22</sup>.

Neste sentido, os únicos sentidos em que Eduardo Prado retirara algum proveito de seus estudos históricos foram em sua confrontação com os desacertos republicanos nos anos de luta monárquica e na imagem que muito lhe agradava de ser um pesquisador de temas brasileiros. No mais, esta procura lhe trouxe benefícios que se estendiam para além do convívio entre seus amigos, também interessados pelos mesmos temas.

Em 1889 foi convidado para compor a organização da bancada brasileira na *Exposition Universelle*, com a exposição de objetos que retratassem a cultura e o cotidiano brasileiros. Sobre seu papel, pouco é conhecido, mas sabe-se que foi um dos responsáveis por repassar muitos dos materiais utilizados na Exposição<sup>23</sup>. Logo em seguida, participou, com a ajuda de Rio Branco, do extrato sobre o Brasil na *Grande Encyclopédie* de E. Lavoisier<sup>24</sup>, chamado *Le Brésil*. Na descrição do extrato, encontramos:

O Brasil é um extrato da Grande Enciclopédia. O autor se aplicou a escrever, num resumo sucinto e metódico, os principais tratos da geografia física, política e econômica, da história do progresso social do maior e mais populoso Estado da América do Sul; seu vasto império merece ser melhor conhecido, o que não acontece geralmente na França.<sup>25</sup>

Adiante, encontra-se a descrição de Eduardo Prado: *Senhor Eduardo Prado, publicista e homem de letras brasileiro, é autor dos capítulos relativos à língua, à literatura e à*

<sup>21</sup> Comércio de São Paulo. 1 de outubro de 1901.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Em carta de Paris, enviada do *commisariat Général du Brésil*, Eduardo escreve ao diretor da Biblioteca Nacional, Francisco Leite Bittencourt Sampaio, informando que chegariam até à biblioteca algumas caixas com objetos utilizados na Esposicion Universelle, como cartas murais à gouache, reproduzindo antigas cartas do Brasil dos séculos XVI, XVII e XVIII e a grande carta do Brasil “atual”. “Devem ficar na biblioteca pois são do mais alto interesse”. Coleção Tobias Monteiro. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

<sup>24</sup> LEVASSEUR, E. **Grand Encyclopédie**. Paris: H. Lamirault et Cie, Éditeurs, 1889.

<sup>25</sup> Idem.

*música*.<sup>26</sup> Coube a Rio Branco escrever sobre a Imprensa, as Belas-Artes, grande parte da História e Antropologia, além de colaborar com administração e imigração. Na segunda edição da *Grand Encyclopedie*, o nome de Eduardo Prado e Rio Branco aparecem diretamente na contra capa, com a descrição de que o trabalho foi executado sobre a direção de m. de Rio B. A edição já conta com um posfácio atualizando a história brasileira com os eventos da Proclamação da República.

Mesmo em meio aos anos mais conturbados de sua militância monarquista, Eduardo nunca abandonou totalmente seus estudos históricos. A cronologia a seguir, apesar de extensa, é muito importante para a noção exata do quanto escreveu Eduardo Prado, e do quanto se perdeu com a dispersão de seus escritos: *Crônicas da Assembleia*, no correio Paulistano; *O Constitucional*, jornal político de estudantes como o *Labarum*; *Comédia*, revista literária de estudante; *O Russinho*, jornal “espanta-burguês”; *Entr’Acto*, revista acadêmica (1881); *Terra Roxa*, romance extraviado (1881); *Destinos do Brasil* (segundo Eça de Queiroz, perfeito estudo da psicologia social); *Coletâneas* 4 volumes; *Fastos da Ditadura Militar no Brasil* (1ª edição 1890), *A Ilusão Americana* (1893); *Anulação das Liberdades Políticas*; *Vida do Padre Moraes* (700págs., extraviado); *O testamento político de Washington* (extraviado), *Viagens* 2 volumes; *Viagens* 1 volume, extraviado: *A Bandeira Nacional*; *A Missão de Nabuco* (Complemento do Fastos e que se perdeu); *Passado do Brasil* (filosofia da História do Brasil, publicado em opúsculo, e que se perdeu); *Literatura Brasileira* (Estudo na Grande Enciclopédia) *Notas sobre o Brasil* ( no livro *Lé Brésil* de Elysée Reclus e no livro *L’Amazonie et le Plate* Elysée Reclus); *História do Brasil*, resumo que se extraviou; *Vida do Padre Antônio Vieira* (700 páginas, extraviado); Um livro sobre aventuras nos sertões do Brasil (e que se perdeu); Muitos trabalhos de história, publicados pelo Instituto Histórico, em sua revista, como o *Discurso de entrada no Instituto*; *Discurso na sessão de aniversário do Instituto*, o *Necrológio de Carlos Rath* (vol.III na Ver. Do Inst. IHGSP; *Os espanhóis no salto do Avandava no século XVIII* (vol. IV da mesma revista); *Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo*, sessão de 20 de setembro de 1899; *A publicação da primeira carta geográfica de São Paulo*, sessão de 20 de setembro de 1899; *Carta de Álvaro A. da Silveira* (vol. V); *O espírito militar dos paulistas*, sessão de 20 de junho de 1899 (vol. IV).<sup>27</sup> Pela sequência de título notamos que suas preocupações intelectuais estavam presas a três eixos principais: Política brasileira, história brasileira e religião católica, com destaque para as biografias de vultos ilustres do Catolicismo.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e Sua Época**. São Paulo: O Cetro, 1960. p. 36.

Apesar de manter este padrão em seus temas, a abordagem dos mesmos mudou bastante em seus trabalhos. Em sua juventude, encontramos um jovem seduzido pela Europa, encantado com o charme e espírito que rondava o Velho continente. Torna-se um crítico da realidade nacional, comparando o sucesso europeu com a aparente falta de identidade brasileira, apontando o que para ele eram erros culturais, políticos e até mesmo raciais. Com o correr dos anos, cansado do burburinho parisiense, envolto aos grandes nomes da diplomacia e política no Brasil de seu tempo, Eduardo aos poucos abre seus olhos para a realidade brasileira, valorizando-a e buscando defendê-la dos ataques estrangeiros, que encontrava, sobretudo, na aproximação entre EUA e Brasil. De acordo com suas ideias, a realidade nacional deve ser defendida e valorizada em sua forma genuína, sem estrangeirismos e excessos. O singular desta postura, como bem disse Darrell E. Levi, é que partia do Prado mais europeizado. Por anos podemos encontrar em seus escritos o mesmo tom de seus livros de viagem: a sensação de atraso ou inocência em tudo o que se afastasse dos costumes europeus.

A figura do caboclo pode muito bem ilustrar esta mudança de posição ao correr dos anos, como apontamos na introdução a este trabalho. O mesmo caboclo que era considerado anos antes como sinônimo de atraso e distanciamento do brilhantismo europeu, anos depois emerge como a força brasileira, a união de um povo, a qualidade mestra de se miscigenar e adaptar a qualquer realidade possível. Neste caso, no entanto, sua argumentação “racial” vinha carregada de valores adquiridos com sua trajetória:

O movimento das ideias de Eduardo Prado é extremamente interessante. Numa circunstância histórica em que o típico era a cópia do padrão ideológico europeu – que em síntese era o liberalismo – ele, ao mesmo tempo em que copia o padrão europeu fornecido pela Geração de 70, repudia nossa inclinação (nós, os desfibrilados) de espelhar a voga europeia. Busca assim num polo política e socialmente anacrônico da Europa a base argumentativa para a evidenciação do perfil cultural brasileiro, que partiria da premissa da rejeição aos padrões europeus e norte-americanos. Mas a rejeição de Eduardo Prado é de segunda linha, já que é ela própria uma cópia do procedimento literário da Geração de 70. Há, sem dúvida, alguma novidade nessa atitude, mas ela é, essencialmente, incompleta. (...) visão idílica, mas não inocente sobre a vida brasileira, quer esconde o fundamental, que é a brutalidade do padrão social nacional, e cuja funcionalidade imediata é o elogio do padrão estabelecido pela sociabilidade do café. Originalidade, autonomia cultural, libertação mental, além de deverem pela gênese à experiência portuguesa formalizada pela Geração de 70, convertem-se gradualmente, pela mediação de Eduardo Prado, em projeto ideológico de uma nova expressão de oligarquia rural paulista – e abertamente antiliberal. Assim, a sua proposta “nova” nasce da apologia de elementos já em processo de superação na vida brasileira.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo, Sena: A Obra de Paulo Prado**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 54.

Trata-se de uma crítica dura, mas muito bem colocada em relação a muitos pontos de sua obra. A idealização do homem do campo, miscigenado, não respondia em muitos aspectos às aceções políticas de Eduardo Prado, num discurso que, mesmo avançando em relação ao jovem que fora, peca por entregar o membro da oligarquia rural a que sempre pertenceu. Suas obras, neste sentido, ficaram sempre marcadas pelo entusiasmo e interpretações idílicas da realidade, o que impediu que assumissem um caráter maior como outros intelectuais de sua época, ficando relegadas a segundo plano ao longo do século XX.

Algumas obras, no entanto, deixaram marcas em sua época e são referência até os dias atuais. Seu maior êxito editorial foi sem dúvida o *A Ilusão Americana*, que recebeu sucessivas edições até os dias de hoje, tornando-se um marco nos estudos diplomáticos brasileiros da primeira década republicana. Nos estudos históricos, seu principal feito não fora bem um livro, um artigo em si, mas a organização de uma importante conferência que reunira grandes nomes da intelectualidade brasileira de seu tempo. Foram as *Conferências Anchiéticas*, ocorridas em 1896 na biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, com a presença *dos lentes da Faculdade, do Presidente do Estado, do Bispo Diocesano e grande número de “senhoras e cavalheiros”*.<sup>29</sup> As Conferências foram divididas em vários dias, com um oradores discorrendo sobre um tema pré selecionado. Assim, Eduardo Prado falou sobre *O Catolicismo, a Companhia de Jesus e a Colonização do Brasil*; Dr. Brazílio Machado com *Narração da vida de Anchieta*; Teodoro Sampaio sobre *São Paulo nos Tempos de Anchieta*; Anchieta, a língua e as raças dos indígenas do Brasil, por Gen. Couto de Magalhães; *Anchieta: poeta e escritor*, por Ruy Barbosa; *Papel Político de Anchieta*, pelo conselheiro Antônio Ferreira Viana; *Da Bibliografia e iconografia de Anchieta e do seu tempo*, por Capistrano de Abreu; e fechando os eventos, *Da significação Nacional do Centenário de Anchieta*, por Joaquim Nabuco. Citamos os mais importantes, pois as conferências também contaram com a participação de importantes clérigos de sua época. As conferências, dado sua amplitude temática, assim como os oradores que a compuseram, Joaquim Nabuco, Capistrano de Abreu, Ruy Barbosa, foram amplamente utilizadas e o são até hoje nos estudos da significação da biografia de Padre Anchieta. Eduardo Prado despontou como organizador, e graças à sua rede de amigos conseguiu reunir em São Paulo tantos nomes grandiosos para a época.

Acima de tudo, Eduardo Prado foi um homem de ação, de conexões de inteligências. Ora servindo com seus documentos, ora iniciando um debate, teve méritos em pertencer a um

---

<sup>29</sup> CONFERÊNCIA Anchiéticas originais: III Centenário do venerável Joseph de Anchieta. Paris/Lisboa: Casa Ed. Aillaud & Cia, 1900.

grupo seleta onde era respeitado e admirado pela inteligência e senso prático, apesar do seu caráter divagante em muitos momentos de sua vida pessoal. Abastado, recebia amigos, presenteava-os com documentos, livros e indicações para que pudessem alavancar suas pesquisas. Soubera, nesse ponto, manter a tradição de sua mãe Veridiana Prado, em receber em sua casa grandes nomes das artes, da ciência, do Brasil. Lembrava-se por certo da vez em que, estando à Europa, não pôde ajudar o amigo e geólogo Orville Derby, que foi recebido por sua mãe e tratado até sua melhora física e financeira.<sup>30</sup> Mais que mero expectador, era admirado também pela audácia da palavra escrita, crítico com bom humor, sem mágoas quando estava longe dos papéis.

Academicamente, mesmo que poucas de suas obras vieram a ter fôlego com o correr das décadas, foi intelectual importante e respeitado em seu tempo, participando de importantes institutos formadores de opinião e de intelectuais que transformaram conceitos e, assim, o destino do país. Academia Brasileira de Letras, IHGB, IHGSP, institutos em que teve presença ativa e ajudou a solidificar no árido campo intelectual do Brasil da época, que aos poucos começava a se movimentar para além das limitadas fronteiras cariocas.

### 3.3 Eduardo Prado visto pelos outros / Homenagens póstumas

Com exceção aos necrológios escritos logo após sua morte e um pequeno ensaio de Eça de Queiroz que serviu como Introdução às suas *Coletâneas*<sup>31</sup>, publicadas a partir de 1904, Eduardo Prado foi pouco biografado. Este relativo esquecimento contrasta com sua participação ativa como um dos principais inimigos políticos da primeira década republicana, e o pouco que se têm caminha aparentemente num único sentido. Eduardo é caracterizado por uns como curioso, intelectual diletante, viajante despreocupado e *bon vivant*, pronto a gastar largas quantias quando algo tocava o seu interesse<sup>32</sup>. Outros viram o católico fervoroso<sup>33</sup>, o intelectual completo e amante do mundo e de suas raízes<sup>34</sup> ou o defensor dos capitais ingleses<sup>35</sup>.

É falsa a afirmação de que em nenhum momento tenha se envolvido diretamente com conspirações monarquistas. Tem-se o já citado pedido de Saldanha da Gama para que Eduardo o

<sup>30</sup>PAGANO, Sebastião. *Orville Derby* in PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e Sua Época**. São Paulo: O Cetro, 1960.

<sup>31</sup> PRADO, Eduardo. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904.

<sup>32</sup> QUEIROZ, Eça. *Eduardo Prado* in PRADO, Eduardo. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904.

<sup>33</sup> REZENDE, Padre José Severiano de. **Eduardo Prado – Páginas de Crítica e Polêmica**. São Paulo: N. Falcone & C. Editores, n/d.

<sup>34</sup> MOTTA Filho, Cândido. **A Vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. PAGANO, Sebastião. *Eduardo Prado e Sua Época*. São Paulo: O Cetro, 1960.

<sup>35</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

representasse financeiramente na Europa para angariar fundos para a Revolução Federalista, além do fato de ter fugido neste mesmo ano de 1894 para a Europa, pelas consequências que sua obra *A Ilusão Americana* haviam causado no turbulento contexto do governo de Floriano Peixoto, e novamente em 1897 com a série de perseguições a monarquistas devidas à Revolta de Canudos. Analisadas as várias versões sobre a fuga, o mais provável é que tenha partido a cavalo de sua fazenda *Brejão*, cruzando o sertão de Minas Gerais até a Bahia, de onde embarcara com destino à Europa. O episódio ficou famoso e virara debate nos jornais. Eduardo Prado, recebendo críticas sobre o fato de haver fugido do país, rebate com o artigo *Um Paladino da República*<sup>36</sup>, onde se defende:

No fim da revolta (da Armada), entendendo eu que não seria da mínima utilidade para a minha causa ir eu para um cubículo da Correção e julgando que isto me seria particularmente desagradável e incômodo, fui à Bahia, para dali me escapar da América ditatorial, isto é, republicana, para a livre Europa, onde teria, como tive, a liberdade de escrever, que a República então me negava a mim (...) Confesso que parte da mesma viagem foi feita a cavalo. Parece que este ponto é particularmente importante para a História<sup>37</sup>.

Há também suas atividades em prol da formação de um núcleo monarquista em São Paulo, que resultaria na formação do Partido Monarquista de São Paulo em 15 de novembro de 1895. Um importante adendo a ser feito é o de que este Partido não se configurou aos moldes atuais de organização partidária, pois que por lei a formação de qualquer núcleo partidário que fosse contrário à ordem republicana era proibida constitucionalmente. Desta maneira, o chamado Partido Monarquista, que não teve participação alguma no cenário de eleições nacionais, serviu aos seus participantes como centralizador de ideias e debates em torno das políticas republicanas, além de apontar as melhores medidas a serem seguidas pelos monarquistas.

Visando sua formação, Eduardo organizou o debatido banquete em 15 de outubro, que reunira as várias vertentes monarquistas, e comprara o jornal *O Comércio de São Paulo*, “para transformá-lo em porta-voz monarquista, assessorado por Afonso Arinos e Couto de Magalhães Sobrinho”<sup>38</sup>. O Partido Monarquista foi composto pelos principais nomes presentes no banquete, como Eduardo Prado e João Mendes, que fariam de São Paulo o “núcleo principal da reação anti-republicana”<sup>39</sup>.

O grande problema de estruturar suas atividades se deu no fato das constantes idealizações que as análises de sua personalidade carregam. Temos como exemplo o seguinte trecho, da obra *Eduardo Prado e Sua Época* de Sebastião Pagano, em que esta idealização fica clara:

<sup>36</sup> In PRADO, Eduardo. *Coletâneas*. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904, p. 19-25.

<sup>37</sup> PRADO, Eduardo. *Coletâneas*. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904., p. 24-25.

<sup>38</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os Subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 95.

<sup>39</sup> Idem.

Eduardo Prado foi sem dúvida um homem admirável porque não foi um burguês acomodaticio. Foi homem de luta e a sua pena estava a serviço de causas nobres. Seu único escopo na vida foi ser útil, amar a Deus e sua Pátria e servi-los com a mais acendrada abnegação (...) Era, entretanto, o mais afável dos homens, o mais humano, o mais agradável de se ter como companheiro (...)<sup>40</sup>

O estudo mais recente de Darrell Levi sobre a Família Prado, no entanto, levanta importantes fatos sobre a vida de Eduardo Prado, escondidos por seus principais biógrafos. Aponta-o como o irmão “mais complexo de todos”, “extravagante e multifacetado, adepto de muitas coisas, porém sem dominar nenhuma delas completamente”<sup>41</sup>. Segue, porém:

Por trás da imagem pública do homem feliz, saudável e robusto, havia a realidade privada de um homem que sofria muito e que tinha uma malícia não suavizada por seu conhecido senso de humor. Por trás da imagem de Eduardo neste estereótipo, o do rico fazendeiro sul-americano divertindo-se nas capitais da Europa, havia o fato dele estar sempre envolvido em problemas financeiros, dependendo do dinheiro de sua mãe. Eduardo sofria de gota, e viveu com o medo de contrair a febre amarela (...) Em 1896, sem que se tivesse abatido seu estridente monarquismo, recebeu uma ameaça redigida com sangue; sua cunhada disse nunca ter visto „pessoa tão medrosa”<sup>42</sup>

Esta caracterização muito o afasta do “humanista renascentista” descrito por Pagano, aproximando-o daquilo que possivelmente ele fora, dependente, por exemplo, do dinheiro materno para a compra e manutenção de seu jornal *O Comércio de São Paulo* em 1895. Alguns fatos, no entanto, dão a ideia do quanto Eduardo Prado se aproximou do homem ideal criado após sua morte. Possuía em sua fazenda *Brejão*, excetuando-se as obras de literatura e todas as outras no seu apartamento em Paris, uma grande biblioteca e, quando podia, “lia um livro por dia, sem cansar-se, mas anotando”<sup>43</sup>. Poliglota, “falava correntemente francês, inglês, holandês, alemão, espanhol, italiano, lia e traduzia bem o latim e tinha conhecimentos de grego e hebraico”<sup>44</sup>. O levantamento das temáticas que já tratou em livros ou artigos dá uma noção da cultura variada que possuía, neste pequeno resumo: História, Estética, Crítica literária, Religião, Política, Economia, Astronomia, Química, Matemática, Geografia, Cartografia<sup>45</sup>. Enfim, a caracterização final a que se chega de Eduardo Prado é muito próxima daquela dada também

<sup>40</sup> PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e Sua Época**. São Paulo: O Cetro, 1960, p. 10.

<sup>41</sup> LEVI, E. Darrel. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 124-125.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>43</sup> PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e Sua Época**. São Paulo: O Cetro, 1960, p. 187.

<sup>44</sup> *Idem*.

<sup>45</sup> O resumo completo dos assuntos tratados se encontra em: PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e Sua Época**. São Paulo: O Cetro, 1960, p. 38-40.

por Darrell Levi, o de “monarquista”, “reacionário” e “conservador”, condensada num homem que “opôs-se à República e tentou, por todos os meios, restaurar a Monarquia, desde 1889 até sua morte, em 1901”<sup>46</sup>.

Em questões contemporâneas, este „conservador“ lutou pelos direitos humanos e pela liberdade de imprensa, sob um regime hostil a ambos, chamou a atenção para a pobreza e o esquecimento em que viviam os sertanejos brasileiros (...) e condenou o poder militar e a estreita base sobre a qual se assentava a Primeira República<sup>47</sup>.

Havia muitos limites, no entanto, entre suas ideias e sua personalidade. Suas escolhas brotaram de um poderoso ideal estético pela tradição, pelo peso histórico. De tendências republicanas na Faculdade de Direito de São Paulo, quando isto significava ir contra o marasmo político da época, passou a ser monarquista quando isto assumiu o caráter de crítica e “nobreza”, após a Proclamação da República. Soube construir ao seu redor a imagem de homem de luta pela monarquia, mas, ao contrário de todos os outros envolvidos no debate, era talvez o único que mantinha total liberdade em relação aos rumos que a República imprimia ao país. Sua família prosperava e, se seus negócios não iam na mesma velocidade, recorrendo vez por outra ao dinheiro materno, o fazia por seus hábitos pessoais, com grandes gastos por suas viagens e seu estilo de vida curioso e agitado. Não necessitava assim da figura de um Imperador que muito defendia, mas que em tempos de Monarquia zombava, criticando sua simplicidade e sua lentidão nas decisões políticas<sup>48</sup>.

Uma das perguntas centrais deste trabalho, e que só com o seu desenvolvimento foi possível responder, ou melhor, aproximar-se de uma resposta, é em que medida a conjuntura econômica e cultural o fez monarquista. Por que monarquista naquele momento? Por uma defesa rasa e superficial da Inglaterra em detrimento a ataques ferozes contra o crescimento da aproximação entre Brasil e EUA? Maria Janotti resume bem este apego à Inglaterra, ao analisar a dependência econômica desta elite em relação ao capital inglês, o que no caso de Eduardo Prado se aplica de forma mais contundente ainda:

Dentro dessa visão moralizante, pseudocientífica e, na aparência, nacionalista, encontra-se a incondicional defesa do capitalismo britânico e da supremacia cultural europeia. (...) Nenhuma palavra da parte de Prado, porém, sobre a grande beneficiária do tráfico que foi a Inglaterra, e seu posterior interesse em extingui-lo(...). Membros da classe dominante, enriquecidos com os negócios ingleses, os monarquistas não tinham ainda, como alguns historiadores lhe atribuem, um discurso anacrônico. Muito atual era o receio de perderem seus negócios, naufragar

<sup>46</sup> LEVI, E. Darrel. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 284.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> PRADO, Eduardo. **Viagens, América, Oceania e Ásia**. São Paulo: Escola Tipográfica, 1902. PRADO, Eduardo, p. 78-95.

na crise financeira que, por partidarismo, responsabilizavam exclusivamente a República, mas que já se delineara claramente no final do Segundo Reinado. Voltaram-se contra os novos ricos, fruto da especulação financeira; contra os novos homens públicos sem tradições familiares, que acarretaram a instabilidade política e cambial. Mas, enquanto membros da classe dominante, sempre estiveram perfeitamente consoantes com os detentores do poder econômico e se comportaram como parceiros menores do capitalismo inglês.

A esta opinião, o atual estudo vem somar questões mais complexas, crendo existir na educação cultural de Eduardo Prado muitas respostas neste sentido. Antes mesmo de iniciar suas atividades econômicas na Europa, quando estava realizando suas primeiras viagens pelo mundo, já demonstrava desinteresse pela realidade dos EUA, apontando-os como muito objetivos materialmente, colocando o capital acima de muitos outros valores de espírito que, segundo ele, os europeus, com destaque à Inglaterra e França, possuíam.<sup>49</sup> Sua formação toda fora feita sobre preceitos europeus e, somado a isso sua condição de vida abastada, estranhava o estilo de vida burguês do norte-americano, sob novos valores em sintonia com as mudanças econômicas e sociais que o mundo sofria. Fora criado sob a influência de um Império patriarcal e paternalista, com o qual sua família mantinha laços de prestígio e confiança. Abdicar desta realidade por uma em que novos setores dominariam a rede do poder, reconfigurando todas as relações hierárquicas e políticas era, no mínimo, incômoda a esta elite que não enfrentara grandes oposições durante praticamente todo o Segundo Reinado.<sup>50</sup> Assim, aliado a estes dois interesses, Eduardo Prado formou um monarquismo que, apesar de lúcido em muitos momentos, sobretudo de crítica aos desacertos republicanos, cobriu com um “véu de perfeição” o passado de erros e abusos do Segundo Reinado.

Grande parte do que se escreveu sobre Eduardo Prado, sobretudo aqueles que conviveram com ele, apontam no sentido de um escritor que não teve tempo de ficar pronto, morrendo muito jovem, quando ainda estava iniciando seu caminho pelos estudos brasileiros. Em viagem ao Rio de Janeiro por conta de sua posse como sócio efetivo do IHGB, Eduardo Prado contaminou-se com a febre amarela, vindo a falecer pouco tempo depois, em São Paulo no dia 30 de agosto de 1901, 21 dias após assumir seu posto no instituto que sempre lhe lembrava D. Pedro II. Por conta de sua morte, seu jornal *O Comércio de São Paulo* dedicou 3 dias a publicar opiniões de amigos e trechos de suas próprias obras. Dentre os mais importantes, destacamos Ruy Barbosa, Rocha Pombo, J. Veríssimo, Carlos de Laet, Machado de Assis, Coelho Netto, João Mendes Junior, Joaquim Nabuco, entre outros. As homenagens,

<sup>49</sup> Ver *Livros de Viagens* no segundo capítulo deste trabalho.

<sup>50</sup> *A Democracia Improvisada* in HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Do Império à República**, v. 5 in Brasil Monárquico, tomo II. São Paulo: Difel, 1983.

iniciadas por conta de sua morte, se arrastaram em forma de vários artigos até os meses seguintes. Affonso Celso, defendendo seu desapego político no Império, lembrou que Eduardo Prado *foi um dos poucos que (...) se dirigiram a Lisboa para receber, em dezembro de 1889, o Imperado deposto.*<sup>51</sup> Os elogios assomavam de todas as partes e, mesmo Visconde de Ouro Preto veio à cena para dizer que teve *o ensejo de o tratar de perto; pena que o destino não permitiu que ele participasse das eleições.* Machado de Assis lamentava ter-lhe visto pouco antes da morte, quando ainda era *todo vida e saúde.* Ronald de Carvalho, como Joaquim Nabuco, alertavam para o talento desperdiçado, colocando que *Eduardo Prado é, em suma um ensaísta atilado e seguro, e um escritor perfeito, que, com pouco mais, teria sido verdadeiramente grande.*<sup>52</sup> Múcio Leão, analisando mais profundamente o momento, dá uma das melhores descrições perante o mar de homenagens: *De Eduardo Prado três imagens diferentes parecem ter se fixado definitivamente em nosso espírito: a do dandy, a do monarquista, a do adversário dos Estados Unidos.*<sup>53</sup> Joaquim Nabuco, saindo de seu habitual comedimento ao se tratar de Eduardo Prado, permite-se afirmar que *o país perdeu uma de suas inteligências ainda plásticas, frescas, progressivas. Por mais que ele fizesse tudo para parecer um homem do passado, todo ele era movimento, vida, futuro.*<sup>54</sup>

A partir daí, apesar de homenagens esporádicas em círculos monarquistas ou entre estudiosos dos desmandos dos EUA com o Brasil, a figura de Eduardo Prado vai sendo relegada a segundo plano. De suas obras, apenas *A Ilusão Americana* e trechos das *Conferências Anchiitanas* foram republicados, apesar dos esforços de sua mãe em reeditar seus escritos<sup>55</sup>. Lembrado em alguns momentos ou revivido em biografias laudatórias<sup>56</sup>, Eduardo foi relegado a figurar entre os vultos secundários da história do Brasil, política e intelectualmente, o que se faz uma perda para qualquer estudo que tente encontrar as consequências diretas da Proclamação da República no Brasil, seus adversários e objetivos, desconstruindo a velha imagem de que o país recebera a notícia de mudança de regime sem esboçar nenhuma reação.

<sup>51</sup> **Comércio de São Paulo.** 1 de outubro de 1901.

<sup>52</sup> **AUTORES e Livros.** Suplemento literário do jornal “A Manhã”. Vol.VI, nº6, ano IV, 13/02/1944.

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Um esforço importante neste sentido foi a publicação de suas *Coletâneas*, reunindo a grande maioria de seus artigos políticos.

<sup>56</sup> PAGANO, Sebastião. *Eduardo Prado e Sua Época.* São Paulo: O Cetro, 1960. MOTTA Filho, Cândido. *A Vida de Eduardo Prado.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1967



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, concluído, encerra a busca por respostas sobre a trajetória de um dos personagens mais complexos da luta monárquica na primeira década republicana. Deparamo-nos com grandes desafios, de encontrar em sua trajetória pessoal rumos que permitissem dimensionar seus impulsos e tendências que fizeram de Eduardo Prado um dos mais ardentes antirrepublicanos que o país conheceu. Encontramos, nesta etapa, muitas diretrizes que ajudaram a encaixá-lo em seu contexto social e político, mas muitas outras se perdem no emaranhado do espírito humano e suas escolhas individuais.

Levantamos as origens de Eduardo Prado, procurando demonstrar que não apenas respondia a interesses econômicos em sua defesa monarquista, mas também aos valores eurocêntricos presentes em sua formação em uma das famílias mais importantes de São Paulo, que soube crescer na mesma proporção do desenvolvimento cafeeiro no Estado de São Paulo. Crescera em uma cidade pacata e pouco dinâmica, seguindo o caminho de seus irmãos na Faculdade de Direito de São Paulo, partindo para a Europa em seguida. O estudo de suas bases familiares foi fundamental para encontrar diretrizes de sua personalidade, fatos que propiciaram um estilo de vida diletante perante todos os contextos em que se inseriu.

Eduardo Prado viajou bastante, possuiu grandes conhecimentos em várias áreas, fruto de uma personalidade irrequieta e curiosa, capaz de gastar fortunas para realizar caprichos ou alimentar sua imagem de *bon vivant*, erudito crítico e aventureiro. Sua opção pelo monarquismo, já que não era seu defensor nos tempos do império, brota muito mais de uma inclinação estética-intelectual do que propriamente uma crença íntima, pautada em valores anteriormente formalizados. Na luta monárquica encontrou oportunidade de ascender como grande adversário da República, constantemente presente nos jornais, nem que tivesse que comprar o seu próprio, como o fez com o *Comércio de São Paulo*. Escreveu livros e artigos de crítica ao regime republicano brasileiro, que tiveram papel de destaque nos debates de transição política da época, estando ele em Paris ou no Brasil.

Nem todas as esferas sociais do Segundo Reinado aderiram de pronto à República, necessitando de lenta assimilação, além de renovação nos quadros políticos, para que se estruturasse com solidez no cenário nacional. De todos os grandes adversários que enfrentou entre os monarquistas, Eduardo Prado fora sem dúvida o que mais destoou do geral. Jovem e sem cargos políticos anteriores, sua postura pró monarquia foi também reflexo de seu apego à história e tradições brasileiras, em grande medida devidas ao contato com o Visconde de Rio

Branco, um de seus amigos mais íntimos e que deixou marcas profundas em sua forma de enxergar o seu próprio país.

Enfrentamos o desafio da procura de fontes, a grande maioria só editada no século XIX ou início do XX, desafio ao qual só foi possível transpor graças aos arquivos da Biblioteca Nacional, do IEB e da Academia Brasileira de Letras. As poucas obras biográficas ao nosso dispor possuíam grandes limites no ponto em que foram escritas com o propósito de enaltecer Eduardo Prado. Foram, no entanto, o melhor caminho para encontrar pequenos fatos de sua vida, informações individuais que trabalhos posteriores mais abrangentes não puderam abarcar. Neste equilíbrio de fontes e opiniões diversas, fomos aos poucos encontrando uma figura mais ampla à que nos aparecia num primeiro momento. Como explicar seu apoio a Joaquim Nabuco para que integrasse os quadros diplomáticos da República? Como explicar que ele mesmo se oferecera para servir de secretário caso assim o desejasse? Seu monarquismo, assim como outros tantos fatos em sua vida, foram idealizados e romanceados, nunca chegando às últimas consequências na realidade. O ofendido hoje era o amigo de amanhã, assim o foi com Ruy Barbosa e tantos outros. Um pesquisador mais atento da vida de Eduardo Prado sabe que não basta se ater ao que ele escreveu, diante de uma personalidade atípica a seu tempo. Foi preciso levantar, com igual importância, seus gostos pessoais, suas características de viajante, aventureiro, desorganizado, gastador, para entender que o mesmo que havia buscado fundos para a Revolta Federalista, envolvendo diretamente um conflito armado, ou que havia fugido do Estado de São Paulo até a Bahia, a cavalo, para então partir para terras francesas, era o mesmo que se levantou em defesa da participação dos monarquistas nas eleições republicanas. Não pudemos desconsiderar a imagem que dele nos fez Afonso Celso, ao afirmar que Eduardo Prado continuara a ser um estudante brincalhão, que até as coisas mais sérias levava na “brincadeira”. É, enfim, o diletante que, por caprichos, aliados a um senso financeiro prático, tornou-se monarquista e neste sentido encontrou uma forma de se inserir no contexto intelectual e político de seu tempo.

O trabalho, desta forma, cumpre seu objetivo inicial, em revitalizar o estudo sobre a importância de Eduardo Prado perante a oposição na primeira década republicana. Provavelmente sem ele o debate e as possibilidades de reunião teriam sido outras, sem o seu dinamismo, energia e condição financeira. Demonstramos como soube nutrir sua rede de amigos, organizando encontros e o próprio Partido Monarquista, escrevendo os artigos que mais alto chegaram na enxurrada de críticas ao novo regime político no país. Colocando à disposição de seus próximos os documentos e livros que possuía, foi responsável pela estruturação de importantes estudos, auxiliando materialmente para que outros, de maior

importância, ocorressem, com destaque para a ajuda financeira que sua mãe Veridiana Prado exerceu perante grandes nomes da intelectualidade brasileira, como Capistrano de Abreu e Orville Derby.

Eduardo Prado não seguiu os rumos de seus irmãos, tornando-se político ou grande fazendeiro. Tampouco esteve em condições de assumir a chefia da família, pouco afeito à sua organização familiar, casado pelas conveniências das ordens de sua mãe. Viajou, estudou, escreveu, conheceu nomes que para sempre figurarão no primeiro plano da intelectualidade mundial, como Eça de Queiroz e, morrendo aos 41 anos de idade em fins de 1901, não pôde presenciar a estruturação da República, caminhando justamente em sentido contrário aos seus escritos, no aburguesamento da elite brasileira, com proximidade cada vez maior com a cultura e a economia dos EUA.

Finalizamos assim o estudo da busca de Eduardo Prado pelo Império, traçando sua trajetória intelectual e política, cientes de ter avaliado o eco de seus trabalhos nos anos imediatos aos quais atuou. Disso concluímos que, a história brasileira, ao contrário do que se afirmou por longos anos, possui complicadas trincheiras a serem transpostas, para que suas pesquisas não caiam nos lugares comuns repetidos por décadas e que nos afastam de nossa verdadeira consciência historiográfica. O estudo da vida de Eduardo Prado, assumindo o pequeno papel que lhe cabe neste sentido, será sempre esclarecedor sobre o período em que se desenvolveu, trazendo luzes ao obscuro período de luta política que sucedeu o fim do Reinado de D. Pedro II.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

PRADO, Eduardo. **A Bandeira Nacional**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1903.

\_\_\_\_\_. **Coletâneas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904-1906.

\_\_\_\_\_. **A Ilusão Americana**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

\_\_\_\_\_. **Viagens, América, Oceania e Ásia**. São Paulo: Escola Tipográfica, 1902.

\_\_\_\_\_. **Viagens – A Sicília, Malta, O Egito**. Paris: V. Goupy e Jourdan, 1902.

QUEIROZ, Eça de. **Cartas**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

QUEIROZ, Eça de. **Correspondência**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

S. Frederico de. **Fastos da Ditadura Militar no Brasil**. Portugal : [s.n.], 1890.

NABUCO, Joaquim. **Diários**. v1/2. Rio de Janeiro: Massangana, 2005.

### **Bibliografia**

ABREU, Sérgio França Adorno de. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento : a geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo : Paz e Terra, 2002.

ARAGÃO, Pedro Moniz de. **Canudos e os Monarquistas.**” *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro:, Cia Tipográfica do Brasil, nº 237, out / dez. 1957.

ARINOS, Afonso. “Elogio de Eduardo Prado” in **Discursos Acadêmicos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

BASBAUM, Leôncia. **História Sincera da República. Das origens até 1889**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo, Sena – A obra de Paulo Prado**. Campinas: Papyrus, 2000.

CAMEU, Francolino; Peixoto, Artur Vieira. **Floriano Peixoto – Vida e Governo**. Brasília: Universidade de Brasília, 1983.

CARONE, Edgard. **A Primeira República**. São Paulo: Difel, 1969.

\_\_\_\_\_. **A República Velha (Instituições e Classes Sociais)**. São Paulo: Difel, 1970.

\_\_\_\_\_. **A República Velha (Evolução Política)**. São Paulo: Difel, 1974.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1987.

CAVALCANTI, Paulo. **Eça de Queiroz, Agitador no Brasil**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1959.

CHARTIER, Roger. **História cultural. entre práticas e representações**. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_ **Catalogue de la Bibliothèque Eduardo Prado. S**

CELSO, Afonso. “O Parlamento” in **A Década Republicana**. v. II. Rio de Janeiro: Cia Tipográfica do Brasil, 1899.

D’AVILA, Luiz Felipe. **Dona Veridiana –A Trajetória de uma Dinastia Paulista**. São Paulo: A Girafa, 2004.

ESCOBAR, Wenceslau. **Apontamentos para a História da Revolução Rio-grandense de 1893**. Brasília: Universidade de Brasília, 1983.

FREIRE, Felisbello. **História da Revolta de 6 de Setembro de 1893**. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

FREITAS, Affonso A. de Freitas. **A Imprensa Periódica de São Paulo**. São Paulo: Diário Oficial, 1915.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. Rio de Janeiro – Lisboa, Fundo de Cultura, s. d.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Do Império à República**, v. 5 in **Brasil Monárquico**, tomo II. São Paulo: Difel, 1983.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JUNIOR, Prof. Alfredo Ellis. **Um Parlamentar Paulista da República**. São Paulo: João Bentivegna, 1950.

LAFAYETTE, P. Saldanha da Gama. 2 vols. Rio de Janeiro, Ed. Souza, 1959.

LEVI, E. Darrell. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977.

LIMA, Oliveira. **Nos Estados Unidos – Impressões Políticas e Sociais**. Leipzig: F.A. Brockhaus, 1889.

LOBO, Francisco José da Silveira. **Últimos Dias da Monarquia em São Paulo**. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. Vol. XXVII. São Paulo: Irmão Ferraz, 1930.

MAGALHÃES Jr., Raimundo. **Rui o Homem e o Mito**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

MOTA Filho, Cândido. **A vida de Eduardo Prado**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967.

MONIZ, Edmundo. **Canudos: A Guerra Social**. Rio de Janeiro: Elo, 1987.

NABUCO, Joaquim. **A Intervenção estrangeira durante a Revolta de 1893**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

NABUCO, Joaquim. **Diários**. Rio de Janeiro: Editora Bem Te Vi, 2004. V. 1-2.

PAGANO, Sebastião. **Eduardo Prado e sua época**. São Paulo: O Cetro, 1960.

PRADO Jr., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1956.

PEREIRA, Baptista. **Eduardo Prado: O Escritor – O Homem**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1902.

PETRONI, Maria Thereza Schorer. **O Barão de Iguape**. São Paulo: Ed. Nacional/MEC, 1976.

QUEIROZ, Eça de. **A Cidade e as Serras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

QUEIROZ, Suely Robbes Reis de. **Os radicais da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

REZENDE, Padre José Severiano de. **Eduardo Prado – Páginas de Crítica e Polêmica**. São Paulo: N. Falcone & C. Editores, 1905.

RICUPERO, Bernardo. **O romantismo e a idéia de nação no Brasil**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

RIoux, J.P. & SIRINELLI, J.F. (org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SENA, Ernesto. Deodoro: **Subsídios para a História**. Brasília: Senado Federal, 1999.

SILVA, Hélio. 1889: **A República não pôde esperar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

VIANNA Filho, Luiz. **Rui e Nabuco**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

VIANNA, Hélio. **História Diplomática do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1958.